

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO
CENTRO DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO

VALÉRIA ALVES PAZ

**HISTÓRIA DO COLÉGIO SÃO CARLOS DE
CAXIAS DO SUL, RIO GRANDE DO SUL
(1936-1971)**

Caxias do Sul
2013

VALÉRIA ALVES PAZ

**HISTÓRIA DO COLÉGIO SÃO CARLOS DE
CAXIAS DO SUL, RIO GRANDE DO SUL
(1936-1971)**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Orientadora: Dra. Terciane Ângela Luchese

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

P348h Paz, Valéria Alves
História do Colégio São Carlos de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul (1936-1971) / Valéria Alves Paz. 2013.
157 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.
Orientação: Profª. Drª. Terciane Ângela Luchese

1. Escolas particulares - História. 2. Escolas católicas – Caxias do Sul. 3. Escolas para meninas. 4. Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrianas. I. Título.

CDU : 37.018.593(091)

Índice para catálogo sistemático:

- | | |
|---|----------------------------------|
| 1. Escolas particulares – História | 37.018.593(091) |
| 2. Escolas católicas – Caxias do Sul | 37.018.58:27(816.5CAXIAS DO SUL) |
| 3. Escolas para meninas | 37.04.1-055.26 |
| 4. Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrianas | 27-789.9SCALABRIANAS |

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Kátia Stefani – CRB 10/1683



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

***“História do Colégio São Carlos de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul
(1936 - 1971)”***

Valéria Alves Paz

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação

Caxias do Sul, 20 de março de 2013.

Banca Examinadora:

Dra. Terciane Ângela Luchese
(presidente – UCS)

Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin (UNISINOS)

Dr. Lúcio Kreutz (UCS)

CIDADE UNIVERSITÁRIA

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – B. Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone / Telefax (54) 3218 2100 – www.ucs.br
Entidade Mantenedora: Fundação Universidade de Caxias do Sul – CNPJ 88 648 761/0001-03 – CGCTE 029/0089530

*Uma idéia na cabeça, uma pergunta na boca, os recursos de
um método nas mãos e um universo de fontes diante de si a
explorar.*

Pesavento, 2003

AGRADECIMENTOS

No decorrer da construção desta dissertação, não posso somente dizer que a minha garra para a concretização foi o suficiente, contei num primeiro momento com a luz divina do meu anjo da guarda juntamente com Deus, por todas as bênçãos derramadas nos momentos de angústia e solidão.

Aos meus amigos Vera e Antônio Marcos pelo exemplo de fé, união e perseverança. Presentes em todos os momentos de alegria e de tristezas, semeando exemplos de atitudes e beleza incomparáveis.

À minha mãe Maria e meu pai Modesto mesmo com todas as provas de vida, ficaram ao meu lado, torcendo pela chegada desse momento de realização pessoal.

À minha irmã Fabiana, que mesmo na distância torcia pelas minhas conquistas.

Ao meu esposo Edson e minha filha Nathália, dedicação, paciência, amor e confiança foram necessárias para amparar nos momentos de dificuldades. Sempre os amarei eternamente, pois são os alicerces da minha vida. Somente através deles é que cheguei ao topo do meu sonho, pois nunca cobraram a minha ausência como mãe, esposa e amiga.

Além de todo esse apoio que recebi de familiares e amigos agradeço em especial à minha professora e orientadora Dra. Terciane Ângela Luchese, pela sua dedicação, conhecimento e humildade durante o processo de aprendizagem.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, pelas suas contribuições e reflexões durante a minha caminhada realizada no programa.

Agradeço o apoio dos membros do Colégio São Carlos quando me acolheram para a realização da pesquisa, à Diretora Irmã Sueli Nardini pela sua confiança ao abrir as portas da instituição para minha entrada; em seguida a disponibilidade e atenção da Secretária, recepcionada e atenciosamente atendida pela Monica B. Grandi e Ada Maria; não podendo deixar de agradecer também à Irmã Miralda e à Jussara da biblioteca do colégio.

Agradeço a todos que compartilharam comigo toda essa caminhada, intelectual e humana, principalmente ao meu esposo e minha filha, esse mérito também é de vocês.

Muito obrigada!!!!

*Dedico esta vitória ao meu esposo Edson Evair pelo
apoio e incentivo nas minhas escolhas e minha filha Nathália
pelo carinho e paciência.*

“Peco porque perco o viço

Lucro com novo vício:

Visto a vida com outros planos”

Valéria Tarelho

RESUMO

O presente trabalho teve como propósito pesquisar, analisar e compreender o processo histórico do Colégio São Carlos, criado pela Congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, em 1936, em Caxias do Sul. Pensando nas culturas escolares dessa instituição, busquei construir uma narrativa histórica que contemplou o seu cotidiano: sujeitos, práticas, espaços e tempos vividos no Colégio São Carlos. O estudo baseou-se nos pressupostos teóricos da História Cultural. As fontes utilizadas foram os documentos escritos (relatórios, projetos, orientações didáticas, movimento escolar, etc.) e fotográficos produzidos e arquivados pela instituição, bem como os documentos do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Assim, busquei interpretar de maneira menos homogeneizante o universo da escola, desenvolvendo uma visão mais ampla em relação às práticas escolares através da valorização das ações cotidianas, dos profissionais, de sua trajetória, além de questões de gênero. O texto foi organizado em quatro capítulos: as considerações iniciais com uma breve ênfase de como foi o processo da pesquisa; no capítulo 2, o contexto histórico das décadas de 1930 a 1970, de Caxias do Sul, retratando o papel da mulher na sociedade caxiense, sua educação e a formação da Congregação Scalabriniana. No capítulo 3 analisei de que forma essa congregação se estruturou em Caxias do Sul e suas atividades educacionais com a criação do Colégio São Carlos. Por fim, no capítulo 4, abordei as práticas escolares da instituição em relação aos seus discentes, os rituais e as rotinas. Nas considerações finais, concluo afirmando a importância do papel da mulher e seu processo educativo através da atuação da congregação carlista. Disseminando uma visão de pureza da mulher, as Irmãs preconizaram a educação das moças proporcionando conhecimentos através de vários cursos oferecidos pelo colégio. Atuaram educando essas moças, considerando o que a Igreja almejava como ideal para a mulher. Assim, foi de grande êxito o trabalho do Colégio na educação da mulher caxiense, mas não apenas. Ao narrar a história dessa instituição contribuí para pensar a educação em Caxias do Sul e no Rio Grande do Sul, a escolarização feminina, a contribuição e as interfaces entre escola e Igreja, entre outros aspectos, em perspectiva histórica.

Palavras-chave: Escola Confessional. Congregação Religiosa. História da Instituição. Educação Feminina.

ABSTRACT

This study had the purpose to research, analyze and understand the St. Carlos College's historical process, established by the Sisters' Congregation of St. Carlos Borromeo - Scalabrinians in 1936 in Caxias do Sul. Thinking in school cultures that institution, sought to construct a historical narrative contemplated his daily life: subjects, practices, spaces and times lived in St. Carlos College. The study was based on theoretical assumptions of Cultural History. The sources used were written documents (reports, projects, teaching guidelines, school movement, etc.). and produced photos and archived by the institution, as well as documents the João Spadari Adami's Municipal Historical Archives So, I tried to interpret in a less homogenizing way the school's world, developing a larger view regarding school practices through the enhancement of everyday actions, professionals, its history and gender issues. The text was organized into four chapters: the opening remarks with a brief emphasis on how the research process was, in Chapter 2, the historical context of the decades from 1930 to 1970 of Caxias do Sul, portraying the role of women in the Caxias do Sul society, their education and training of the Congregation Scalabrinian. In chapter 3, I analyzed how this congregation was structured in Caxias do Sul and its educational activities with the creation of the St. Carlos College. Finally, in Chapter 4, I discussed the school practices of the institution in relation to their students, rituals and routines. In the final considerations, I conclude by stating the importance of women's role and their educational process through the Carlist congregation's agency. Disseminating a vision of women purity, the Sisters have advocated the girls' education providing knowledge through many courses that were offered by the college. Acted educating these girls, considering what the Church craved as ideal for women. Then, the College's work educating the Caxias do Sul's women was a great work, but not only that. Telling the history of this institution, it was contributed to thinking about education in Caxias do Sul and in the state of Rio Grande do Sul, the female enrollment, contribution and interfaces between school and church, among other things, in historical perspective.

Keywords: Confessional School. Religious Congregation. Institution's History. Female Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:	Visita da Praça Dante Alighieri com manifestação em apoio ao Estado Novo – 1937.....	24
Figura 2:	Vista da Praça Dante Alighieri durante a Festa da Uva de 1933.....	26
Figura 3:	Primeiro prédio do Colégio N. S. Medianeira em Bento Gonçalves – 1915.	54
Figura 4:	Diploma de Conclusão do Curso Complementar da Irmã Maria Jacomina Veronese.....	59
Figura 5:	Casa Miguel Muratore.....	60
Figura 6:	Planta de Localização do Ginásio Feminino São Carlos em Caxias do Sul..	62
Figura 7:	Planta do Ginásio Feminino São Carlos em Caxias do Sul.....	65
Figura 8:	Sala de Aula do Ginásio São Carlos em Caxias do Sul.....	66
Figura 9:	Sala da biblioteca.....	68
Figura 10:	Sala de Física e Química.....	69
Figura 11:	Sala de Geografia.....	70
Figura 12:	Sala de Trabalhos Manuais.....	72
Figura 13:	Sala de História do Ginásio São Carlos – Caxias do Sul.....	73
Figura 14:	Corredor do segundo pavimento.....	74
Figura 15:	Imagem do Colégio São Carlos 1946.....	75
Figura 16:	Imagem do Colégio São Carlos 1965.....	75
Figura 17:	Refeitório das internas.....	78
Figura 18:	Dormitório das internas.....	79
Figura 19:	Enfermaria do Colégio.....	80
Figura 20:	Visita do Inspetor Marcos Batista Ribeiro.....	84
Figura 21:	Planta Baixa do Ginásio Feminino São Carlos – Caxias do Sul.....	86
Figura 22:	Carteira de Identificação.....	92
Figura 23:	Alunas do Primário 1954.....	106
Figura 24:	Alunas do Ginásio São Carlos, desfilando, em 1954.....	111
Figura 25:	Imagem 1956 de Sônia Cambruzzi – Motorista Rene Rossi – Maria Helena Tedesco. Professora da turma : Irmã Valéria Corrêa.....	112
Figura 26:	Desfile da Semana da Pátria de 1959.....	112

Figura 27: Uniforme do ginásial.....	115
Figura 28: Materiais utilizados na Disciplina de Ciências.....	124
Figura 29: Chegada das autoridades.....	126
Figura 30: Autoridades cantando o Hino Nacional – 1946.....	127
Figura 31: Programa de Inaugura do Ginásio – 1946	128
Figura 32: Leitura da Portaria Ministerial pelo Dr. Marcos Ribeiro.....	129
Figura 33: Descerramento da Placa Inaugural por D. José Baréa – 20/10/1946.....	130
Figura 34: Discurso de D. José Baréa no ato de inauguração do Ginásio –1946.....	131
Figura 35: Lembrança de inauguração do Ginásio são Carlos.....	132
Figura 36: Hino do Ginásio São Carlos.....	133
Figura 37: Despedida da 1ª Turma de Ginasianas – 1947.....	136
Figura 38: A aluna recebendo o Qual de Formatura.....	137
Figura 39: Quadro de Formatura da 1ª turma de Ginasianas – 1947.....	138
Figura 40: Desfile das alunas – 1947.....	140

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Intendentes/Prefeitos de Caxias do Sul período 1930-1970.....	29
Quadro 2:	Listagem das Irmãs admitidas e sua precedência.....	49
Quadro 3:	Colégio/Escolas/Institutos da Congregação Feminina (1921-1940).....	50
Quadro 4:	Alunas concluintes de 1935 – Escola Complementar de Caxias do Sul.....	58
Quadro 5:	Docentes no Ensino Secundário – 1946.....	93
Quadro 6:	Número de discentes matriculados entre 1936 e 1971.....	97
Quadro 7:	Distribuição dos horários das disciplinas da 1ª série do 1º ciclo.....	118
Quadro 8:	Distribuição dos horários das disciplinas da 2ª série do 1º ciclo.....	119
Quadro 9:	Distribuição dos horários das disciplinas da 3ª série do 1º ciclo.....	120
Quadro 10:	Distribuição dos horários das disciplinas da 4ª série do 1º ciclo.....	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Discentes matriculados por curso 1940-1955.....	99
Tabela 2:	Faixa etária de alunos matriculados em fevereiro de 1939.....	101
Tabela 3:	Faixa etária de alunas matriculadas em fevereiro de 1939.....	102
Tabela 4:	Discentes matriculados no Curso Elementar 1946-154.....	106
Tabela 5:	Discentes matriculados por curso 1956-1971.....	108

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

AHMJSA – Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

RCI – Região de Colonização Italiana

LVP/CSC – Livro Verificação Prévia do Ginásio São Carlos

HCSC – Histórico do Colégio São Carlos

SHGSC – Síntese Histórica do Ginásio São Carlos

DNE – Departamento Nacional da Educação

EMBA – Escola Municipal Bela Artes

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
2	O PROCESSO HISTÓRICO DE CAXIAS DO SUL ENTRE OS ANOS 30 E 70 SÉC. XX.....	23
2.1	O CONTEXTO HISTÓRICO DE CAXIAS DO SUL NAS DÉCADAS DE 1930 A 1970.....	23
2.2	O CONTEXTO DA MULHER CAXIENSE E SUA EDUCAÇÃO.....	30
2.3	A EDUCAÇÃO EM CAXIAS DO SUL.....	36
2.4	CAMINHADA HISTÓRICA DA FORMAÇÃO DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE SÃO CARLOS BORROMEO – SCALABRINIANAS....	40
2.4.1	Primeiras obras das Irmãs de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas no Rio Grande do Sul.....	52
3	O COLÉGIO SÃO CARLOS E SUA ORGANIZAÇÃO EM CAXIAS DO SUL.....	57
3.1	AS IRMÃS SCALABRINIANAS FAZENDO HISTÓRIA EM CAXIAS DO SUL.....	57
3.2	A CRIAÇÃO DO COLÉGIO SÃO CARLOS EM CAXIAS DO SUL.....	61
3.2.1	Da inspeção à autorização do Curso Ginásial.....	76
3.3	UM BREVE HISTÓRICO DOS CURSOS ANEXOS OFERECIDOS A MENINAS ANTES DO CURSO GINÁSIAL.....	88
3.4	O REGIMENTO ORGANIZACIONAL E ADMINISTRATIVO DO COLÉGIO SÃO CARLOS.....	90
4	COTIDIANO DO COLÉGIO SÃO CARLOS: DISCENTES, ROTINAS E RITUAIS.....	96
4.1	OS DISCENTES.....	96
4.1.1	Regimento do Colégio São Carlos para seus discentes.....	110
<i>4.1.1.1</i>	<i>O regimento para os alunos externos.....</i>	<i>110</i>
<i>4.1.1.2</i>	<i>Normalizando a vida no internato: o regimento.....</i>	<i>113</i>
4.2	DISCIPLINAS OFERECIDAS NO GINÁSIAL.....	118
4.2.1	Disciplinas e conteúdos direcionados à mulher.....	122
4.3	RITUAIS FESTIVOS QUE MARCARAM ÉPOCA NO COLÉGIO SÃO CARLOS, FRENTE À EDUCAÇÃO FEMININA.....	126
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
	REFERÊNCIAS.....	147
	FONTES CONSULTADAS.....	154
	APENDICE.....	155

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A tessitura da história do Colégio São Carlos, localizado em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, demonstra de que forma esse tradicional colégio, hoje com 77 anos de atuação pedagógica na cidade, iniciou suas atividades no ano de 1936, em meio a uma reforma pedagógica que estava sendo projetada desde o início dos anos 30 (séc. XX).

Mediante o cenário de conflitos políticos e econômicos ocorridos entre as décadas de 1930 e 1940, Caxias do Sul acentuou a industrialização e, conseqüentemente, urbanização. Nesse tempo, as Irmãs de São Carlos Borromeo vieram para a cidade estabelecendo a primeira comunidade no Bairro São Pelegrino, no ano de 1936 e ali dando início às suas atividades pedagógicas, a pedido do Pe. João Meneguzzi.

Tenho ciência que as questões que envolvem a educação, sua trajetória e transformações têm sido tema de vários estudos em diferentes instituições acadêmicas, com enfoques diversos. Muitos trabalhos realizados no Rio Grande do Sul vinculam-se ao campo da *história da educação*. Entretanto, vale ressaltar que ainda há muitas lacunas na sistematização de dados de pesquisas relacionadas à história da educação regional e, principalmente, em questões relacionadas à educação das mulheres.

Nesse contexto, procurei reconstruir a história do Colégio São Carlos, localizado na Rua Sinimbu, 2.553, no Bairro São Pelegrino, na cidade de Caxias do Sul/RS. Acredito que narrar a história dessa instituição possibilita conhecer uma das mais tradicionais instituições de ensino de Caxias do Sul, proveniente de uma Congregação de Irmãs de origem italiana, a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas. Até o momento, somente uma Dissertação de Mestrado em Educação pela PUCRS, de autoria da Irmã Ema Bresolin, intitulada *Pedagogia carlista-scalabriniana no contexto socioeducacional de nosso tempo*, abordava lateralmente o tema de pesquisa que investiguei. Não foi localizado nenhum estudo referente ao Colégio São Carlos de Caxias do Sul e sua trajetória, nesses 77 anos de atuação.

A questão norteadora que propus para esse estudo foi: de que forma se poderia compreender e narrar o processo histórico do Colégio São Carlos, entre os anos de 1936 e 1971, ou seja, desde sua instalação até quando iniciou a educação mista formalmente. Sei que, a princípio, as Irmãs fundam o Colégio com o objetivo de educar as meninas da sociedade caxiense. Como questão de pesquisa eu pensei ser fundamental questionar quais foram as culturas escolares vivenciadas nessa instituição durante os anos pesquisados. O recorte

temporal pode ser justificado pelo início das atividades do colégio até o período (1971) em que o mesmo tornou-se, formalmente, um colégio misto.

Pensando um pouco sobre as motivações que levaram a pesquisar essa instituição escolar, identificam-se questões relativas à minha própria história de vida. Nasci em 15 de janeiro de 1975, na cidade de Esteio /RS, e minha vida escolar teve início nos anos 80 (séc. XX) em Caxias do Sul, na Escola Nossa Senhora de Fátima, que pertencia à Congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo, anexa à Escola Santo Antônio, no Bairro Rio Branco.

Essa escola confessional zelava pela ordem e disciplina. O medo que todos tinham de interromper a aula, de erguer a mão, de pedir licença para ir ao banheiro, etc. Era um misto de constrangimento e pavor pela exposição causada, mas também havia momentos – como as aulas de artes, em que os alunos realizam trabalhos manuais, como bordados, por exemplo – que eram de grande diversão, não esquecendo que todas as atividades de artes eram realizadas tanto por meninas como por meninos, sem nenhuma diferenciação. Desde muito cedo, fui incentivada a ser solidária com o próximo, iniciando ainda no Ensino Fundamental indo até o Ensino Superior. Tive uma formação com base em princípios educacionais e religiosos que promoviam o pensar sobre a formação moral e ética.

As contingências acabaram por transformar aquela jovem então, estudante em uma profissional dedicada e comprometida com o cuidado humano, dando início a esse desenvolvimento técnico de cuidado no Ensino Médio com a qualificação em Auxiliar de Enfermagem, realizada no Hospital Nossa Senhora Pompéia, com aulas ministradas por enfermeiras graduadas e Irmãs da Congregação de São José. Novamente tive um convívio com a educação religiosa e, relacionada aos princípios de cuidados com o paciente.

Ao ingressar no Ensino Superior continuei fazendo escolhas dirigidas para o cuidado e iniciei a graduação em Enfermagem. Essa prática acabou gerando várias interrogações, entre elas, algumas relacionadas à origem das Congregações que se dedicaram à educação e também aos cuidados à saúde dos imigrantes em nossa região. Esses questionamentos direcionaram-se principalmente ao papel educacional que as Congregações femininas estavam desenvolvendo na sociedade caxiense. Esse viés fez com que pudesse esquadriñar respostas capazes de corroborar a relação entre a atuação das Congregações, principalmente a das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, com quem tive maior contato durante o período educativo. De certa forma, a relação com o colégio e as Irmãs se mantém com a frequência escolar de minha filha, nessa instituição.

Essa retrospectiva da minha vida revela algumas das motivações pessoais, além das acadêmicas que incentivaram a pesquisa para compreender de que forma iniciou a história

dessa Congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas em Caxias do Sul. Essa construção histórica é de grande importância para entender os processos educacionais de Caxias em interface com a educação feminina, religiosa, em perspectiva histórica.

O objetivo deste estudo foi construir uma narrativa histórica sobre a escola criada pela Congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, com base nos pressupostos da História Cultural (BURKE, 1992; FONSECA, 2003). Dessa maneira, pretendi contribuir para uma melhor compreensão das práticas pedagógicas até os dias atuais, evidenciando suas transformações relativamente à educação feminina. Procurei considerar que

Os indivíduos são sempre, ao mesmo tempo, o que pensam que são e o que ignoram que são. As determinações permeiam as formas de representação, classificação e apreciação a que nos referimos ao falar da relação entre hábito e habitus, entendendo este último justamente como a matriz de tudo o que é voluntário e consciente, mas também como resultado de uma incorporação inconsciente de estruturas não de todo conhecidas. (CHARTIER, 2001, p. 172).

Ainda, de acordo com Chartier, acredito que

o objeto fundamental de uma história cujo projeto é reconhecer a maneira como os atores sociais investem de sentido suas práticas e seus discursos parece-me residir na tensão entre as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e os constrangimentos, as normas, as convenções que limitam – mais ou menos fortemente, dependendo de sua posição nas relações de dominação – o que lhes é possível pensar, enunciar e fazer. [...] O que toda história cultural deve pensar, portanto, indissociavelmente, a diferença pela qual todas as sociedades, por meio de figuras variáveis, separaram do cotidiano um domínio particular da atividade humana, e as dependências que inscrevem de múltiplas maneiras a invenção estética e intelectual em suas condições de possibilidade. (1994, p. 6-8).

Busquei, a partir dos referenciais teóricos, pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. Conforme Burke (2008), a palavra *cultura* era, anteriormente, utilizada como um conceito que se referia às artes e às ciências, havendo, posteriormente, outros significados, e empregada para descrever seus equivalentes populares. Porém, atualmente, esse termo passou a se referir a uma ampla gama de artefatos e práticas, pois não é mais a posse de documentos ou a busca de verdades definitivas, não é mais a era de certezas normativas, de leis e modelos que regem o social; é, talvez, uma era de dúvidas, de suspeitas, onde tudo é posto em dúvida, colocando em questão a coerência do mundo. Tudo o que foi, um dia, contado de determinada forma, pode vir a ser contado de outra; tudo o que hoje acontece terá, no futuro, várias versões narrativas. Mudou o mundo, mudou a história, mudaram os historiadores.

Se estamos em busca de retrair uma postura e uma intenção partilhada de traduzir o mundo a partir da cultura é preciso descobrir os fios, tecer a trama geral deste modo de fazer história, prestar atenção em elementos recorrentes e, talvez, relevar as diferenças entre os autores, o que sem dúvida é um risco. (PESAVENTO, 2003, p. 17).

A história é uma área do conhecimento que tem como objeto a educação, a partir de uma abordagem historiográfica, com base em conceitos e na conceptualização de natureza pedagógica. (MAGALHÃES, 1999). E a área da História da Educação, com categorias de análise e, como campo de investigação, colocando, assim, ao campo de pesquisa, a busca por novos referenciais teóricos, de modo a interpretar de maneira menos homogeneizante o universo da escola, desenvolvendo uma visão mais ampla em relação às práticas escolares através da valorização das ações cotidianas, dos profissionais, de sua trajetória, além de questões de gênero, raça e diferenças culturais. (LOPES, 2007).

Pode-se constatar que, nos últimos tempos, a História da Educação vem reconfigurando as investigações sobre a história das instituições educativas, as quais vêm continuamente passando por grandes transformações. Conforme Magalhães (1999), a historiografia se origina de (re)leituras de fontes secundárias em consonância com fontes primárias, construindo uma visão diferente, contrapondo-a ao que se está pesquisando.

Segundo Nóvoa (1995), as escolas são instituições que não podem ser pensadas como qualquer fábrica ou oficina; elas possuem suas particularidades, diferenciando-se por sua territorialidade espacial e cultural. Para que um pesquisador a analise, precisa conseguir mobilizar todas as dimensões pessoais, simbólicas e políticas da vida escolar. Para que o pesquisador possa dar andamento à sua pesquisa, necessita mapear fontes e preparar o terreno para uma crítica empírica vigorosa que constitua novos problemas, novos objetivos e novas abordagens. Assim, acredito que “a reflexão sobre fontes é ao mesmo tempo uma reflexão sobre os limites, não só das práticas institucionais, no que diz respeito à localização, conservação e divulgação de acervos, mas também das práticas discursivas no âmbito da história.” (NUNES; CARVALHO, 2003, p.29).

Através dessa perspectiva, com o objetivo de rever o conceito de *história institucional*, tendo como pressuposto básico a problematização das instituições com sua comunidade. Assim, busquei interpretar a identidade histórica do Colégio São Carlos mantido pelas Irmãs Scalabrinianas em Caxias do Sul/RS, me propondo a explicar sua história num contexto de reflexão de como esse educandário se organizou para ministrar uma educação voltada à mulher caxiense, desde sua instalação em 1936 até 1971.

Vidal (2005) afirma que o exercício da interpretação histórica é conferir inteligibilidade aos fatos recolhidos da documentação por meio de uma narrativa compreensiva. Ressalta que Certeau afirma que, para poder realizar essa pesquisa, o pesquisador deve lançar mão de conceitos. Para Magalhães,

a construção da história de uma instituição educativa visa, por fim, conferir uma identidade cultural educacional. Uma interpretação do itinerário histórico. [...] Ela se constrói a partir de uma investigação coerente e sob um grau de complexificação crescente, pelo que a triangulação entre as histórias anteriores, a memória e o arquivo, se haverá de contrapor uma representação sintética, orgânica e funcional da instituição. (1999, p. 72).

O historiador elabora suas informações a partir de fontes documentais, todas elas “chegam do passado e são plenas de relações de poder, de jogos, de sentido e significação, construídas e preservadas no tempo para as gerações futuras” (LUCHESE, 2010, p. 8), e, assim, organizando e interpretando, para poder fazer uma descrição do passado como se fosse um detetive. Segundo Ginzburg (1987), pode-se comparar o paradigma indiciário aos fios que compõem um tapete, trançados numa trama densa e homogênea. Ao analisar o documento, o pesquisador deve,

ir além daquilo que é dito, ver além daquilo que é mostrado. É a regra de ação desse historiador detetive, que deve exercitar o seu olhar para os traços secundários, para os detalhes, para os elementos que, sob um olhar menos arguto e perspicaz, passariam despercebidos. (PESAVENTO, 2003, p. 64).

Portanto, os documentos¹ não são provas, mas indícios da produção humana e são utilizados para se fazer uma narrativa acerca de sentidos e significados do objeto de pesquisa. Luchese (2010) comenta que através das leituras de Veyne, a história é conhecida por meio de documentos que, tomados pelo historiador, são lidos e, então, os indícios recorrentes são organizados, selecionados e narrados.

Para se realizar a análise documental, conforme Chartier (1991), a leitura não deve ser somente uma operação abstrata de intelecção, mas de redescobrir os gestos esquecidos, os hábitos desaparecidos, tentando nos colocar no local do *outro*.

Fontes são marcas do que foi, são traços, são cacos, fragmentos, registros, vestígios do passado que chegam até nós, revelados como documento pelas indagações trazidas pela História. [...] São fruto de uma renovada descoberta, pois só se tornam fonte quando contêm pistas de sentido para a solução de um enigma proposto. [...] Elas são, a rigor, uma construção do pesquisador e é por elas que se acessa o passado. (PESAVENTO, 2003, p. 98).

¹ Documento(s) – etimologicamente, conforme o dicionário Houaiss, provém do lat. *documentum*, i 'ensino, lição, aviso, advertência, modelo, exemplo, indício, sinal, indicação, prova, amostra, prova que faz fé, documento', do v. lat. *docere* = 'ensinar'. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. (2012).

Na visão de Luchese, o documento escrito não é uma produção natural, pois considera importante os elementos que permitem compreender o discurso ali veiculado para que a análise documental seja realizada. Para isso, utiliza-se de Chartier, dizendo que o pesquisador precisa perguntar,

qual o contexto social/cultural, econômico e político em que o documento foi produzido? Quem escreveu? De que lugar social? Para quem escreveu? Quem foram os seus interlocutores? Para quem estava direcionado? Quais opiniões, informações e discursos são colocados? Que indícios discursivos são reforçados? (LUCHESE, 2010, p. 9).

É através das perguntas realizadas pelos pesquisadores que têm início os traços da história, começando desse modo a surgir a interpretação do objeto pesquisado e suas narrativas históricas.

Escrever a História, ou construir um discurso sobre o passado, é sempre ir ao encontro das questões de uma época. A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado. (PESAVENTO, 2003, p. 59).

Através dessas reflexões feitas pelos autores mencionados anteriormente, em relação ao processo de como um investigador deve começar sua pesquisa, teve início este trabalho com foco na análise documental. As fontes utilizadas na pesquisa foram documentos escritos (relatórios, projetos, orientações didáticas, currículos) e fotográficos produzidos pela instituição e arquivados no Colégio São Carlos, bem como documentos localizados no acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Entre eles, podem ser citados os seguintes pertencentes ao acervo do Colégio São Carlos: fotografias diversas; relatórios de inspeção do período; currículos; livro de matrícula escolar; movimento escolar; relação das diretoras e relação de professores e disciplinas administradas na época, entre outros materiais que foram utilizados e provenientes do acervo do colégio que relevam as histórias que marcaram os diversos momentos.

As primeiras fontes primárias encontradas foram resenhas produzidas pelas próprias diretoras da instituição, deixadas como documentos, a partir da vinda das Irmãs de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas para o Brasil até sua instalação em Caxias do Sul, disponibilizadas e organizadas no arquivo histórico do colégio. Toda essa documentação está disponibilizada no arquivo da secretaria do Colégio São Carlos, catalogada e distribuída em um enorme armário, todos em bom estado de conservação. No decorrer da pesquisa algumas lacunas foram encontradas não havendo muitos registros sobre o início de suas atividades. O que mais

foi encontrado e que se mantém arquivado são fotos e muitas das informações que foram dadas pela Diretora Irmã Eclair Dall' Agnol, quando desempenhou a função entre 1971 e 1975. Ela arquivou não sabendo informar se foi nessas respectivas datas que fez a montagem desses materiais e também muitos outros organizados pela Irmã Ema Bresolin que, durante sua pesquisa para a Dissertação de Mestrado deu continuidade à organização de algumas sínteses históricas. Essas, com certeza, tiveram o apoio de outras Irmãs que, neste estudo, não foram identificadas. Assim, como situa Magalhães

o cotidiano de uma instituição fica representado em memoriais, arquivos (escritos), porém com troca de autores as memórias são trocadas durante sua trajetória. Para se construir a história, uma história das instituições educativas o material de montagem que podemos utilizar como fontes são as memórias e o arquivo; pois nenhuma construção dessa história é estática não [e] podemos partir de uma única fonte. (1999, p. 69).

De acordo com os apontamentos, pretendi reconstruir a história do Colégio São Carlos, através de suas práticas escolares, entendidas como práticas culturais, a partir de um olhar científico sobre a instituição, pois não há como fazer uma análise da instituição se não a partir dela mesma, investigando as práticas ali desenvolvidas, com um recorte referente à atenção não apenas ao mapeamento da instituição, mas também ao sujeito-mulher, constituinte da história dessa escola.

Esse sujeito que compõe o cenário de pesquisa no momento da análise é formado por mulheres e como fazer esse cruzamento entre as discussões sem comentar sobre gênero “que é uma categoria útil para análise histórica” (SCOTT, 1990), pois esse foi um dos grandes focos para que ocorresse a caminhada dessa instituição. Para Rose, o trabalho histórico a partir do conceito de gênero é importante, considerando que

es fundamental para la definición del término "género" la idea de que esas diferencias son construidas socialmente. Lo que significa ser hombre o lo que significa ser mujer, las definiciones o interpretaciones de la masculinidad y de la feminidad, las características de las identidades masculina y femenina; todo es resultado de la cultura. (ROSE, 2012, p. 18).

Nessa direção, Grazziotin em sua pesquisa comenta que “[...] existe um discurso que produz o gênero, constituindo o lugar e o papel de homens e mulheres na sociedade. (2008, p. 101). Os sujeitos que estavam participando do cenário histórico da instituição eram vistos como portadores de diferenças ante a sociedade; assim, as culturas ali desenvolvidas estavam sendo referidas ao gênero que partilhava com aquela trajetória e com o contexto social resultado das culturas escolares, sua identificação na sociedade e desenvolvidas pelas práticas escolares da instituição.

A realização de estudos que utilizam culturas escolares como o objetivo de compreensão do cotidiano, estabelecendo um olhar às práticas escolares, como práticas culturais, necessita atentar não apenas para o mapeamento dos ambientes de poder das estratégias ali presentes, mas também para ênfase especial que é dada às ações dos indivíduos e às relações que estabelecem com os objetos.

Esse controle, conforme Julia é referente às culturas escolares que podem ser demarcadas como um

conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização); [...] é conveniente compreender também, quando é possível, as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios de recreio e o afastamento que apresentam em relação às culturas familiares. (2001, p. 10-11).

Julia [em suas pesquisas referentes a culturas escolares] critica as análises de Bordieu e Passeron que pretendiam ver a escola apenas como um lugar de reprodução social. Ele arbitrou uma averiguação das práticas cotidianas sobre o funcionamento interno da escola. Propunha uma história das disciplinas escolares, constituída com base na ampliação das fontes tradicionais. Queria que fosse realizado um estudo voltado ao interior das instituições de ensino, ou seja, um estudo que abrisse e desvendasse a “caixa- preta”, metáfora muitas vezes utilizada por ela como valor. (Apud VIDAL, 2005).

Esta caminhada investiga o Colégio São Carlos e para tal algumas escolhas para construir a narrativa foram necessárias. Na divisão dos capítulos, optei por apresentar, no Capítulo 1, as considerações iniciais, descrevendo o percurso alinhavado na condução da pesquisa, esclarecendo o leitor sobre o objeto do estudo.

O segundo capítulo, intitulado O processo histórico de Caxias do Sul entre os anos 30 e 70 séc. XX, apresenta o contexto histórico das décadas de 30 a 70 (séc. XX), em relação à cidade de Caxias do Sul, relativamente a questões políticas, econômicas, sociais e culturais, bem como o retrato/perfil da mulher visto pela sociedade, referentemente à sua educação, além de salientar como se organizava a educação nessa época, na cidade, e como foi a formação da Congregação Carlita naquele passado. Analisei como teve início a primeira Congregação feminina, a Congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, de origem italiana antes de começarem as atividades educacionais em Caxias do Sul.

O terceiro capítulo, O Colégio São Carlos e sua organização em Caxias do Sul, discorre sobre como ocorreu a chegada das Irmãs Scalabrinianas nesta cidade, como iniciaram

suas atividades na instituição de ensino, o espaço escolar na sua primeira inspeção até o reconhecimento do curso Ginásial e quais foram os cursos oferecidos por elas até a oficialização do Ginásial, principalmente direcionado para meninas. Pontuo como as Irmãs organizaram internamente o Colégio para manter a ordem e a disciplina, construindo um educandário reconhecido pela sociedade caxiense.

Seguindo nesse pensamento é que se constitui o quarto capítulo, Cotidiano do Colégio São Carlos: discentes, rotinas e rituais; principalmente sobre as práticas escolares, vivenciadas pelos discentes no transcorrer dos anos 30 do século XX, no Colégio São Carlos, com maior desdobramento sobre o curso Ginásial. A educação da mulher, regulamentada e vigiada, é pensada a partir de alguns aspectos da cultura escolar do Colégio São Carlos.

Dessa forma, a cultura escolar acionava também os espaços, os tempos e a materialidade da escola, pois devia [e deve] ser entendida, considerando toda e qualquer fuga do cotidiano, seja de geração para geração, através de uma escala disciplinar de horários preestabelecidos, na própria divisão do ano em bimestres ou trimestres, na obra da escola e no seu mobiliário, na quantidade de alunos e professores, na disposição física dos objetos da instituição, entre outras fontes que possam ser utilizadas para análise. (FARIA FILHO et al., 2004).

Assim, como comenta Gruzinski,

Cabe ao historiador encontrar, sob as diferenças cultivadas pelas tradições locais e pelas visões de inspiração antropológica, continuidades, conexões ou simples passagens, muitas vezes minimizadas, quando não radicalmente excluídas da análise. Assim, é preferível falar do Outro em vez de analisar os espaços intermediários nos quais este Outro se encontra e se mescla. (2003, p. 323-324).

Portanto, através desta pesquisa que tem como finalidade fazer uma reflexão acerca do contexto de uma Congregação feminina de origem italiana educando meninas de uma região de colonização italiana e analisar como a sociedade a recebeu, levando em conta seu carisma. Até a chegada na região, quem se encarregava de educador as meninas no curso Ginásial eram as Irmãs de origem francesa.² Assim, se pode fazer uma reflexão sobre os métodos pedagógicos por elas desenvolvidos e a participação que a sociedade teve juntamente com elas na formação de tantas gerações de caxienses.

² As Irmãs de São José tinham se estabelecido, em Caxias do Sul, em fevereiro de 1901 e instalado o Colégio São José.

2 O PROCESSO HISTÓRICO DE CAXIAS DO SUL ENTRE OS ANOS 30 E 70 DO SÉC. XX

Este capítulo tem como propósito narrar aspectos históricos das décadas de 1930 a 1970 em Caxias do Sul nos aspectos políticos, econômico, social e cultural bem como um breve histórico da educação, do papel da mulher na sociedade caxiense, enfatizando a atuação de Congregações religiosas, especialmente das Irmãs de São Carlos Borromeo, estabelecidas em Caxias do Sul, em 1930. O objetivo deste capítulo é mostrar o contexto da cidade em seu desenvolvimento, circundado por uma reflexão histórica de como ocorreu o ensino nesse município.

2.1 O CONTEXTO HISTÓRICO DE CAXIAS DO SUL NAS DÉCADAS DE 1930 A 1970

Na década de 1930, com o fim da Primeira República, Getúlio Vargas assumiu como presidente do Brasil. Anteriormente, tinha sido governador do Estado do Rio Grande do Sul, de 1928 a 1930. Naquele período, quem estava à frente da Intendência Municipal de Caxias do Sul, era Thomás Beltrão de Queiroz, que não conseguiu cumprir seu mandato até 1930. (MACHADO, 2001). Após sua morte, quem assumiu o mandato foi o seu vice, Cel. Miguel Muratore, nessa época participante do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR),³ cuja nomenclatura passa de PRR para PRL⁴ em 1930. (DALLA VECHIA et al., 1998). Anos depois, com o Estado Novo, Caxias do Sul desempenhou um papel fundamental de apoio ao governo, através do fornecimento de gêneros alimentícios e de vestuário, dados por empresários que emprestaram todo seu apoio às forças getulistas.

Vitorioso, assume a presidência da república [sic] e nomeia interventor para os governos estaduais. No Rio Grande do Sul, é indicado para o posto de interventor o então deputado José Antônio Flores da Cunha, que permaneceu no cargo até 1935, ano em que assume um novo mandato, desta vez eleito pela Assembléia Constituinte Estadual. Entretanto seu mandato fora abreviado por nova mudança na conjuntura política nacional, com o advento do Estado Novo. (TOMAZONI, 2011, p. 26).

Pois nessa época o estado do Rio Grande do Sul estava enfrentando uma crise política, “[...] devido ao partidarismo profundamente instaurado nas instancias administrativas estaduais” (TOMAZONI, 2011, p. 26), quem participou para que essa crise pudesse se

³ O PRR “dirigiu a organização da República no Rio Grande do Sul, com a implantação da ditadura científica positivista”. (ALBECHE, 1997, p. 7). Importante é lembrar que o PRR serviu-se do pensamento de Augusto Comte para embasar e validar um discurso autoritário e moralizador. O nome de Júlio de Castilhos e do PRR seria identificado “como únicos guardiões da Ordem e Progresso, sustentando a ideia de que somente a elite esclarecida seria capaz de conduzir o estabelecimento da ordem republicana, representando e dirigindo os interesses de todos os indivíduos da sociedade”. (BERGOZZA, 2010, p. 39).

⁴ PRL – Partido Republicano Liberal.

estabelecer foram principalmente a população formada pela elite dessa região. O Estado Novo entrou em vigor no Rio Grande do Sul antes mesmo de funcionar em todo o país, que ocorreu no ano de 1937. (TOMAZONI, 2011).

À instalação do Estado Novo, o País sofreu uma série de transformações políticas e econômicas que afetaram diretamente a nação. Essas alterações, tanto no modelo econômico como na gestão política, abalaram estruturalmente algumas instituições que se apresentavam como alicerce da sociedade brasileira. (DALLA VECCHIA et al, 1998, p. 149).

Figura 1- Vista da Praça Dante Alighieri com manifestação em apoio ao Estado Novo – 1937



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJA).

Pode-se observar na figura 1, que em Caxias do Sul houve uma manifestação em apoio ao Golpe de Estado no governo de Vargas. Vê-se nas escadarias da Catedral Diocesana, uma faixa com os seguintes dizeres: “Os caxienses saúdam no Estado Novo a Extinção dos Extremismos”, e, como se pode notar, há um número significativo da população nesse local, principalmente na escadaria. Além da disposição de outras pessoas no centro da praça e com a presença de militares entre eles, todos estão posicionados de frente para a catedral, sendo que essa população estava sendo mais representada pelo gênero masculino e havia pouca representação do gênero feminino, pois, nessa época, as manifestações políticas eram exercidas pelos homens. Não se pode deixar de destacar que, além de todos esses contextos que podem ser observados, ainda um significativo aspecto marca essa imagem: nesse momento, também está sobrevoando a manifestação uma aeronave. Isso mostra como o

nacionalismo estava se fortificando diante da população, mas, como foi comentado, sem a presença das mulheres nas manifestações.

A realidade do estado desde a Revolução de 1930 até o fim do estado Novo, em 1945, era outra: Getúlio Vargas assumiu o governo provisório até 1934 que culminou com a Constituição e nesse ano, foi eleito de modo indireto para governar o Brasil. O Golpe do Estado Novo ocorreu em 1937, dando a Vargas a prerrogativa de ficar no poder como ditador até 1945. Esse período foi chamado Estado Novo. Nesse tempo, também foi iniciada a campanha referente ao nacionalismo, principalmente nas áreas de imigração italiana e alemã, pois Caxias do Sul fora uma cidade que “revelou uma atitude dúbia mantida pelo prefeito, agradando a nacionalistas e a grupos imigrantes com fortes laços com a Itália fascista”. (TOMAZONI, 2011, p. 26).

Apesar de todo esse conflito político e econômico, ocorrido durante a Revolução de 1930, houve um incentivo ao desenvolvimento industrial, em Caxias do Sul, nas décadas de 1930 e 1940. Segundo Machado (2001), houve harmonia entre o Poder Público municipal e as lideranças empresariais, o que devolveu, assim, aos poucos, o perfil industrial da cidade. Nos anos 1950, a liderança que era mantida pelo comércio passa a ser substituída pelo setor industrial. Durante o desenvolvimento dessas indústrias tradicionais, começaram a aparecer outras mais dinâmicas que se fortaleceram a partir dos anos 1960 e 1970. (HERÉDIA, 1993).

Com o desenvolvimento industrial, são várias fases, à história da região, deixando um forte marco de sua expansão, como comenta Dalla Vécchia e outros:

A expansão industrial de Caxias do Sul tem, aproximadamente, a conformação nacional de 1930 até 1950; dá-se a substituição de importações de bens de consumo não-duráveis no País, desenvolvendo este ramo industrial. De 1950 a 1964, dá-se o desenvolvimento de indústrias de bens de consumo duráveis, através do mesmo processo de substituição de importações. (1998, p. 57).

Na década de 30 o marco histórico em Caxias do Sul em relação à economia foram as indústrias têxteis, a metalúrgica, a de madeiras e de alimentos, em confronto com a produção agrícola, pois, de 1942 a 1945, ocorreu um importante crescimento da produção industrial e uma diminuição da produção agrícola. Durante esses anos, quem estava à frente da gestão, conforme Herédia (1997) era Getúlio Vargas, que mantinha “todo um discurso da importância da indústria e do modelo de substituições das importações”. (HERÉDIA, 1997, p. 72).

Um dos marcos importantes do crescimento industrial nos anos 30 foi à primeira Festa da Uva ocorrida em 1931 e, em 1932, foi aprovada a realização da segunda festa que ocorreu no mês de fevereiro do mesmo ano, “decidindo-se que teria os auspícios da

Associação dos Comerciantes e com o patrocínio da Prefeitura Municipal, [...] para a construção de um amplo pavilhão na Praça Dante, para abrigar a exposição e a feira agroindustrial”. (MACHADO, 2001, p. 240-241). Essa festa tornou-se tradicional e é festejada até os dias atuais, porém em outra localização da cidade.

Figura 2 – Vista da Praça Dante Alighieri durante a Festa da Uva de 1933



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA).

Na figura 2, pode-se perceber que, em Caxias do Sul, foi realizada a construção do Pavilhão de Exposição da Festa da Uva, para a nova festividade que ocorreria no ano de 1933. Esse pavimento, como se pode verifica na imagem, estava localizado de frente para a Catedral Diocesana de Caxias do Sul, na Praça Dante Alighieri, de fácil acesso à comunidade, pois se encontrava bem ao centro dela e com laterais que davam livre passagem a ambos os quadrantes, possibilitando maior circulação dos visitantes.

Nessa época, na cidade, havia uma população de 32.773 habitantes, sendo habitantes da área urbana 9.975 e, na zona rural, 22.791. Na década de 50, segundo Dalla Vecchia e outros (1998, p. 31) houve um declínio da área rural e um crescimento da área urbana, cujo total dessa população era formada por 58.594 pessoas, sendo que 22.791 estavam localizadas na zona rural, e 35.803, na zona urbana, decorrente especialmente do processo industrial. Tomazoni afirma que

Caxias, [...], a partir de 1940, passava a ter um contingente populacional urbano maior que o rural. Caxias apresentará nesta década um crescimento de mais de 20% em relação à anterior, não por coincidência é nesta mesma década que a indústria passará a representar o mais importante setor da economia caxiense. [...] A indústria, já em 1930, contava com cerca de 280 estabelecimentos onde trabalhavam por volta de 3.000 operários, um terço da população urbana. (2011, p. 43).

Não se pode deixar de destacar que, no ano de 1933, ocorreu uma grande inauguração na cidade, ou seja, do monumento a Getúlio Vargas,⁵ na Praça Dante Alighieri, que já contava com a Catedral de Caxias do Sul que teve sua inauguração prestigiada no ano de 1899. Com todo esse desenvolvimento acontecendo, o município liberava verbas para a saúde pública, a fim de serem bem administradas tendo em vista a melhoria das condições de trabalho nos estabelecimentos comerciais e industriais, como o fornecimento de água e luz e a colocação de esgoto e coleta do lixo.

O fornecimento de energia elétrica era precária para atender às necessidades das empresas, motivo pelo qual muitas tinham energia própria, e outras, as mais antigas, procuraram se estabelecer junto a quedas d' água para aproveitar a força hidráulica. [...] O abastecimento de água também foi um dos problemas que a cidade de Caxias do Sul enfrentou desde o início, pela insuficiência de mananciais de água superficiais, ou pela falta de uma política racional de aproveitamento dos rios e dos arroios existentes. [...] O abastecimento era feito de poços artesianos e de fontes naturais. [...] O esgoto já estava sendo pensado no final da década de 20, porque a população reclamava do mau cheiro proveniente das águas servidas que escorriam a céu aberto nas sarjetas e nos terrenos da área urbana. (MACHADO, 2001, p. 123-124).

Um fato marcante na cidade, que ocorreu no ano de 1934, fez com que houvesse ainda mais o reconhecimento do crescimento de Caxias do Sul. Com a instituição do Bispado, iniciou as atividades como primeiro Bispo Sua Excia. Revma. D. José Baréa,⁶ nomeado no dia 8 de setembro de 1935, assumindo o cargo na instituição, no dia 11 de fevereiro de 1936, um ano depois de instalado na cidade, exercendo seu trabalho até o dia 19 de novembro de 1951, data de seu falecimento. Contou com o apoio do Pe. João Meneguzzi, líder da Comissão Pró-Bispado de Caxias do Sul. Após a morte de Dom José Baréa, quem assumiu o Bispado foi o Pe. João Meneguzzi, como Vigário Capitular, até 6 de dezembro de 1952. (ADAMI, 1971). Quem assumiu após o término de seu mandato foi Dom Benedito Zorzi que ficou à frente das atividades até 1983.

⁵ Desfiles cívico-patrióticos, quadros, mudanças de nomes de ruas, escolas, clubes... diversas ações poderiam ser enumeradas e todas decorrentes da campanha de nacionalização varguista.

⁶ “Dom José Baréa era filho de imigrantes italianos, nasceu em Nova Treviso, então município de Antônio Prado, estudou no Seminário Nossa Senhora da Conceição na cidade de São Leopoldo, recebendo uma sólida formação dos padres jesuítas. Foi ordenado sacerdote em São Leopoldo, no ano de 1918. Durante nove anos foi secretário particular de Dom João Becker. Em 1928, foi nomeado Reitor da Igreja Nossa Senhora do Rosário, em Porto Alegre, ali permanecendo até sua nomeação para Bispo de Caxias do Sul. (GRAZZIOTIN, 2010, p. 41).

O que merece ser destaque, no ano de 1937, foi à criação do Centro Cultural Tobias Barreto de Menezes,⁷ fundado por Percy Vargas de Abreu, um dos mais importantes personagens intelectuais da cidade, funcionando como centro de estudo e preparação profissional, oferecendo cursos noturnos de “Humanidades e Ciências” para a população. Com todas essas ideias, várias discussões políticas ocorreram em relação ao seu espírito socialista. Outro importante centro que foi inaugurado em 1939 foi o chamado Centro Literário José de Alencar, junto ao Círculo Operário Caxiense, com objetivo de realizar conferências, criar bibliotecas e sessões para leitura.

Nessa ocasião, já circulavam na cidade vários jornais, um deles foi o *Jornal da Mocidade*, cujo diretor foi Ítalo Balen, que ressalta uma importante notícia sobre a terceira visita do Príncipe D. Pedro de Orleans, neto de D. Pedro II, à nossa cidade, editado no dia 20 de novembro de 1938 com destaque para a primeira visita que ocorreu em 1885, tendo retornado em 1926.⁸ Além desse que já era apreciado pela população, também estavam em circulação em 1930, os seguintes: *Caxias* (1927-1932); *O Pissilone* (1931-1932); *O Jornal* (1931-1932); *O Momento* (1931-1932); *Caxias Jornal* (1932-1934); *II Gionarle Dell Agricoltore* (1934-1939); *A Luneta* (1933); *Folha do Nordeste* (1937); *O Assombro* (1937-1938); *A Época* (1938-1958). Ainda merece destaque os que fizeram parte da história de nossa cidade nos anos 40 a 70, como: *Despertar* (1947-1954); *O Debate Esportivo* (1949); *O Prático* (1951); *Diário do Nordeste* (1951-1954); *O Estudante* (1954-1955); *Boletim Eberle* (1956-1965); *Caxias Magazine* (1958-1970); *Panorama* (1958-1962); *Alvorada* (1959); *Ecos do Mundo* (1962-1964); *Brasilino* (1963-1964); *A Vanguarda* (1964); *Nosso Mundo* (1968); *Assessôr* (1965-1970); *Aurora Jornal* (1965) e *Pioneiro* (de 1948 até os dias atuais).

Não se pode deixar de comentar o modo como ocorreu o desenvolvimento econômico de Caxias do Sul, apesar de todas as dificuldades encontradas pelos imigrantes italianos ao chegar na região. Em pequeno prazo de tempo, conseguiram entre os desafios encontrados, se organizar economicamente. Ainda hoje, a região se destaca em relação ao País em relação ao seu panorama econômico uma das mais industrializadas e com um volume grande de importação.

Um dos principais colaboradores para que isso ocorresse foram os comerciantes, “aqueles que conseguiram acumular capital e investir em novas atividades, sendo uma delas a

⁷ O objetivo do centro era “reverenciar a memória dos grandes vultos da humanidade e do Brasil e valorizar o homem brasileiro. [...] Ocorria cursos de extensão cultural, nos quais eram expostos e debatidos temas sobre Filosofia, Lógica, Psicologia, Ética e Estética, [...] eram ministradas ensino de Matemática, Línguas, Geografia, História e Ciências Naturais”.(PAGANI,2005, p. 55).

⁸ Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (*Jornal da Mocidade*, 1938).

industrial”. (HERÉDIA, 1997, p. 63). No ano de 1901, foi fundada, em Caxias do Sul a Associação de Comerciantes,⁹ que apoiou muito, na região, a abertura de estradas, colaborando para o desenvolvimento econômico, pois “era dotada de um considerável prestígio político”. (HERÉDIA, 1997, p. 65).

Fizeram parte, nesse período, das décadas 1930 a 1960, colaborando com o desenvolvimento econômico, os seguintes Intendentes/Prefeitos de Caxias do Sul:

Quadro 1- Intendentes/Prefeitos de Caxias do Sul período 1930-1960

Intendente / Prefeito	Período Administrativo
Miguel Muratore	1930 – 1932
Dante Marcucci	1935 – 1946
Demétrio Niederauer	1947
Luciano Corsetti	1947 – 1951
Euclides Triches	1951 – 1954
Hermes João Webber	1954 – 1955
Ruben Bento Alves	1955 – 1959
Armando Alexandre Biazus	1960 – 1964
Hermes João Webber	1964 – 1969
Victório Trez	1969 – 1972

Fonte: Relatório de Intendência. Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Adami (1971).

No início do mandato de Miguel Muratore, já havia na cidade 325 estabelecimentos comerciais; ao término de seu mandato, esse número já tinha aumentado para 450 estabelecimentos comerciais. Isso demonstra que houve um significativo aumento do setor econômico durante seu governo.

Nessa época, a população totalizava 32.622 habitantes, havendo para eles consideráveis opções culturais. Bergozza, em sua dissertação, ressalta que:

Havia cinemas, teatros, centros culturais e cafés, dignos de grandes cidades, muitos espaços de sociabilidades e um certo cosmopolitismo estava presente na paisagem, sobretudo na área central. A formação de uma elite urbana que adquiria mais informação acabou estimulando algumas iniciativas relacionadas à programação cultural de Caxias. Algumas dessas iniciativas culturais estavam atreladas a um padrão folclórico, como é o caso da Festa da Uva. (2010, p. 35).

Com todo esse crescimento e desenvolvimento que ocorreria na cidade, em outubro de 1939, houve a “conclusão da primeira parte do calçamento da cidade, [...] [das] ruas que constituem a parte central da cidade”. (MACHADO, 2001, p. 297). Até o ano de 1948, havia

⁹ Defendeu sempre o interesse dos colonos nos problemas referentes à produção, circulação e distribuição das mercadorias, refletindo a íntima ligação atribuída pela organização dos comerciantes à agricultura. [...] Transformou-se em órgão comunitário reconhecido pelos comerciantes da região e pelos representantes do Estado.” (HERÉDIA, 1997, p. 64 -65).

somente quatro bairros oficializados pelas Leis 19, 32, 50 e 91, na cidade de Caxias do Sul, que eram os Bairros: Santa Catarina, Medianeira, Rio Branco e São Pelegrino, não havendo legislação específica na época.

Com o apoio das entidades em termos de investimento nas rodovias e na pavimentação da cidade como já comentado, nos anos 40 é que ocorreu a inauguração da atual BR 116. A cidade só teve sua denominação pela localização por decreto de 1944 oficializando seu nome: Caxias do Sul, devido à existência de cidade de igual nome no Estado do Maranhão.

Com toda essa infraestrutura que marcou o fim da década de 30 o início da década de 40, houve um investimento na área da saúde, com inauguração do Hospital Nossa Senhora de Pompéia, em 24 de dezembro de 1940, bem como na área da educação, com a abertura de algumas escolas particulares, municipais e estaduais, pois “o ensino era muito precário, [...] muitas vezes [acontecia] na própria residência”. (MACHADO, 2001, p. 283).

Antes dessa década, já havia na cidade algumas escolas particulares dirigidas por religiosos, pois eram as mais procuradas pelos colonos tendo em vista a sua cultura, principalmente porque podiam manter a língua materna. Dentro dessa realidade da década de 30, essas escolas, entre outras que surgiram na cidade, mesmo com toda a questão do projeto nacionalista¹⁰ ainda mantinham muito forte, em seu currículo, a língua estrangeira.

Para se falar sobre o desenvolvimento da educação em Caxias do Sul, nessa época, principalmente a relacionada ao gênero feminino, num primeiro momento é preciso, tecer um breve histórico do papel da mulher na sociedade nesse início de suas atividades para auxiliar o desenvolvimento do município da Região Nordeste do Rio Grande do Sul.

2.2 O CONTEXTO DA MULHER CAXIENSE E SUA EDUCAÇÃO

É preciso pensar no sentido e na importância dos estudos que, atualmente, se debruçam sobre a história da mulher, a partir de diferentes ênfases. Neste estudo, especialmente é analisado, a dimensão educativa da mulher, a sua escolarização. É em relação a esse fato que, nos próximos parágrafos, será explanado de que forma ocorreu o processo histórico do lugar da mulher, a sua educação numa nova sociedade que estava se formando na Região Nordeste do Estado. Tudo se inicia, num primeiro momento, tendo por base fatos referentes à imigração ao Brasil.

¹⁰ “Campanha de Nacionalização, pautada na eliminação de quistos étnicos, especialmente voltada aos territórios de colonização alemã e italiana. [...] Tomou o combate a escolas em língua estrangeira e a perseguição policial aos considerados não verdadeiros brasileiros.” (TOMAZONI, 2001, p. 30).

No início do processo migratório para o Brasil, a questão de oferecer educação às mulheres não foi uma preocupação da sociedade brasileira até meados do século XIX. O passado para elas, em relação, retratava a importância de suas atividades no lar, pois essa clausura doméstica não lhes permitia construir uma real visão da sociedade em que estavam inseridas; desenvolviam, assim, uma ignorância interna, marcada durante a vivência feminina no período colonial, adentrando o próprio período do Império. (Conforme estudos de ALMEIDA, BERGAMSCHI, LOURO e PERROT).

Durante o processo migratório que estava ocorrendo, principalmente proveniente da Europa, teve início, lentamente, uma nova cultura na sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, ocorria um importante movimento social, promovendo uma maior ênfase no fim do século XIX. Inicialmente parecia ser um movimento social e político, mas, com o decorrer do tempo, ele teve uma maior visibilidade no meio científico, permitindo, assim, uma visão diferente às mulheres, que foi sem dúvida, um dos principais acontecimentos que deram valor a elas. Então, o feminismo foi um importante movimento.¹¹ Mesmo assim, a mulher não deixava de ser considerada como esposa, e a maternidade, como suprema aspiração.

Em vista dos acontecimentos, a oligarquia brasileira percebeu que não mais seria importante educar suas filhas somente com uma visão doméstica, mantendo-as ignorantes, pois isso já estava se tornando incompatível com a sociedade que iniciava a urbanização. Não havia outros interesses para com a mulher, que não fossem os de saber dirigir uma casa e governar os escravos domésticos. A maioria delas não sabiam ler, escrever, conversar, conhecer um pouco da vida fora dos muros de sua casa e das paredes da igreja mais próxima. Para que isso ocorresse, era necessário que houvesse escolas para elas. Porém, a realidade nessas escolas era muito precária, não havia investimentos para a educação de meninas e nem mesmo um local apropriado para o ensino. Nesse viés,

a escola, como local que lida com ideias, local que produz e transmite cultura (portanto lida com representações da realidade) dará muito mais provavelmente ênfase às representações da classe dominante (porque esta classe que detém o poder material detém também a supremacia no âmbito das ideias); mas, como a escola está inserida na sociedade, ela abrigará sem dúvida também outras leituras da realidade,

¹¹“Do século XIX até as primeiras décadas do século XX, mudanças socioeconômicas ocasionadas pela implantação do regime republicano no país, pelo processo de urbanização e industrialização, pelas duas guerras mundiais e seus efeitos nas mentalidades da sociedade da época, pelas conquistas tecnológicas representadas pela difusão dos meios de comunicação, coincidiram com a eclosão das primeiras reivindicações do feminismo que, nos países aonde chegou, atingiu várias gerações de mulheres, ao alertar para a opressão e para a desigualdade social a que estiveram até então submetidas. Com o movimento feminista e na esteira das reivindicações pelo voto, o que lhes possibilitaria maior atuação política e social, a domesticidade foi invadida e as mulheres passaram a atuar no espaço público e a exigir igualdade de direitos, de educação e profissionalização”. (ALMEIDA, 1998, p. 26-27).

sendo ela própria espaço de contradição e, conseqüentemente, de luta. (LOURO, 1986, p. 4).

Segundo Almeida (2007), a mulher brasileira do século XIX tinha como responsabilidade educar seus filhos, função que vigorava na política, na ciência, entre sanitaristas e intelectuais, mas nunca deveria ir além dos muros de sua casa, muito menos ser submetida a trabalho assalariado.

O trabalho somente poderia ser lícito se significasse cuidar de alguém, doar-se com nobreza e resignação, e servir com submissão, qualidades inerentes às mulheres, premissas com as quais também se afinavam profissões ligadas à saúde, como enfermeira ou parteiras. (ALMEIDA, 2007, p. 73).

Sob esse olhar, queria era ligar a educação da mulher à Igreja Católica, porque ela mantinha uma diretriz, ou seja, a educação era direcionada para o lar, o marido e os filhos. Com a educação, elas teriam como passar para seus filhos a importância da moral, dos bons costumes. Elas seriam para os filhos como guardiãs das virtudes e da religiosidade, pois viam nas mulheres um “corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde-se torna hábil ou cujas forças se multiplicam”. (FOUCAULT, 1987, p. 163).

Considerando essa realidade, elas ultrapassariam as barreiras domésticas construídas durante anos, podendo, assim, iniciar uma conquista, uma posição no espaço público. Assim sendo, eram “possuidoras de saberes domésticos e de saberes privados sobre o mundo dos homens, desejam o saber público, mesmo derivado do saber masculino e referendado com seu selo oficial.” (ALMEIDA, 2007, p. 83).

Para a concretização desse processo, seria necessário um ambiente adequado para que ocorresse a educação consoante à moralidade da época e diante da então sociedade brasileira. Vivenciaram uma realidade fora do lar, porém continuavam atendendo ao seu conteúdo essencial, destacando o papel e as atribuições da mulher: aprender a bordar, coser, fazer doces, ler, escrever e contar histórias, manter o conhecimento da língua romana (latim), aprender música e a história da Bíblia Sagrada.

O Homem-máquina de La Mettrie é ao mesmo tempo uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de “docilidade” que une ao corpo analisável o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode se submetido, que pode ser utilizado, quer pode ser transformado e aperfeiçoado. (FOUCAULT, 1987, p. 163).

Como comenta Louro (1986), havia uma ideologia na qual se inseria um perfil dócil da mulher, submissa e obediente, dedicada até o momento às funções de mãe ou a uma participação profissional condizente com essas funções, como se lê:

As mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas, ou seja, para elas, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter, sendo suficientes, provavelmente, doses pequenas ou doses menores de instrução. Na opinião de muitos, não havia por que mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisava ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro. (LOURO, 2006, p. 446).

Nesse contexto de discussão da educação da mulher e considerando a visão religiosa, quem teria melhores condições, nesse momento, de promover essa educação seriam as congregações que estavam também iniciando seus papéis sociais na sociedade brasileira. A vinda delas iniciou no século XIX, pois estavam geralmente imbuídas de forte ardor missionário; tinham em mente a missão de ensinar a doutrina cristã, mantendo o já consagrado perfil de mulher na sociedade, através da ideologia pregada pelos católicos. Esses grupos contribuíram com o trabalho litúrgico e catequético nas paróquias e criaram várias redes institucionais de assistência e educativas, pois “mulheres educadas, segundo os postulados católicos, levariam o lar cristão a se tornar verdadeiramente fiel à Igreja e disseminariam seus dogmas”. (ALMEIDA, 2007, p. 105).

Com toda essa mudança de paradigmas e mais o feminismo que estava se fortalecendo na época, importava que a mulher tivesse sim sua mente fora dos muros de sua casa, mas deveria manter sua essência principal ou disciplinar que era a maternidade e o cuidado com a família. Foucault esclarece: “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas.” (1987, p. 164).

Como comenta Louro (2006), mesmo com todas as ideias positivistas e científicas, o método de ensino para a mulher deveria ficar centrado na visão que ela tinha que manter uma função materna. Mesmo com a virada do século, disciplinas pertinentes foram sendo agregadas ao currículo, como: puericultura, psicologia ou economia doméstica ainda mantendo, com essas disciplinas, a ênfase na educação da mulher para ser mãe ou esposa.

Em 1900, Caxias do Sul conforme Machado (1998), já contava com uma população de 24.997 habitantes. Desse total, 48,54% era formado por mulheres, o que leva a concluir que as mulheres correspondiam à metade da população. Em números reais, somavam 12.135. A autora traz esse número que são bem significativos, e a participação das mulheres, com certeza, foi muito importante para o desenvolvimento da cidade. Merece, pois, um breve

comentário do seu papel na sociedade que iniciava nessa época e sobre as representações¹² que circulavam sobre ser mulher em Caxias do Sul.

No início da imigração, em Caxias do Sul, as mulheres ficavam mais no âmbito doméstico desempenhando as seguintes funções: costurando, fazendo artesanato com palha de trigo (cestos, chapéus, entre outros) e crochê, atividade que se mantém nos dias atuais, resgatando a cultura e as características da mulher de origem italiana e que passou de mãe para filha. A mulher foi uma das principais propagadoras da memória oral, quase sempre representada, naquela época pelas avós, que promoviam a transmissão de suas tradições italianas, perpetuando-as até hoje, em alguns pontos de Caxias do Sul; através: da música, de lendas sacras e profanas, de artes manuais, de jogos infantis e da culinária que é um dos grandes atrativos, a marca da Região de Colonização Italiana (RCI).

Nesse cenário, o principal papel da mulher era servir à sua família, mas, antes disso, era desempenhar seu papel de reprodutora. E, no contexto econômico, quem ficava com as atividades lucrativas era o homem, e ela, com as não lucrativas, como se extrai de Bergamaschi e Giron:

O seu dever era o de alimentar a família e obedecer ao marido, sendo responsável por todos os trabalhos destinados ao bom andamento do lar. Como mãe, deveria gestar, parir, criar, alimentar, vestir e educar os filhos. O único lazer da mulher era o trabalho. O seu lazer era um tipo de trabalho, como outros trabalhos manuais e domésticos. (1997, p. 22).

Como comentado anteriormente, em relação ao desenvolvimento econômico, os italianos logo iniciaram suas atividades comerciais na região, e o papel da mulher, a época, nesse caso era de comercializar os produtos que eram produzidos em suas hortas e provenientes de seus animais de criação, como: leite, ovos, mel, entre outros.

Na década 30, ainda se pode destacar um fato muito importante em relação à sociedade, pois mesmo com todos esses acontecimentos “a evolução da mulher [...] ficava restrita às atividades domésticas” (MACHADO, 2001, p. 274), pois cabia a ela um papel subordinado, ainda pouco reconhecido. Elas eram a “**matriz reprodutora**” fato esse visto como necessário para aumentar o número de familiares disponíveis para o trabalho; também tinham como responsabilidade educar a prole, dar a instrução religiosa inicial e desempenhar funções sociais importantes,” teoricamente, [...] na prática trabalhavam no ‘negócio’ do

¹²“As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas das forças integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade”. (PESAVENTO, 2003, p. 39).

marido, atendendo atrás de balcão, fazendo pequenos consertos, costurando, [...] [ou como] lavadeiras, passadeiras ou banqueiras”. (MACHADO, 2001, p. 274).

Como explanado em parágrafo anterior, algumas mulheres comercializavam os produtos agrícolas produzidos em suas propriedades, que eram levados por ela para a área urbana, mas também, com a industrialização, comercializavam produtos industrializados na área rural. Como se constata, elas foram peças essenciais também para o desenvolvimento e a ampliação da cidade, mas não tinham nenhum reconhecimento no processo de crescimento. Somente o homem recebia o mérito por seu trabalho, e nunca era mencionado o mérito de suas esposas ou filhas. Isso era bem-observado, por exemplo, quando o pai, por algum motivo, fosse a óbito e, se possuísse alguma propriedade, a filha não tinha direito à partilha, tudo fica para os filhos homens.

O que cabia às mulheres era somente um dote quando se casassem, “composto pela máquina de costura e pelo enxoval, do qual faziam parte as roupas de cama, mesa e banho de uso pessoal, além de objetos de uso domésticos como: louças, panelas, alguns móveis e o tradicional baú”. (MACHADO, 1998, p. 80).

A mulher que viveu somente na zona rural, teve uma vida de bastante sacrifício e de muito trabalho. Sofreu muita discriminação, e não tinha nenhum tipo de lazer, pois como possuíam fortes princípios religiosos, trazidos de suas raízes, em qualquer reunião social que acontecia naquelas localidades era proibida pela Igreja a sua participação, já que participando podiam se desvalorizar, sua moral podia ser prejudicada e só podiam desfrutar dos filós.

Em relação à participação da mulher em atividades da zona urbana, o cenário não muda muito em relação ao rural: continuava sendo discriminada pela sua família e no mercado de trabalho, pois ela era pouco valorizada no âmbito industrial e deveria, portanto, continuar a aumentar a população para que houvesse mais mão de obra para o futuro e não recebia nenhuma valorização do setor comercial. Vale pensar que as mulheres no âmbito doméstico tinham poder sobre a educação de seus filhos, sobre as atividades cotidianas e mesmo nas decisões dos maridos fora de casa.

No decorrer do tempo algumas mulheres fizeram história. Não temos registros de seus trabalhos e das principais atividades exercidas na cidade. Como exemplo, cita-se Luiza Eberle.¹³ Prestavam serviços e não se registravam como comentou a autora Bergamaschi (1997). Isso aconteceu mais na década de 30, e algumas de suas principais atividades e que

¹³ Mãe de Abramo Eberle, “que tomava conta da funilaria Eberle, porque o marido preferia trabalhar no interior, com a terra. [...] Ela [foi] quem ensinou o filho Abramo a trabalhar com as folhas de flandres e com as primeiras máquinas da funilaria, na fabricação de artigos domésticos”. (MACHADO, 1998, p. 83).

começam progressivamente a aumentar, incluíam as de modistas, parteiras e donas de pensões não familiares. Havia sido, no ano de 1932, registradas no livro de lançamentos de Indústrias e Profissões somente 46 mulheres. Dentre essas, que chama a atenção o número de mulheres que foram donas de bordéis (12) que totalizava 26% das mulheres registradas. Afora as mulheres proprietárias, havia as que se dedicavam à profissão docente (já eram a maioria), aquelas que seguiam a vida religiosa como freiras, as que atuavam como enfermeiras, mesmo que leigas.

Outra profissão bem-destacada foi a de parteira que, comparando com os dados obtidos por Bergamaschi e Giron no ano de 1937, tinham registro na cidade em torno de 22 parteiras já atuando normalmente e “representavam cerca de 48% do total de mulheres que trabalhavam, [...] a maioria delas não possuía formação profissional formal”. (p. 97).

Na época, elas deveriam seguir as normas da modesta cidade que se desenvolvia na década de 30, pois

o tempo e o espaço estavam divididos: havia o tempo do lar, da casa, que se dava no interior; havia o tempo para o trabalho na fábrica, na loja, no escritório e o tempo de lazer, nos cafés, bares, no cinema, nos bordéis, espaços freqüentados quase só pelos homens, exceção feita aos cinemas. A missa aos domingos e em dias santos e o “footing” na Praça Dante também faziam parte do espaço de lazer, do qual as mulheres participavam sem restrições. Qualquer papel fora disso era visto como “estranho” ou “marginal”. As ruas consideradas espaço para movimentação ficavam desertas nos horários destinados de acordo com o papel que tinham a desempenhar no grupo social. (MACHADO, 2001, p. 275).

Um grande acontecimento ocorreu no ano de 1937: a eleição para presidente do Sindicato dos Bancários de Caxias do Sul, e quem ganhou e assumiu o cargo foi uma mulher. Segundo Machado, esse cargo assumido por uma mulher na cidade gerou muitas “crônicas criticando a escolha, porque os bancários caxienses, em sua entidade de classe, passavam a ser presididos por uma mulher.” (1998, p. 87).

Nesse panorama, estava atuando como um dos grandes envolvidos na educação da região a Igreja Católica. Como explica Grazziotin (2010), desde os primórdios da colonização italiana na cidade, ela vinha acompanhando os imigrantes e suas famílias também no aspecto socioeconômico. No subtítulo a seguir, será analisado como ocorreu o desenvolvimento da educação em Caxias do Sul.

2.3 A EDUCAÇÃO EM CAXIAS DO SUL

Para falar sobre a educação em Caxias do Sul, faz-se uma breve análise da educação direcionada aos imigrantes, pois este assunto – educação dos imigrantes RCI – está bem-explanado na tese *O processo escolar entre imigrantes da região colonial italiana do RS* –

1875 a 1930 de, Luchese (2007), que revela como ocorreu o desenvolvimento da educação pública e de que maneira se deu a expansão das escolas públicas, laicas e gratuitas que eram constantemente requisitadas pelos imigrantes (p. 151). Assinala também que as escolas “étnico-comunitárias foram diminuindo progressivamente no período e os colégios confessionais expandiram-se”. (p. 119). Isso ocorreu principalmente nos anos 20, pois nessa época “a organização e implementação de escolas municipais foi crescendo”. (p. 119).

Um dos marcos importantes da educação em Caxias do Sul foi no ano de 1920, quando os protestantes começavam atuar na cidade com o desenvolvimento de seu projeto educacional e inaugurando uma escola na então modesta cidade, fazendo com que a Igreja Católica atuasse para manter seus fiéis com a abertura de escolas paroquiais que foram sendo organizados pelo Monsenhor João Meneguzzi, e que se manteriam durante dez anos. “Durante a gestão do Prefeito Cel. Miguel Muratore, [...] em acordo estabelecido entre este e Monsenhor João Meneguzzi, essas escolas foram absorvidas pelo Município.” (ADAMI, 1981, p. 139).

Conforme Adami (1981), as principais escolas paroquiais instaladas nesse período tiveram início no ano 1921, e as primeiras escolas paroquiais foram: a Escola Paroquial Santo Antônio, seção feminina, com 105 alunas matriculadas, que funcionou nos primeiros anos no terreno da Casa Canônica e a seção masculina, com 88 alunos, estava localizada na Rua Os 18 do Forte; a Escola Paroquial São Vicente de Paula; a Escola Paroquial D. João Becker e a Escola Paroquial João Batista de La Salle, que funcionavam na Avenida Júlio de Castilhos, esquina com Rua Cel. Flores.

As escolas paroquiais foram fechadas em 1934 e, de acordo com as autoridades eclesásticas, os principais motivos para o fechamento teriam sido, por um lado, a dificuldade de manter financeiramente a estrutura física e o pagamento dos professores e, por outro, o ensino religioso que podia ser ensinado nas escolas públicas, o Bispo Diocesano indicava o nome de alguém autorizado a fazê-lo. (BERGOZZA, 2010, p. 45).

Na década de 1930, “a escola passa a assumir pensamentos integralistas e nacionalistas” (DALA VECCHIA et al., 1998, p. 139), bem como as escolas municipais tinham como língua oficial o português. Em vista disso, implantaram novas propostas pedagógicas realizadas através de políticas educacionais, que tomaram corpo, principalmente, na década de 40 que se tornou um grande marco histórico da educação brasileira, pois, até esse período, as escolas tinham como objetivo ensinar a ler, a escrever e a contar.

A educação religiosa, nesse momento histórico, torna-se fundamental para a educação de jovens, oriundos, principalmente, da elite da sociedade, educando grande parte

de nossa população, especialmente futuros políticos, que fizeram história no decorrer do desenvolvimento sociopolítico da nossa cidade. Nesse sentido, Bergozza (2010) comenta que a educação formal no século XX, em Caxias do Sul, estava ligada às ações da Igreja Católica.

O fato que marcou a presença da Igreja Católica no campo educacional foi a intensa atuação das Ordens e Congregações Católicas masculinas e femininas de origem europeia, as quais, geralmente, estavam imbuídas de forte ardor missionário, pois acreditavam que estavam sendo enviadas com o poder de ensinar a verdadeira doutrina cristã, contribuindo para reconstruir o colonialismo europeu. Esses grupos criaram várias redes de instituições assistenciais e educativas, como: orfanatos, creches, casas de saúde, hospitais, asilos para idosos e, especialmente, escolas e colégios. (DALLABRIDA, 2005). Oliveira dá conta de que as

congregações religiosas vindas para o Brasil, a partir de meados do século XIX, tornaram-se instituições particulares e enfatizaram suas atividades no âmbito educacional e não no missionário. Essa foi a forma encontrada para superar a precariedade de recursos financeiros na continuidade de suas obras. À medida que os colégios e escolas confessionais passaram a atender à classe média e alta da sociedade, procuraram investir, atualizar e modernizar suas instituições para competir no mercado educacional, no âmbito das escolas particulares, leigas, protestantes e, posteriormente, no próprio ensino público. (2009. p.92).

Portanto, nessa época, educar significava, para a Igreja, transpor montanhas, criar, fundar e espalhar escolas, institutos e universidades ao lado de cada Capela ou Igreja matriz, com mais variados ramos do saber. Era preciso transmitir à população que a Igreja deveria ser a mestra suprema da missão educativa segura, independente, inviolável, inquestionável e confiável, posto que todas as ações humanas estariam submetidas ao seu juízo e poder.

Geralmente esses educandários funcionavam como um sistema de internato para os jovens, havendo uma divisão de gêneros: o sexo masculino ficava com os padres, e o feminino, com as freiras, não havendo, dessa maneira, uma educação mista, mas diferenciada entre eles; (DALLABRIDA, 2005); cada escola determinava seu currículo. Na vigência dessa realidade, verifica-se que o Estado não abriu escola para todos, promovendo, com isso, o aumento das escolas confessionais.

Bergozza (2010) refere que esse tipo de educação (realizada por instituições educativas confessionais católicas) na cidade de Caxias do Sul iniciou no ano de 1900, e essas escolas deram origem, por meio das Congregações Religiosas, a vários colégios, uns de origem francesa, que foram fundados na cidade, tiveram seu início no ano de 1901, ao tradicional Colégio São José, dirigido à população feminina pela Congregação das Irmãs de São José de Chambery-Moutiers, e, em 1908, ao Instituto das Escolas Cristãs dos Irmãos Lassalistas, voltado à população masculina, sendo que esse instituto, em 1936, originou outro

colégio chamado La Salle, atualmente, Colégio La Salle Carmo. Em 1939, foi inaugurado o Seminário Nossa Senhora Aparecida, que havia começado suas atividades em 1938 para a formação do Clero da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos.

Destacam-se também os de origem italiana que iniciaram suas atividades em 1928, como o Orfanato Santa Teresinha, dirigido pela Congregação das Irmãs Imaculada do Coração de Maria, origem do atual Colégio Madre Imilda e, em 1929 teve início o Colégio Agrícola Murialdo, dirigido pela Congregação dos Padres Josefinos de Murialdo; em 1936, foi fundado o Colégio São Carlos com seu primeiro propósito: atender ao curso primário e, posteriormente direcionado para uma população feminina, dirigido pela Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, este último, objeto deste estudo.

Na trajetória das escolas organizadas em Caxias do Sul, ou seja, dos colégios religiosos, a pioneira foi a Congregação das Irmãs de São José, especialmente para moças. Como já referido, essa era de origem francesa, embora, na região, houvesse um grande número de imigrantes italianos. Apesar disso, somente uma escola de origem italiana foi instalada no ano de 1936,¹⁴ como referido a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas.¹⁵

O Colégio São José teve maior destaque na educação de moças e tinha a missão de profissionalizá-las. Investiu no Curso de Magistério na cidade de Caxias do Sul. No ano de 1932, equiparou seu ensino ao das escolas do estado, dando início à Escola Complementar. Somente em 1947 foi criada a Escola de Formação de Professoras Primárias tendo ainda como base as Escolas Normais do Estado. (ADAMI, 1981).

O processo educacional que estava ocorrendo tinha, junto com o desenvolvimento da educação, o propósito de seguir a expansão industrial principalmente com a educação da mulher, disponibilizando-a para uma nova etapa da história que estava por iniciar em sua trajetória de vida: a mulher começaria a dividir suas atividades com o homem principalmente nas empresas, necessitando, assim, de um investimento em sua educação, porém sempre mantendo seus princípios religiosos. Louro destaca que

algumas ordens religiosas femininas dedicaram-se especialmente à educação de meninas órfãs, com a preocupação de preservá-las da “contaminação dos vícios”;

¹⁴Porém, no início de suas atividades com o Curso Primário, conforme documentação pesquisada na instituição, percebeu-se que, nesse primeiro momento, havia meninos também. Foi somente após o reconhecimento do Curso Ginásial que ela direcionou para o gênero feminino. Esse aspecto será abordado mais adiante em outro capítulo.

¹⁵Sobre a presença da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas em Caxias do Sul, veja-se o estudo de Grazziotin (2010).

outras religiosas voltaram-se ao cuidado das moças sem emprego e daquelas que se desviaram do bom caminho. (2006, p. 445).

Para compreender melhor a educação da mulher oferecida em Caxias do Sul, nessa época, principalmente pela Congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, deve-se saber como foi a história da Congregação começarem a desenvolver seu processo educacional. Assim merece tecer comentários sobre a forma como ocorreu, através de uma breve reconstrução histórica.

2.4 CAMINHADA HISTÓRICA DA FORMAÇÃO DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE SÃO CARLOS BORROMEO – SCALABRINIANAS

Ao falar da trajetória dessa congregação não se pode deixar de mencionar que o Brasil foi um dos grandes acolhedores de uma significativa parcela dos imigrantes italianos, que aqui se estabeleceram principalmente os provenientes da Região do Vêneto da Lombardia e os meridionais. Assim, o acolhimento deles se deu através da Igreja que foi uma das principais acolhedoras com a missão de desenvolver um serviço de recepção para esses imigrantes. (SIGNOR, 1984).

Tudo isso iniciou no século XVIII, quando ocorreu uma profunda transformação na Europa, resultado de um movimento racionalista, que provocou um efeito importante no aspecto econômico, que, “passou a orientar-se pelo livre comércio e livre concorrência. [...] Apresentou uma situação contraditória entre a realidade vivida e a nova ordem político-social”. (SIGNOR, 1984, p. 20). Com o decorrer do século, começou haver modificação em sua história. Um dos marcos importante foi quando, na Itália, no século XIX, germinou a ideia de nacionalismo, com o qual ela “reconquistou a independência e realizou a unificação, era impossível o não envolvimento com o comum nacionalismo”. (SIGNOR, 1984, p. 21).

A historiadora Signor (1984) explica em sua obra como ocorreram as relações de transformação socioeconômica e política na Europa, nessa época deixando claro que isso se passou principalmente, no centro-ocidente. Em consequência desses conflitos expansão capitalista e liberalismo, que estavam assolando a Europa, muitos emigraram para a América, especialmente para o Brasil, onde iniciaram uma nova vida, pois o que mais eles sabiam [naquela época] era trabalhar na agricultura. A princípio vieram para o Brasil com a proposta de trabalhar nos cafezais como “espaço pioneiro onde se realizou a experiência de substituição do trabalho escravo pela força de trabalho livre” (SIGNOR, 1984, p. 91); posteriormente os imigrantes colonizaram outros territórios brasileiros.

Um dos territórios que foi habitado foi a Região Nordeste do Rio Grande do Sul, no ano de 1875, com uma maioria de imigrantes italianos e praticantes do Catolicismo. (NASCIMENTO, 2009).

É nessa época que Dom João Scalabrini¹⁶ dá início à missão como *Apóstolo dos imigrantes*. Como ele, também outros seguiram com esse trabalho: Geremia Bonomelli e Francisca Xavier Cabrini.¹⁷ Especialmente o Bispo Scalabrini e Bonomelli foram católicos que participavam nessa época, do governo italiano.

Já como jovem sacerdote e pároco [...] tinha notado que os camponeses de Vatelina e os tecelões da região de Como deviam fugir diante da fome e do desemprego. Como bispo, registrou o número elevado de fiéis de sua diocese que a pobreza empurrava para o exterior, especialmente do Apenino Emiliano. De resto, a estação de Piacenza constituía um nó ferroviário de passagem para milhares de migrantes vênets, lombardos e romanholos que se dirigem ao porto de Gênova, e a sua pobreza familiar dilacerante. (TOMASI; ROSOLI, 2010, p. XVII.)

Scalabrini começa a desempenhar um grande papel na Itália diante daquela população que começava a vivenciar uma crise que marcou historicamente a Europa. Nesse cenário, ele presencia vários fatos como é narrado:

Em Milão, fui espectador de uma cena que deixou em meu espírito uma impressão de profunda tristeza. Passando pela estação, vi a vasta sala, os pórticos laterais e a praça adjacente invadida por trezentos ou quatrocentos indivíduos, vestidos pobremente, divididos em diversos grupos. Em suas faces bronzeadas pelo sol, sulcadas por rugas precoces que a privação costuma imprimir, transparecia o tumulto dos afetos que agitavam seus corações, naquele momento. Eram velhos curvados pela idade e pelas fadigas, homens na flor da virilidade, mulheres que levavam após si ou carregavam ao colo suas crianças, pequenos e jovens todos irmanados por um único pensamento, todos orientados para uma meta comum. Eram migrantes. (SCALABRINI, 1887, p.355-356).

Scalabrini, de acordo com sua visão descrevia os migrantes como se lê:

Pertenciam a várias províncias da Itália e esperavam, com ansiedade, que o trem os levasse às margens do Mediterrâneo e de lá para as longínquas Américas, onde esperavam encontrar, menos desfavorável a sorte, e a terra menos ingrata aos seus suores. Partiam alguns chamados por parentes que os haviam precedido no êxodo voluntário, outros sem saber precisamente para onde seriam levados, atraídos por aquele instinto forte que faz os pássaros migrarem. Iam para a América, onde ouviam repetir, tantas vezes que havia trabalho, bem pago, para quem tivesse braços e boa vontade. Em lágrimas pensavam encontrar o pão menos escasso, menos suado. Quantos desenganos, quantas novas dores lhes preparava o futuro incerto. (1887,p. 43).

¹⁶“Serviu como catalisador para mobilizar a igreja e fazê-la avançar” em sua doutrina social e de sua ação pastoral. A sua “vivacidade intelectual e o dinamismo pastoral [...] contribuíram muito, através de seus escritos e da ação, para iniciar uma coordenação sistemática do ensino e da política eclesial concernentes à mobilidade humana, que, em grande parte, permanece ainda válida” (TOMASI; ROSOLI, 2010, p. XV).

¹⁷Ela, nessa época, era considerada a “Mãe dos Emigrantes Italianos”, como pode ser constatado na obra de Signor (1984).

Diante de toda essa vivência, deu início à primeira Congregação de Missionários de São Carlos Borromeo para auxiliar os imigrantes, em 1887; no ano seguinte, se deslocam para a América, com o objetivo principal de “manter no coração dos nossos compatriotas migrantes a fé católica e cuidar, quanto possível, do seu bem-estar moral, civil e econômico”. (TOMASI, ROSOLI, 2010, p. XVII). Signor lembra que

a migração como fato humano e social, [...] [teve] profunda relação com a cultura, elemento mais significativo na identificação de um povo. A identidade cultural, elaborada por determinado grupo de humanos e a caracterizada por uma diferente maneira de compreender o mundo e vida, resulta de um conjunto de experiências e comportamentos que se tornaram comuns a todos: idioma, religião, usos e costumes, princípios e tradições acumuladas no tempo. Esta unificação de comportamentos e sua ligação às instituições políticas originou o nacionalismo. (1987, p. 107).

Para equacionar a questão da migração, assistindo-os espiritualmente, redigiu o seguinte estatuto para a formação dessa Congregação, que, primeiramente, daria suporte a eles, conforme dito por Tomasi e Rosoli. Eis os artigos do Estatuto:

1. É instituída na Itália, com sede em Piacenza, uma Sociedade de proteção aos emigrantes italianos.
2. O objetivo desta instituição é manter viva no coração dos nossos compatriotas emigrantes a fé católica e prover, quanto possível, seu bem-estar moral, civil e econômico.
3. A instituição alcança esta finalidade:
 - b) Erigindo nos vários centros das colônias italianas, igrejas e oratórios e fundando casas de missionários de onde possa se difundir sua ação civilizadora, através de visitas temporárias.
 - c) Estabelecendo escolas onde, com os primeiros rudimentos da fé, sejam dadas aos filhos dos colonos os elementos de nossa língua, do cálculo e da história pátria.
 - d) Organizando, onde haja necessidade, pequenas farmácias, por meio das quais os missionários, preparados para tanto, possam distribuir os remédios para as doenças comuns.
 - e) Encaminhando aos estudos preparatórios ao sacerdócio os jovens, filhos dos colonos, que apresentarem indícios de chamado ao estado eclesiástico.
 - f) Organizando comitês nos portos de embarque e desembarque para socorrer, dirigir e aconselhar os migrantes.
 - g) Acompanhando-os durante a viagem por mar para exercer, em benefício deles, o sagrado ministério e para assisti-los, especialmente em caso de doença.
 - h) Favorecendo e promovendo as associações e as obras consideradas mais aptas, para conservar, nas mesmas colônias, a religião católica e a cultura italiana. (2010, p. 52)

Ele tinha como propósito, ao formar essa iniciativa, de que essa congregação pudesse acompanhar o migrante deste sua saída do porto de Gênova até sua chegada ao destino em outro país. Scalabrini queria, pelo menos, que essas pessoas tivessem um meio de segurança “contra os abusos e os sofrimentos e ajudado a alcançar seu objetivo não só material, mas também de desenvolvimento humano e espiritual, preservando sua fé religiosa e sua

identidade nacional” (TOMASI; ROSOLI 2010, p. XVII) embora vivendo em outra realidade que não a de sua província de origem com diferenças culturais marcantes. Ele acreditava que podia fazer isso através de pessoas que dedicassem sua vida a questões religiosas.

A escolha de São Carlos Borromeo, conforme Bresolin (1998) como Patrono da Congregação esteve relacionado com Cristo:

A exemplo de Cristo que de rico se fez pobre para salvar a humanidade, Carlos (1538 -1584), herdeiro da nobreza dos Borromeos, em plena juventude, renunciou a tudo. Levou uma vida pobre, de muita oração, penitências e ação apostólica. Traduzia em obras a fé que professava. Por ocasião da peste que dizimava seu rebanho (1561), quando ninguém mais se aproximava dos doentes por medo de contágios, Carlos assistia e confortava a todos, ministrando-lhe os cuidados físicos e os socorros espirituais. Incutia a todos seu desinteressado amor aos pobres e aos doentes. Interferiu na vida de seu tempo com habilidade e sabedoria, introduzindo a reforma dos costumes e combatendo as injustiças dos poderosos contra os humildes. (1998, p. 92).

Antes de completar uma década da primeira Congregação masculina, Dom João Batista Scalabrini também dá êxito a uma Congregação feminina, que foi organizada em 1895. Ela surgiu da iniciativa de um de seus missionários que já tinha tido um primeiro contato com a migração na América, principalmente no Brasil, a qual será melhor analisada posteriormente. Conforme Signor, o Padre José Marchetti pediu a Scalabrini a presença de religiosas no Brasil, pois estava

preocupado com os emigrantes doentes sem assistência médica, abandonados em distantes fazendas refere o Bispo a situação de um hospital italiano em fase de acabamento, o Umberto I hoje hospital Matarazzo, sobre o qual o cônsul da Itália pedira-lhe para exercer “vigilância”. Nesta altura da carta como havia feito outros missionários Scalabrinianos, o padre previne Scalabrini sobre a necessidade de contar com o serviço de religiosas, no Hospital e Orfanato. (1984, p. 164).

O Pe. José Marchetti objetivava iniciar as atividades dessa congregação, nesse primeiro momento, para auxiliar na resolução de questões da realidade no qual estavam vivendo os imigrantes italianos; daria, pois, início ao ninho para suas “colombinas”.¹⁸

Outro projeto que fizera parte das iniciativas de Scalabrini surgiu no ano de 1892, quando fundou a Sociedade de Patronato para os Migrantes de São Rafael. Toda essa caminhada com significativo desempenho pastoral foi que marcou a grande trajetória desse Bispo.

¹⁸ Termo derivado de Cristóvão Colombo, nome dado por Scalabrini a casa-mãe da Congregação dos Missionários de São Carlos, em Piacenza. [...] ‘colombinas’ as futuras Irmãs, evidencia o propósito, tanto dele quanto de Scalabrini, de considerar a nascente congregação feminina simplesmente como um ramo da congregação masculina, com os mesmos superiores maiores e com as mesmas regras”. (SIGNOR, 1984, p. 164).

Sua participação no Brasil não foi apenas via Congregação dos Missionários, Padres e Irmãs; ele também marcou a história da América, nos anos de “1901 e 1904 [porque] esteve, respectivamente, nos Estados Unidos e no Brasil, em visita aos Imigrantes Italianos e às obras religiosas-sociais que seus missionários haviam largamente difundido em diferentes áreas de ambos os países”.(SIGNOR, 1984, p. 153).

Sua última visita, antes de sua morte, aconteceu em 1904 quando esteve no Brasil. Ao chegar no porto de Santos, no dia 8 de julho, data de seu último aniversário, Scalabrini que veio para apreciação das obras realizadas pelo Padre José Marchetti e suas seguidoras, ampliou sua viagem para a Região Sul do Brasil.

Em sua visita a São Paulo, que se estendeu durante 30 dias, ele foi conferir como estava instalado o Orfanato¹⁹ Cristóvão Colombo (feminino e masculino), que havia sido destinado a filhos de italianos, mas também a filhos de brasileiros. Pôde verificar que desde sua instalação até aquela data já havia passado um número significativo de crianças.

Depois dessa estadia em São Paulo, se dirigiu para o Rio Grande do Sul, onde foi se instalar em Bento Gonçalves. A partir daí pode ter o privilégio de visitar algumas colônias entre elas: a de Encantado, Capoeiras (Nova Prata), Nova Bassano, Turvo (Protásio Alves), São Lourenço de Vilas Boas (Coronel Pilar), Monte Belo. Dando como encerrada sua visita ao Brasil, em fins de outubro daquele ano, foi para Buenos Aires e de lá embarcou no “Sardenha” com destino à Itália.

Como mencionado, Scalabrini fundou a Congregação de Missionários de São Carlos Borromeo, merece destaque como ocorreu o projeto para abertura da segunda congregação formada por Irmãs, assunto a ser explanado no próximo subtítulo. As atividades dessa congregação também foram desenvolvidas em cidades localizadas na região Nordeste do Rio Grande do Sul.

Em 1894, o Padre José Marchetti²⁰ foi o missionário externo da Congregação de Missionários de São Carlos Borromeo, tendo iniciado suas atividades “como capelão de bordo

¹⁹“Foi criado para atender às necessidades daquele contexto histórico: a orfandade e a imigração; uma história carregada de perdas, desencantos, pobreza, desemprego, exploração, entre outros problemas. Era um contexto em que as diferenças eram muito evidentes, o atendimento a crianças pobre e abandonadas era completamente diferente da criança abastada, protegida e amparada. [...] Existiu em um determinado tempo, escreveu sua história, demarcou seu espaço, mas, demarcou, sobretudo, seu campo de atuação diante do mundo do trabalho e do ‘apartheid social’”. (OLIVEIRA, 2009, p. 143).

²⁰“Aos doze anos foi admitido como externo no Seminário de S. Michele.[...] Em 1884 entrou no Seminário de S. Martino, em Lucca. [...] 1887-1889 freqüentou o Liceu Maquiavelli, sempre em Lucca. Sua primeira missão solene em Capezzano Pionere em 3 de abril de 1892, durante toda essa sua trajetória quem ajudou a custear seus estudos foi o Padre Eugenio Benedetti. Foi professor de Francês e Matemática no seminário de Lucca. [...] Em abril de 1892, ditaram-lhe a decisão, que foi determinada na vida e obra do padre José Marchetti: associar-se à Congregação Scalabriniana, como missionário de São Carlos. Foi a Piacenza onde se encontrou com

com o objetivo de acompanhar os emigrantes nas longas e difíceis travessias do oceano”. (MONTEIRO, 201, p. 2). Durante essa trajetória que fez com os imigrantes, constatou que havia a necessidade de presença feminina também para acolhimento dessa população quando chegasse ao seu destino, pois foi durante esse percurso que “falecera uma mãe migrante, deixando órfã uma criança de colo e no desespero o esposo”. (BRESOLIN, 1998, p. 93).

Ele queria que Scalabrini aceitasse esse novo projeto com as Irmãs, para que, junto com padres, desenvolvesse, na América, um plano para implantação do projeto sociopastoral do Bispo de Piacenza com os imigrantes. No começo, Scalabrini mostra resistência ao pedido do Padre, pois ele mal tinha conseguido estabilizar sua primeira Congregação de Missionários de São Carlos de Borromeo, mas, aos poucos, foi verificando a necessidade de uma nova frente que continuasse seu projeto de evangelização e promoção daquele povo que se deslocara para a América.

No Brasil conforme a visão de Signor (1984), os movimentos missionários católicos apresentaram lamentáveis falhas, com isso permitiram que houvesse deformações culturais em relação à evangelização dos povos, fazendo com que a população perdesse seu direito ao patrimônio cultural. Para formar a identidade de um povo como comenta Signor (1984), são necessários dois elementos fundamentais para que isso ocorra a fé e a cultura.²¹

Signor, citando Scalabrini (1900), afirma que ele considerava que a nova Congregação deveria ter o seguinte perfil:

Nós precisamos de Irmãs semelhantes àquelas espalhadas nas diversas dioceses da França, as quais se adaptam a viver também quatro apenas, e sem pretensões lecionam em escolas elementares, ensinam o catecismo, e, onde é possível, assistem os doentes com todas aquelas precauções que a prudência e a experiência sugerem. Ainda que os missionários insistissem ou fizessem violência ao meu coração para terem semelhantes Irmãs, eu sempre me opus, sentindo uma extrema repugnância em pôr mãos a esta nova obra. Entretanto, há alguns anos, um acúmulo de circunstâncias a providenciais fizera-me conhecer que esta é a vontade de Deus. (1984, p. 181).

Scalabrini que o admitiu na condição de “missionário externo”, comprometido “a acompanhar quando pudesse, os imigrantes durante a travessia, como capelão de bordo”. Entre outubro e novembro 1894 fez sua primeira viagem para o Brasil”. (SIGNOR, 1984, p. 161-166).

²¹Signor (1984), ressalta que “cultura, porém, não significa uma situação definitiva e sim uma realidade viva que se completa com o suceder histórico. [...] A antropologia cultural vem suscitando, nos últimos decênios, maior respeito pelos valores étnico-culturais que constituem a identidade original e irrenunciável dos migrantes.” (p.89-94).

¹⁹“Como seu irmão José, nasceu em Lombrici, porção distrital de Camaiore, Província de Lucca, na Toscana, privilegiada região a que ela renunciaria para sempre, no outono de 1895”. (SIGNOR, 1984, p. 189).

O caráter experimental da iniciativa constava nos planos do Pe. José Marchetti, segundo ele mesmo escrevera a Scalabrini, no dia 4 de abril de 1895, alguns meses antes de dar início à nova Congregação.

Por enquanto serão damas de caridade quando tiverem dado prova, poderão realmente formar uma congregação, são muito necessárias e sinto que Jesus as quer para afastar um mal na imigração, que os Padres não poderiam remover. (SIGNOR 1984, p. 166).

O Pe. Marchetti começa, então, a formação dessas servas que iniciaram seu projeto na América do Sul, Brasil. O grupo com destino ao Brasil foi formado pelas Irmãs Carolina Marchetti, Assunta Marchetti, Maria Franceschini e Angela Larina. Carolina Marchetti, mãe do Padre Marchetti, veio como superiora, a Madre Assunta Marchetti,²² as outras duas candidatas foram educadas pelo padre no espírito apostólico, durante sua trajetória religiosa quando era ecônomo de Compignano.

O Bispo João Batista Scalabrini sempre se mostrava convicto de que as colônias de imigração podiam preservar a sua identidade cultural. Assim, dado o êxito da primeira Congregação, Pe. José Marchetti com seu grupo de missionárias veio para o Brasil.

Antes de se deslocarem para cá, foram com o Pe. José Marchetti, no dia 25 de outubro de 1895, de Camaione para Piacenza, para serem apresentadas a João Batista Scalabrini antes de partir. Sua vinda ao Brasil somente ocorreu em 27 de outubro de 1895, com saída de Gênova, embarcando no navio “Fortunato Raggio”. Durante sua viagem até o desembarque no Brasil, que aconteceu no dia 20 de novembro de 1895, a bordo do navio catequizaram os filhos de emigrantes, e a Primeira Eucaristia se efetivou quando o navio ancorou no porto de Santos.

Essas missionárias, ao chegarem ao Brasil, foram hospedadas primeiramente pelas Irmãs de São José, na Santa Casa de Misericórdia, posteriormente, se apresentaram ao Bispo de São Paulo, D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti. Ele ressalta, em carta que escrevera para Scalabrini, em 19 de fevereiro de 1896: “Farei tudo aquilo que puder para a sua congregação de São Carlos e pelas Servas dos Abandonados”. (SIGNOR, 1984, p. 172).

Importante é deixar claro que nessa trajetória de implantação da nova congregação formada por Irmãs, bem no início do projeto, no ano de 1896, ocorreu a morte prematura do Pe. José Marchetti que tinha, nessa época, 27 anos, vítima de febre tifóide. Quem assumiu após dois meses de sua morte as Irmãs, foi o Pe. Faustino Consoni, o qual foi incumbido pelo Bispo Scalabrini, de dar concretização ao seu projeto, ficando como diretor do Orfanato

Cristóvão Colombo. Assim, pouco mais de um ano de sua morte, Madre Assunta Marchetti assumiu o grupo pioneiro, garantindo-lhe a continuidade, tendo se distinguindo como a mente mais lúcida na definição e na preservação da identidade congregacional.

Conforme Oliveira (2009), elas já tinham designada a sua função, ou seja, dar andamento ao projeto²³ do Padre Marchetti no Brasil, que seria a de dirigir o Orfanato Cristóvão Colombo: quem ficava com a direção do orfanato seria Carolina Marchetti, Madre Assunta Marchetti (econôma da casa); a relação à assistência aos doentes ficou com Angelina Larini (enfermeira), e a encarregada do postulado, seria Maria Franceschini.

Como já tinham sido intituladas como “Servas dos Órfãos e Abandonados”, iniciaram seu papel social no Brasil dirigindo os dois Orfanatos Cristóvão Colombo; posteriormente, prestaram seus serviços em diferentes orfanatos e hospitais em diversas cidades.

Então, é oportuno deixar claro que a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo iniciou no ano de 1895, em Camiore, Província de Lucca, na Itália, e foi em outubro do mesmo ano que o Padre José Marchetti reuniu as primeiras candidatas para iniciar sua nova experiência de vida religiosa, cujo cenário de sua primeira missão seria a América Latina através do Orfanato Cristóvão Colombo, em São Paulo/Brasil.

Portanto, as condições históricas (que marcaram principalmente o processo fundacional da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo) repetem as mesmas e constantes que têm caracterizado a história da maioria das congregações religiosas femininas surgidas entre os séculos XVII e XIX. Nesse espaço de tempo, foi comum a dupla participação de um homem e de uma mulher, na fundação de novos institutos religiosos femininos. (SIGNOR, 1984, p. 188).

Durante o fortalecimento dessa Congregação e a expansão missionária dos orfanatos entre os anos de 1895 e 1936, elas passaram por duas crises de identidade, a saber a primeira se instalou quando Bispo Scalabrini enviou novas noviças da Itália, porém essas provinham de outra congregação, do instituto intitulado Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus.²⁴

²³ Na opinião de Oliveira (2009), “uma das primeiras providências de Marchetti, ao chegar no Brasil, foi contatar com autoridades, em especial o consulado italiano, para apresentação de um projeto de construção de três casas de imigração em São Paulo, com o objetivo de acolher e orientar os imigrantes. Em seguida, fora apresentado ao Conde José Vicente de Azevedo e esse, além de doar um terreno de 1.408 m², doou também 50.000 tijolos para construção do primeiro Orfanato da Congregação na cidade de São Paulo. [...] O cofundador das Obras Scalabrinianas no Brasil tinha como preocupação central formar, no Orfanato Cristóvão Colombo, os jovens para um determinado ofício, possibilitando a eles se inserirem no mundo do trabalho, com vistas à crescente urbanização e industrialização que assolava São Paulo”. (p. 146 -147).

²⁴ “[...] congregação fundada por Clelia Merloni cinco anos antes, ainda sem aprovação diocesana, procuraram o Bispo de Piacenza, expondo-lhe a situação de seu Instituto a beira da falência.” (SIGNOR, 1984, p. 196)

Essa união durou somente sete anos e durante esses anos, houve muitos conflitos entre elas relativos à aceitação da ideologia dessas Irmãs. No dia 22 de setembro de 1907, ocorreu a separação desses dois grupos, mas, antes que isso ocorresse, o Bispo Scalabrini enviou uma carta da cidade de Caxias do Sul, datada de 19 de outubro de 1904, falando sobre a importância de o Padre Faustino Consoni conseguir conciliá-las, de modo que as Irmãs Scalabrinianas retornassem ao seu projeto anterior e continuassem sua caminhada rumo ao que elas tinham traçado no início de suas obras. Logo após a separação, as Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus foram transferidas para Alessandria e “ficaram sob a jurisdição do Bispo de Alessandria”, e as Irmãs Scalabrinianas “ficaram sob a proteção do Bispo de São Paulo”. (SIGNOR, 1984, p. 203).

Com a separação, não se tem como descrever a evolução histórica delas durante os sete anos, pois se perderam vários documentos do que ocorreu entre elas conforme comenta Signor (1984): “O vazio documental [...] privou a Congregação feminina de uma fonte precisa de informações elucidativas de sua evolução histórica, bem como de um particular patrimônio espiritual, evocativo da legitimidade da filiação.” (p. 203).

Um dos ideais do Bispo Scalabrini era a expansão da congregação, por isso lutou pela união, mas, mesmo com a separação, as pioneiras da Congregação Scalabriniana tendo à sua frente a Madre Assunta Marchetti e o apoio de Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo, seguiram avante com o projeto de João Batista Scalabrini, através de um noviciado que foi instituído em Vila Prudente, no dia 4 de novembro de 1912.

Devido a toda essa expansão, tinham que elaborar uma Constituição da Congregação que foi aprovada no dia 16 de abril de 1914, a qual continha as primeiras regras e a finalidade originária daquele instituto. Conforme a Constituição de 1914, o primeiro capítulo do n.2 ressalta:

Além da santificação de seus membros, a congregação com todo o ardor procura o bem do próximo pelas obras de zelo e caridade proporcionadas às condições e sexo de seus membros. Neste ponto as Irmãs de S. Carlos o considerarão como missão particular e principal prestar todo apoio e segundar enquanto possível e conveniente, às obras de zelo empreendidas pela Congregação dos Sacerdotes de São Carlos, Fundada pelo servo de Deus Mr. J. B. Scalabrini, com o fim de conservar a fé e piedade nos emigrantes.

Oliveira (2009) comenta em sua pesquisa que a Congregação das Irmãs Scalabrinianas foi reconhecida como Instituto de Direito Pontifício no ano de 1936 pela Igreja Católica Apostólica Romana e aprovou suas Constituições no ano de 1948, fazendo com que as Irmãs tivessem interesse de expandir suas instituições pelo mundo.

Nesse contexto, salienta-se que as seguidoras que iniciaram o processo de expansão desde a sua fundação, como já dito, foram a Madre Assunta e Carolina Marchetti que ficou com o grupo, e em 1897 Carolina Marchetti retornou para a Itália, Angela Larini faleceu em 1899 por tuberculose. Foi levada também pela mesma doença, no ano de 1902, Maria Franceschini. Outras duas Irmãs: Maria Bassi e Camilla Dal Ri deixaram a instituição durante o conflito com as Apóstolas. Elas tiveram a dispensa concedida pelo Bispo de Piacenza.

Signor revela que, durante os primeiros sete anos de história da Congregação, muitas Irmãs foram admitidas, como mostra sua procedência, durante esse período, o quadro 2.

Quadro 2 : Listagem das Irmãs admitidas e sua procedência

IRMÃS	PROCEDÊNCIA
Irmã M. Assunta Marchetti	Camaiore – Lucca– Itália
Irmã M. Angela Larini	Camaiore – Lucca – Itália
Irmã Maria Franceschini	Camaiore – Lucca– Itália
Irmã M. Camila Dal Ri	Trento – Itália
Irmã Maria Bassi	Sem registro
Irmã M. Carmela Tomedi	Trento – Itália
Irmã M. Antonietta Fontana	Monza – Itália

Fonte: Signor (1984, p. 207).

Como se constata, não consta na lista o nome de Carolina Marchetti, pois, já afirmado, ela teve que retornar à Itália bem no início de sua trajetória, ou seja, ao chegar à América. Ela não pôde seguir a caminhada dessas missionárias para conseguirem fortalecer a congregação no Brasil.

Ainda: para que pudessem seguir com a consolidação da instituição no Brasil, desenvolveram várias obras durante sua caminhada, e as que se mantêm até os dias de hoje são as escolas. Conforme lembra Oliveira (2009), no período de 1914 a 1921, “a participação das mulheres na fundação de escolas, de orfanatos, de casas de recuperação e de hospitais, como instrumentos eficazes para a propagação da fé” (p. 84), foram evidentes.

Isso proporcionou que o Brasil tivesse uma maior liderança eclesiástica, e que o povo pudesse ter uma maior espiritualidade, através da consolidação do Brasil como nação católica, que o orientasse nos princípios da Santa Sé. Esse trabalho de propagação ocorreu nas “escolas, colégios, seminários e noviciados, tanto femininos quanto masculinos”. (OLIVEIRA, 2009, p.84).

Em seu estudo de doutoramento, Oliveira (2009) destacou organizou um levantamento em que as principais Congregações que participaram do processo educacional no Brasil. Como pode conferir no quadro 3 as principais instituições criadas pelas

Congregações Femininas entre 1921 e 1940, tiveram maior destaque as situadas nos Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul:

Quadro 3: Colégios/Escolas/Institutos da Congregação Feminina (1921-1940)²⁵

Ano	Instituição	Congregação	Localização
1921	Cônegas de Santo Agostinho	Escola Santa Mônica	São Paulo/ SP
1923	Beneditinas/Twtzing	Colégio Santo	Rio de Janeiro/RJ
1924	Cônegas de Santo Agostinho	Colégio Stela Maris	Santos /SP
1925	Irmãs do Imaculado Coração de Maria	Externato São José	São José dos Campos/ SP
1926	Irmãs do Imaculado Coração de Maria	Escola Dom Feliciano	Gravatá /RS
1926	Irmãs do Imaculado Coração de Maria	Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	Campo Grande/ MS
1926	Irmãs de São Carlos Borromeo –Scalabrinianas	Colégio Santa Teresinha	Pari/ SP
1927	Irmãs do Imaculado Coração de Maria	Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	Petrolina/ PE
1927	Irmãs do Imaculado Coração de Maria	Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	Santa Rita do Araguaia/ GO
1927	Irmãs do Imaculado Coração de Maria	Externato Pe. Luiz Cafara	São Bernardo do Campo/ SP
1927	Irmãs Marcelinas	Colégio Pré-Escolar	São Paulo/ SP
1927	Irmãs Marcelinas	Colégio Pré-Escolar /Médio	Muriae /MG
1928	Irmãs do Imaculado Coração de Maria	Colégio Nossa Senhora da Glória	Porto Alegre /RS
1928	Filhas de Maria Aux. Salesianas	Colégio Sagrado Coração de Jesus	Rio do Sul/SC
1929	Irmãs Marcelinas	Faculdade Santa Marcelina	São Paulo/SP
1929	Irmãs do Imaculado Coração de Maria	Escola Madre Imilda	Caxias do Sul/RS
1929	Irmãs do Imaculado Coração de Maria	Escola Nossa Senhora Auxiliadora	Rio Pardo/RS
1929	Irmãs do Imaculado Coração de Maria	Escola Nossa Senhora do Carmo	Realengo/RJ
1930	Filhas de Maria Aux. Salesianas	Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	Manaus/MT
1938	Irmãs Marcelinas	Aspirantato Santa Marcelina	Iamoré /SC
1938	Irmãs Marcelinas	Colégio Pré-Escolar	Pirai do Sul/PR
1939	Irmãs Marcelinas	Colégio Pré- Escolar/Fund./Méd./Obras	Rio de Janeiro/RJ
S/data	Filhas de Maria Aux. Salesianas	Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	Caxipó da Ponte/MT
1939	Irmãs de São Carlos Borromeo –Scalabrinianas	Colégio Santa Teresa	Ituitaba /MG

Fonte: Oliveira (2009, p. 86).

No quadro, como se observa, não consta o registro da Congregação de São Carlos Borromeo–Scalabrinianas nos Colégios em Bento Gonçalves e Caxias do Sul, fundados por elas durante o período em que estiveram no Rio Grande do Sul. A vinda das Irmãs para o Rio

²⁵ Apesar de transcrever o quadro na íntegra é possível perceber que dados são incompletos.

Grande do Sul ocorreu em 1915, a convite do pároco Padre Enrico Domenico Poggi, com destino a cidade de Bento Gonçalves; somente em 1936 concretizaram sua missão em Caxias do Sul com inauguração de um Curso Elementar e Jardim da Infância, hoje, Ensino Fundamental e Médio do Colégio São Carlos.

Nessa direção, a autora Signor, em sua obra *Irmãs Missionárias de São Carlos, Scalabrinianas – 1934-1971*, comenta que em 1935, havia cerca de 30 casas de noviciados somados os de São Paulo e Rio Grande do Sul, totalizando a participação de 120 Irmãs. Ela ainda ilustra com uma relação de locais em que desempenharam suas funções no Rio Grande do Sul, no período de 1935 a 1947.

- Colégio São Carlos, Caxias do Sul, 1936. Era profunda a aspiração que as Irmãs tinham de abrir um ginásio nessa próspera cidade, onde em 1934 fora fundado o pensionato D. Bosco. Expressa-a com estas palavras o relatório da direção geral lido por ocasião do Capítulo de 1948: Quantas lutas e trabalhos os anjos não registraram nessa empresa! Confiamos que prospere sempre mais para a maior glória de Deus e das almas.
- Hospital São Carlos, Farroupilha. Conforme relatório de 1927-1934, complementado com a relação das demais atividades realizadas pelo governo geral até o Capítulo de 1935, a 6 de março desse ano começara a funcionar em Farroupilha o sanatório Nova Vicenza, sob a direção das Irmãs Missionárias de São Carlos. Já, no relatório de 1935-1947 consta a abertura, em 1935, do hospital São Carlos de Farroupilha onde as Irmãs continuavam a se dedicar à cura das feridas íntimas e externas dos pobres enfermos.
- Escola Nossa Senhora de Caravágio, Farroupilha, 1937.
- Hospital Nossa Senhora Aparecida, Paraí, 1937.
- Hospital Nossa Senhora de Lourdes, denominado depois hospital Santo Antônio, Sarandi, 1938.
- Seminário São Carlos, Padres Scalabrinianos, Guaporé, 1939.
- Hospital Del Mese, Caxias do Sul, 1939.
- Hospital Nossa Senhora de Lourdes, Nova Bassano, 1940.
- Hospital São João Batista, Nova Bréscia, 1941.
- Hospital Brasil, depois Hospital Padre Catelli, Anta Gorda, 1942.
- Instituto de Clínicas Alto Taquari, Roca Sales, 1943.
- Hospital Municipal São Francisco de Borja, Guaporé, 1943.
- Escola Sant'Ana, Paraí. Ao Hospital Nossa Senhora Aparecida foi anexada, em 1943, a Escola Paroquial Sant'Ana de modo a exercitar as Irmãs, como consta no relatório, à dupla finalidade: sanar os corpos e sanar as inteligências dos pequenos, dissipando as trevas da ignorância.
- Hospital Militar, Bento Gonçalves, 1945.
- Escola Paroquial Santa Catarina, Caxias do Sul, 1945.
- Casa da Menina, Rio Grande, 1946. A população dessa cidade-porto solicitou com insistência a presença pastoral das Irmãs Missionárias de São Carlos. Em resposta, *duas autênticas missionárias, imbuídas do verdadeiro espírito da Ação Católica, tão preconizada pelo Soberano Pontífice, receberam o encargo de "Assistentes Sociais" e vão desenvolvendo entre os ferroviários sua ação benéfica*, registra o relatório de 1935-1947.
- Escola Nossa Senhora de Fátima, Caxias do Sul, 1946. (2007, p. 62-63).

As obras realizadas por elas na Região Sul do Brasil, na sua maioria, estavam “localizadas na Encosta do planalto gaúcho” (SIGNOR, 2007, p. 63), pois essa região concentrava o maior número de habitantes provenientes do Vêneto – Itália.

Porém, o instrumento de estudo que está em discussão no próximo subitem se refere à sua presença no Rio Grande do Sul, principalmente no que refere o começo de suas atividades educacionais voltadas àquela população que ali habitava, e como teve início a primeira instituição de ensino nessa região.

2.4.1 Primeiras obras das Irmãs de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas no Rio Grande do Sul

Nesta seção, pretendo apresentar como ocorreu a trajetória histórica das Irmãs no Rio Grande do Sul e sua estruturação na colônia, de que forma surgiu a primeira instituição de ensino nessa região e como se deu a expansão no Estado. Essas questões estão sendo analisadas nos parágrafos posteriores até se chegar no foco da pesquisa em desenvolvimento neste trabalho, que são as atividades que as Irmãs desenvolveram em Caxias do Sul, principalmente com o Colégio São Carlos.

Como já mencionado, elas objetivavam dar continuidade ao projeto de Scalabrini, ou seja, manter a instrução escolar que atenderia ao mesmo Estatuto que já tinha sido organizado pelo seu fundador e aceito pelo Papa Leão XIII:

[...]

2º - Objetivo da Instituição é manter viva no coração dos nossos compatriotas emigrantes a fé católica e, dentro das possibilidades, buscar seu bem-estar moral, social e econômico.

3º - Tal objetivo, a Sociedade o persegue:

a) enviando missionários e professores a qualquer lugar onde a necessidade o exigir;
b) erigindo igrejas e capelas nos diversos centros das colônias italianas e fundando casas de missionários, donde possa ser difundida sua ação civilizadora mediante excursões periódicas;

c) abrindo escolas para ministrar aos filhos dos colonos, junto com os primeiros rudimentos da fé, o ensino da nossa língua, do cálculo e da história pátria;

d)[...]

e) encaminhando aos estudos preparatórios do sacerdócio os filhos de colonos que ofereçam indícios de serem chamados ao estado eclesiástico;

f)[...]

g)[...]

h) favorecendo e promovendo todas aquelas instituições que julgarem mais aptas a conservar nas colônias a religião católica e a cultura italiana. (SCALABRINI, 1979, p. 118 -119).

Esse Estatuto buscava manter viva a língua de origem dos imigrantes além de iniciar as primeiras noções de matemática e história de suas origens, bem assim manter o principal

objetivo que era conservar a fé, a vida eterna, educando e elevando o senso moral do imigrante.

Oliveira (2009) advoga que os estados que foram exemplo na aplicação desse Estatuto que Scalabrini tinha, foram o Rio Grande do Sul e o Paraná após ter sido implantado em São Paulo/Brasil.

As Irmãs deveriam formar províncias onde ficariam sob a guarda de uma superiora provincial que teria “como objetivo zelar pela qualidade religiosa-missionária-scalabriniana de cada membro e cuidar das Irmãs e das vocações”. (OLIVEIRA, 2009, p. 129). Sua primeira província (antes de vir para o Rio Grande do Sul) se localizava em São Paulo, chamada Nossa Senhora Aparecida, fundada em 1895. Sua segunda província foi instalada no Rio Grande do Sul, chamada Imaculada Conceição, no ano de 1915, quando chegam suas pioneiras ao estado, na cidade de Bento Gonçalves, porém só “conquistou sua autonomia e estabeleceu a sede em Caxias do Sul” (OLIVEIRA, 2009, p. 129), no ano de 1926. A primeira superiora nomeada a essa província foi a Irmã Maria Lúcia Gorlin.²⁶

É importante revelar brevemente a história delas nessa região para se pode compreender como iniciou seu trabalho de educação em Caxias do Sul, objeto principal da pesquisa, e o percurso nessa modesta cidade que estava em processo de industrialização e de ampliação da mão-de-obra principalmente feminina.

As colônias italianas no Rio Grande do Sul exerciam um grande controle cultural preconizado pela Igreja Católica, através de seminários, internatos, noviciados e colégios. Essas instituições foram os primeiros estabelecimentos erigidos, para que ocorresse uma seleção de novos missionários de Deus. Esse mecanismo escolhido pela Igreja Católica auxiliou muito as famílias italianas principalmente para instruir seus filhos e principalmente as “escolas muito contribuíram para a formação da mão-de-obra especializada de que a nação brasileira precisava”. (OLIVEIRA, 2009, p. 169). Quando as Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo se deslocaram para o Rio Grande do Sul, já existiam outras congregações atuando em escolas, entre elas, as Irmãs do Puríssimo Coração de Maria e as Irmãs de São José.

A presença das Irmãs de São Carlos no Rio Grande do Sul teve início no ano de 1915, quando as Irmãs são convidadas pelo Pe. Poggi a trabalhar com os imigrantes italianos, em Bento Gonçalves “Por intermédio do Padre Carlos Porrini, Scalabriniano que missionava no Rio Grande do Sul desde 1907” (SIGNOR, 1984, p. 210), eles tinham todo interesse de

²⁶ Foi uma das Irmãs pioneiras enviadas para o Rio Grande do Sul. (SIGNOR, 1984).

trazer as Irmãs para o Rio Grande do Sul com o objetivo de “preservar a cultura italiana em suas escolas”. (OLIVEIRA, 2009, p. 169).

Suas atividades começaram em Bento Gonçalves, contando com cinco religiosas que se deslocaram para lá. As pioneiras dessa nova atividade foram: Irmã Maria Lúcia Gorlin, Irmã Borromea Ferraresi,²⁷ Irmã Josefina Oricchio, Irmã Maria de Lourdes Martins e Irmã Joana de Camargo, com a criação do Colégio São Carlos que somente após 40 anos passou a se chamar Colégio Nossa Senhora Medianeira.

Em seu primeiro ano de atividade, o Colégio funcionou em um prédio de madeira, tendo sido transferido no ano seguinte para nova construção, levantada em terreno adquirido por Padre Poggi, que chegou a vender a colônia de sua propriedade, fazendo ainda um empréstimo no Banco Pelotense para custear a obras. (SIGNOR, 1984, p. 212).

Figura 3 – Primeiro prédio do Colégio N. S. Medianeira em Bento Gonçalves – 1915



Fonte: Oliveira (2009, p. 175).

Nos primórdios da instalação na casa de madeira havia “três mesas, cinco camas brancas e cinco colchões de palha. E nada mais. Cadeira não tinha. O sr. Pasquetti foi buscar umas na Igreja”. (OLIVEIRA, 2009, p. 175). Foi nesse contexto que elas iniciam suas atividades na comunidade de Bento Gonçalves.

Segundo Signor (1984), nesse período em que as Irmãs se encontravam no Rio Grande do Sul, não havia uma província no estado, mas, somente em São Paulo como comentado anteriormente. No Rio Grande do Sul se consagrou no ano de 1927. Até essa data todas as aspirantes deveriam noviciar em São Paulo. No ano de 1916, foram encaminhadas

²⁷“Em 1915 integrara o grupo de Irmãs pioneiras da missão em Bento Gonçalves onde atuou durante 20 anos como professora e como mestra de noviças desde 1927, exerceria a função de superiora geral por cerca de 16 anos. Nesse tempo, apesar dos obstáculos superados com fé provada e incomum energia, seriam concretizados passos decisivos que dariam início a uma necessária e fecunda internacionalização do instituto scalabriniano feminino.” (SIGNOR, 2007, p. 31).

cinco candidatas, todas da RCI do Rio Grande do Sul, que foram junto com a Madre Assunta que, nesse mesmo ano, tinha se deslocado para o estado em visita à cidade de Bento Gonçalves para ver como estava sendo desenvolvida a missão das Irmãs. Assim no seu retorno, aproveitaram a companhia da Madre e foram com ela as primeiras candidatas ao noviciado: Caterina Lunelli, Margherita Balsan, Santina Caldieraro, Clotildes Caldieraro e Emilia Cherubini.

A construção dessa instituição na cidade possibilitou à sociedade, de acordo com Oliveira

o ensino católico, focando o imigrante italiano, possivelmente, as meninas católicas, procurando despertar, entre as mesmas, a vocação e a missionaridade. Desse modo, pode-se afirmar que foi possível apreender o sentido daquilo que o Colégio formou, educou, instruiu e criou; o sentido exclusivo de ser, sua particularidade. (2009, p. 173).

Nessa época, é importante ressaltar que ainda não existia uma política educacional nacional uniforme, que formasse uma sociedade civilizada através de seu estado físico, moral e intelectual. Segundo Souza (2008), para realizar esse processo precisava “impingir a racionalidade científica em todos os aspectos da vida social e a escola era a instituição mais adequada para esse tirocínio”. (p. 27). Para Spencer, citado por Souza,

uma educação intelectual, física e moral traduzia e reafirmava as aspirações em curso, [...] a crença na possibilidade de aperfeiçoamento do homem e da sociedade por meio da escola. Ele antevia não apenas a formação de cidadãos racionais, mas também de cidadãos sensíveis, governados por si mesmos, portadores de critérios internos de julgamento sobre o bem e o mal, o certo e o errado – princípios ordenadores de uma vida civilizada. (2008, p. 27).

Esse processo pelo qual o ser humano passa é de autoregulação, que deriva de longo aprendizado, controle, afetos e emoções; que é capaz de produzir um modelo de civilização específico para que o homem ordene sua vida individual e a convivência com outros seres humanos. Essa reflexão revela como a República no Brasil queria uma modernização, pois essa ordem levaria o País ao progresso. Assim sendo,

o Partido Republicano Rio –Grandense elaborou um projeto, [...] baseado na matriz ideológica positivista, propondo a moralização da sociedade por meio da educação. [...] Ao lado desse projeto, a presença da Igreja, [...] contribuindo para a conformidade da nação. (OLIVEIRA, 2009, p. 173).

Foi nesse contexto, que o colégio desenvolveu suas atividades em Bento Gonçalves, além de manter a fé e a nacionalidade da população italiana. Iniciou com o Curso Primário, no entender Souza, “a educação primária adquiria um valor prático incontestável. A educação

das massas serviria ao desenvolvimento econômico, preparando os trabalhadores para compreender os fundamentos da sociedade industrial”. (2008, p. 25). A autora comenta ainda que a escola primária “deveria difundir os saberes elementares e os rudimentos das ciências físicas, naturais e sociais” (p. 19), formando um cidadão cívica e moralmente.

Portanto, foi com essa visão que iniciou a primeira instituição de ensino no Rio Grande do Sul dirigida pelas Irmãs de São Carlos Borromeo, a qual pode ser melhor entendida na Tese de Oliveira (2009): *Educação Scalabriniana no Brasil*, que analisa como ocorreu sua transformação até os anos 40 (séc. XX), quando começam suas atividades no Curso Ginásial para moças.

Em vista de que o Brasil deveria formar pessoas disciplinadas é que as Irmãs continuam sua caminhada educando moças, pois eram vistas como corpos dóceis que precisavam ser educadas e moldadas para se tornarem úteis naquela época, em relação ao movimento que estava crescendo no Brasil.

Não se pode deixar de destacar o grande marco dessa história em estudo que foi o ano de 1936, quando as Irmãs iniciam também suas atividades em Caxias do Sul, fazendo parte do contexto do desenvolvimento da cidade até os dias atuais como educadoras.

No próximo capítulo examina-se como elas iniciaram suas atividades de exímias educadoras e de que forma sua primeira escola foi erguida em Caxias do Sul, na instituição conhecida como Colégio São Carlos.

3 COLÉGIO SÃO CARLOS E SUA ORGANIZAÇÃO EM CAXIAS DO SUL

Antes de iniciar a tessitura da história da criação do Colégio São Carlos em Caxias do Sul, é importante descrever como começaram, primeiramente, as atividades das Irmãs Scalabrinianas designadas para estas missões: ser estudantes e educadoras na cidade que estava em franco desenvolvimento principalmente nas áreas industrial e comercial como já foi mencionando no primeiro capítulo desta pesquisa. Dentre os aspectos que se aborda na organização do colégio, neste capítulo, ficam em destaque a historicidade da caminhada das Irmãs de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas em Caxias do Sul, o início do Colégio São Carlos, a autorização e Inspeção para o funcionamento do Curso Ginásial na instituição, os cursos (anexos) oferecidos pelo Colégio e seu regimento interno.

3.1 AS IRMÃS SCALABRINIANAS FAZENDO HISTÓRIA EM CAXIAS DO SUL

Para se falar da trajetória histórica dessas Irmãs, a priori é preciso entender como se estabeleceram, num primeiro momento e de que forma ocorreu sua vinda para Caxias do Sul.

Nessa época quem fez o convite para a vinda dessas Irmãs para Caxias do Sul foi o Padre João Meneguzzi. Ele fizera história, na cidade, através das escolas paroquiais por ele coordenadas e tinha interesse na participação das Irmãs na educação da população. De início marcaram suas atividades com a catequese paroquial que era ministrada no Bairro São Pelegrino.

Foi na fase de transição para a nova cidade que elas concretizaram sua primeira Comunidade de Irmãs Estudantes, assim constituída: Madre Joana de Camargo, Irmã Jacomina Veronese, Irmã Marcelina Broetto, Irmã Nely Basso, Irmã Clotilde Taffarel e Irmã Noêmia Soldatelli, no ano de 1934. A Comunidade das Irmãs ficou localizada próxima da Escola Complementar Duque de Caxias.²⁸ Para que o projeto fosse aprovado, quem deu início à solicitação foi a Supervisora da Provincial, Irmã Faustina Bósio, que obteve consentimento da Madre Superiora-Geral, Assunta Marchetti.

Ela tinha como objetivo preparar e formar Irmãs para o exercício do Magistério, e o seu processo de profissionalização para atuar em Caxias do Sul ocorreu na Escola Complementar de Caxias, uma instituição de ensino pública, onde se formaram as primeiras educadoras do futuro Colégio São Carlos.

²⁸ Atualmente conhecido como Instituto Estadual de Educação Cristóvão de Mendoza.

Como se pode observar no quadro 4, elaborado por Bergozza (2010), entre as alunas concluintes de 1935, dá-se destaque à Irmã Maria Jacomini Veronese, primeira diretora da Escola São Carlos.

Quadro 4 – Alunas concluintes de 1935 – Escola Complementar de Caxias do Sul

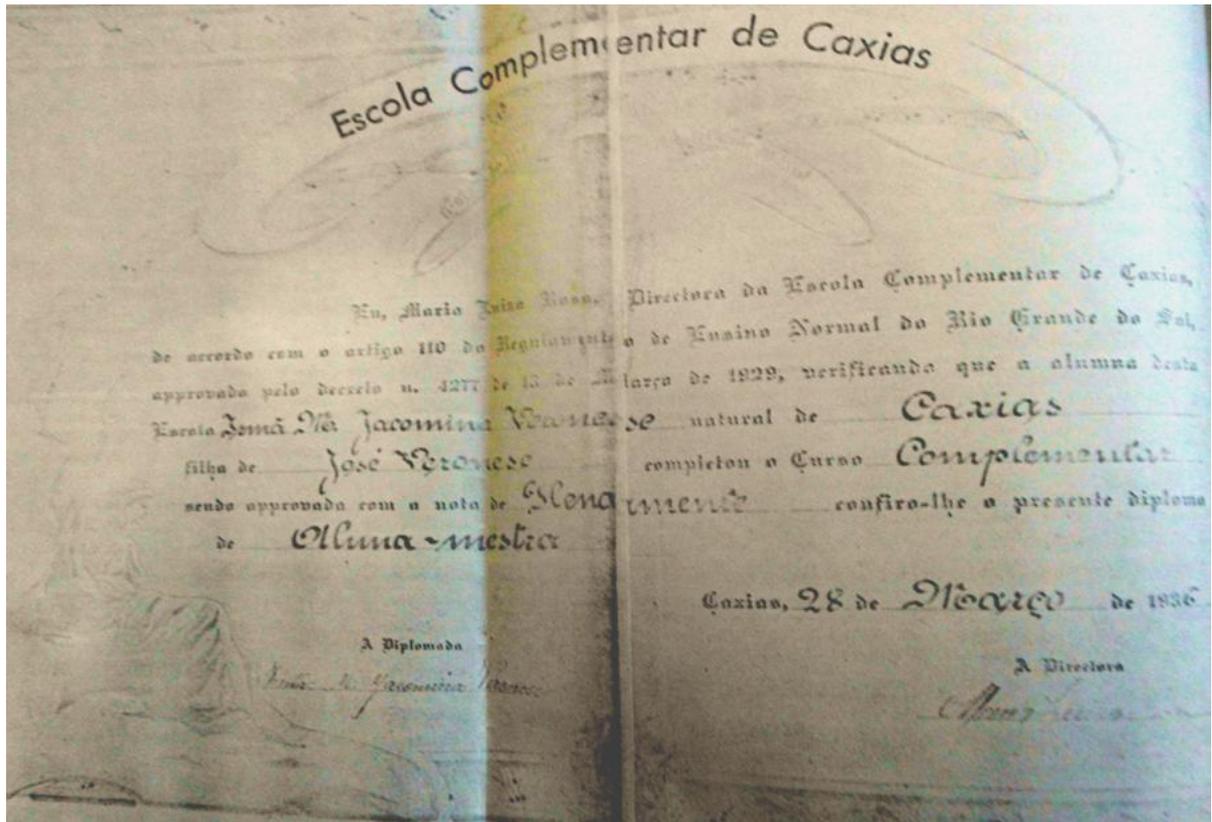
Alunas concluintes de 1935 – Escola Complementar Duque de Caxias
Adelaide Correa Rosa
Amneris Medusa Varnieri
Doroty Ferreira Borges
Emérta Moreira
Fandila Maria Reginato
Irma Valiera
Ivaneze Lisbôa
Irmã Maria Idalina Barater
Irmã Maria Jacomina Veronese
Lydia Lurdes Giordani
Lisette Mascarello
Maria Rosário Donantelli
Maria de Lurdes Mendes
Noemia E. Maria Sartori

Fonte: Bergozza (2010, p. 75).

Foi verificado, durante esta análise, que somente uma componente da primeira Comunidade consta da listagem das alunas concluintes: Irmã Maria Jacomini Veronese. Durante o rastreamento dos documentos da escola, em seu histórico, relatam que algumas eram somente estudantes, mas sem maior detalhamento de suas demais atividades como discentes em Caxias do Sul. Na pesquisa documental, foi localizado, no Livro Verificação Prévia do Ginásio São Carlos (doravante: LVP/CSC), o diploma de conclusão do Curso Complementar²⁹ de Caxias, da Irmã Maria Jacomina Veronese, conforme figura a seguir:

Figura 4 – Diploma de Conclusão do Curso Complementar da Irmã Maria Jacomina Veronese

²⁹ No Rio Grande do Sul, em 1910, foram criados os Colégios Elementares e os Complementares. Em 1929, nova legislação educacional gaúcha expandiu os Colégios Complementares, tendo sido criado um em Caxias do Sul, voltado para a formação de professores. No caso brasileiro, o Curso Complementar foi oficializado em todo o território no ano de 1931, através da Reforma Educacional Francisco Campos, pelo decreto número 19.890 de 18 de abril de 1931. Esse “... mantinha matérias comuns às três seções, garantindo uma cultura geral e matérias específicas a cada ramo profissional – contemplando o curso Jurídico, os de Medicina, Farmácia e Odontologia e os de Engenharia, Arquitetura e Química Industrial.” (Souza, p. 149, 2008).



Fonte: Verificação Prévia no CSC – Colégio São Carlos – Escola de 1º e 2º Graus – Caxias do Sul/RS.

Esse foi o único documento encontrado, durante a pesquisa, certificando a formação, provavelmente, de uma das primeiras integrantes do grupo que se deslocaram para estudar em Caxias do Sul e que, posteriormente, teve importante atuação no Colégio São Carlos, não havendo, no momento, nenhum outro registro sobre as demais Irmãs que se encontravam no grupo. Além disso, merece destaque a Irmã Maria Jacomina Veronese, pois foi a primeira diretora do Colégio São Carlos, tendo atuado também como professora na mesma instituição.

Em 1936, a Comunidade das Irmãs já contava com mais integrantes. Sabe-se que, entre elas, já havia Irmãs concluintes do Curso de Magistério. No entanto, somente ficaram duas Irmãs dando continuidade às suas atividades na escola: a Irmã Maria Jacomina Veronese e a Irmã Marcelina Broetto. Em relação à formação da segunda Irmã, não foi possível saber onde concluiu seu curso se foi em Caxias do Sul ou se já viera com a formação de outra localidade, pois, durante a leitura realizada em Bergozza (2010), que realizou estudo sobre a primeira Escola Complementar, também não foi encontrado nenhum registro.

Além dessas duas Irmãs, a comunidade contava com mais três novas integrantes como professoras no ano de 1936: a Irmã Amábile Nervis, a Irmã Rosa Gorlin e a Irmã Gasperin. Conforme acervo do Colégio São Carlos, não foi encontrada nenhuma informação sobre a formação escolar das mesmas. Além dessas ainda contavam com mais sete Irmãs

estudantes: Irmã Joana de Camargo, Irmã Cleufe Ferronato, Irmã Judith Beux, Irmã Natália Peroni, Irmã Idatilina Barrater, Irmã Albertina Vezaro e Irmã Ursulina Scopel.

No ano de 1936, a Comunidade não mais se localizava próxima da Escola Complementar de Caxias do Sul, pois haviam se mudado do seu estabelecimento logo após o convite feito pelo Padre Meneguzzi, para que atuasse na Catequese Paroquial da Comunidade do Bairro São Pelegrino. Em virtude dessa mudança, em 1935, se alojaram na casa do Coronel Miguel Muratore,³⁰ na Rua Feijó Júnior, 778. Pode-se verificar isso na figura 5.

Figura 5 – Casa Miguel Muratore



Fonte: Arquivo Fotográfico 1936-1989 – Histórico, v.08. Colégio São Carlos – Escola de 1º e 2º grau - Caxias do Sul/RS.

Pode-se observar, na figura 5, uma construção em estilo eclético, típica dos anos 20 (século XX). Essa estrutura contava com portas e janelas (térrea) que permitiam entrever salas com paredes na cor salmão; na lateral, contava com uma escadaria decorada com cinco colunas em estilo coríntio, a qual dava acesso direto ao *hall* do primeiro piso. Nesse local, se

³⁰ A casa que as Irmãs utilizaram para sua futura moradia foi, durante muitos anos, residência da família do Coronel Miguel Muratore, e ponto de referência da comunidade caxiense. Coronel Miguel Muratore chefiou o governo do município de Caxias do Sul de 1930 até 1935. Durante sua gestão as ruas da cidade adquiriram nova feição, através do calçamento, realizado com pedras britadas e areia, comprimidas com rolo. Adaptado do *Jornal Folha de Hoje* (1990).

encontrava uma saleta e um corredor que dava acesso a vários quartos, pois a família³¹ dele era grande, uma das características da época. (FOLHA DE HOJE, 1999).

Dois anos se passaram desde 1934, quando iniciou a primeira Comunidade, que tinha como objetivo formar educadoras para o ensino da população, conforme solicitação do Padre Meneguzzi, como já mencionando anteriormente. Conseguiram êxito em seus ideais no ano de 1936, com a abertura do colégio.

3.2 A CRIAÇÃO DO COLÉGIO SÃO CARLOS EM CAXIAS DO SUL

De início, as Irmãs fixaram moradia no Bairro São Pelegrino. Em 1936, já com residência fixa, começaram suas atividades educacionais, dividindo o espaço de moradia com salas de aula. De acordo com o Histórico do Colégio São Carlos (doravante HCSC), as Irmãs, para repousarem à noite, tinham que transformar uma das salas de aula em dormitório. (HCSC, 1996, p. 2).

As condições precárias não favoreciam muito o ensino, mas, com o passar dos primeiros anos, a Congregação conseguiu organizar-se e construir um prédio escolar adequado (ou assim considerado), para o funcionamento do colégio. Conforme ressalta Gonçalves,

a arquitetura escolar, que no século XIX encontrava-se na sala de aula improvisada na casa do professor, passou, no século XX por etapas que a foram enriquecendo, complexificando. [...] As salas de aulas vão se constituindo, ao mesmo tempo, nos planos técnico-construtivo, estético e pedagógico, sob preceitos simbólicos, higiênicos, morais e metodológicos e adquirem uma forma, uma organização e uma institucionalidade próprias, que as distinguem de outro espaço público. (2012, p. 59-60).

O referido colégio funcionou na parte térrea do prédio, com a matrícula de 160 alunos, e sua primeira diretora foi a Irmã Maria Jacomina Veronese. O Colégio São Carlos foi inaugurado com o nome: Colégio Elementar São Pelegrino, em 14 de março de 1936. Nesse ano, iniciavam suas atividades educacionais com o Jardim da Infância e o Curso Elementar. Anos depois, novos cursos foram oferecidos, assunto que será explanado em outro momento, com maior ênfase.

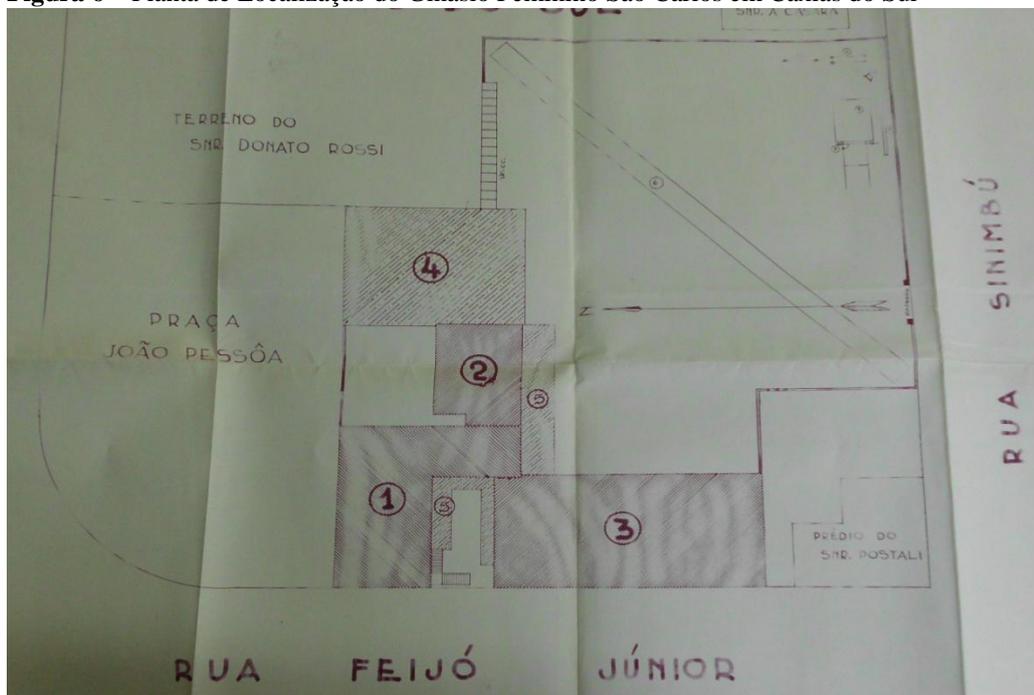
O espaço escolar que as Irmãs disponibilizaram à população, em 1936, suscita uma reflexão acerca de sua disposição, consoante que Viñao Frago (2001) ressalta: “A instituição escolar e o ensino só merecem esse nome quando se localizam ou se realizam num lugar

³¹ Do seu primeiro casamento com Maria Alberti, nasceram seis filhos e depois mais dois com sua segunda esposa, Dona Pasqualita.

específico. E, com isso, quero dizer num lugar especificamente pensado, desenhado, construído e utilizado única e exclusivamente para esse fim.” (p. 69).

Aquele estabelecimento no qual a escola funcionava era de grande valia à população, pois se localizava num dos principais pontos da cidade, ou seja, se inseria “ao lado do Largo João Pessoa, tendo pela frente o largo da Igreja Matriz, Avenida Júlio de Castilhos e a Rua Feijó Júnior”. (LVP/CSC, 1945, p. 60). Essas ruas já tinham calçamento e uma considerável circulação de veículos e pedestres. Pode-se verificar na planta as referidas ruas que a circundavam.

Figura 6 – Planta de Localização do Ginásio Feminino São Carlos em Caxias do Sul



Legenda: 1- Prédio Antigo; 2- Prédio Novo; 3- Prédio Recosta e 4 Área Coberta.

Fonte: LVP/CSC – Caxias do Sul/RS.

Instaladas, as Irmãs começaram a dar andamento ao seu projeto educativo. No mesmo mês de sua inauguração, realizaram a compra efetiva do imóvel e do respectivo terreno. Com a compra, iniciavam um novo investimento em seu prédio, modernizando as instalações, atendendo às exigências do Ensino Secundário Federal, conforme Decreto 21.241, de 4 de abril de 193, Capítulo II, como se lê:

Art. 51. A concessão de que trata o artigo anterior será requerida ao Ministério da Educação e Saúde Pública, que fará examinar em verificação prévia pelo Departamento Nacional do Ensino, as condições do estabelecimento, o qual deverá satisfazer os seguintes requisitos essenciais:

I. Dispor de edifício, instalações e material didático em acordo com as normas estabelecidas pelo Departamento Nacional do Ensino e aprovadas pelo Ministro da Educação e Saúde Pública.

II. Ter corpo docente inscrito no registo de professores.

- III. Manter na sua direção, em exercício efetivo, pessoa de notória competência e irrepreensível conduta moral.
- IV. Oferecer garantias financeiras bastantes para o funcionamento durante o período mínimo de dois anos.
- V. Obedecer à organização didática e ao regime escolar estabelecidos neste decreto.

Uma das preocupações delas além de todo esse contexto que era exigido para a inauguração de novo prédio, tinham um cuidado especial com a integridade física de seus alunos, posto que, onde estava localizado o prédio, naquela época, já era um local de grande movimentação, já que era uma área de referência comercial na cidade. O prédio ficava entre duas principais ruas de grande acesso da população. Assim, estabeleceram a entrada e a saída geral do estabelecimento na rua lateral da escola, onde não havia uma circulação tão intensa de carros e de pessoas.

O Curso Primário e o Jardim da Infância funcionaram até 1938. Não foram encontrados, nos documentos consultados, os motivos que causaram o fechamento do Jardim e do Curso Elementar. Kreutz comenta:

O Decreto 406, de maio de 1938, ordenou que todo o material usado na escola elementar fosse em português, que todos os professores e diretores de escola fossem brasileiros natos, que nenhum livro de texto, revista ou jornal circulasse em língua estrangeira nos distritos rurais e que o currículo escolar tivesse instrução adequada em história e geografia do Brasil. Proibia o ensino de língua estrangeira a menores de 14 anos. (2003, p. 365).

Durante a interrupção das atividades,³² fundaram o Curso de Datilografia para ambos os sexos. Somente em 1940 foi criada a seção feminina da Escola Superior de Comércio de Caxias do Sul, sendo realizados exames de admissão aos Cursos Propedêuticos.³³

Em 1943, entrou em funcionamento o Curso de Peritos Contadores no mesmo colégio. Em 1945, no mês de fevereiro, a escola reabriu as matrículas para o Curso Primário e o Jardim da Infância, obtendo elevada procura, com grande número de alunos, devido ao crescimento da cidade nos anos últimos anos. Durante a leitura das anotações no LVP/CSC da inspeção realizada em 1945, foi um dos requisitos salientados a preocupação e a distribuição do espaço escolar. (LVP/CSC, 1945, p. 71).

³²É possível pensar que o ensino fosse ou tivesse influência do italiano, conforme a própria ideologia da criação da Congregação. Mas não foi possível encontrar as motivações nos documentos da instituição.

³³O ensino secundário foi ministrado na maior parte do país como curso preparatório, com caráter propedêutico. Os cursos propedêuticos eram aqueles que preparavam o estudante para cursar ensino superior, em oposição aos cursos técnicos / profissionalizantes, característica do dualismo educacional brasileiro. Esse “com duração de 6 anos destinava-se a habilitar alunos em matérias científicas e literárias”. (Souza, p. 117, 2008).

Em 1945 o prédio já se contava com três pavimentos entre eles o térreo, que estavam ligados por duas escadas sobrepostas. Todos os pavimentos eram de alvenaria tanto a parte externa como a interna. As paredes que dividiam as salas foram construídas da mesma forma. O internato e também a residências das Irmãs se encontravam isolados para que não houvesse nenhuma interferência nas atividades escolares. Não se pode deixar de destacar (conforme documentação) o relatório de inspeção de 1945 referindo que a escola há pouco tempo havia realizado uma reforma nas antigas instalações, tendo gasto Cr\$ 250.000,00.

A parte antiga do prédio ficou sendo utilizada para serviços secundários, possibilitando que o prédio apresentasse uma ampla entrada para receber seus alunos servindo também como saída. Além desse acesso, havia mais duas entradas secundárias, localizadas na parte da frente do prédio, utilizadas para visitantes e, se fosse necessário, para que os alunos saíssem em caso de emergência.

Tiveram elas a preocupação de estruturar um espaço adequado para seus alunos, de modo a promover também o programa educacional da época. O prédio constituiu-se de um conjunto de espaços úteis, com vários desdobramentos arquiteturais, funcionais e hierárquicos. Elas queriam que o espaço permitisse à instituição um bom funcionamento tanto funcional como disciplinar, garantindo o desenvolvimento das potencialidades dos sujeitos que ali se encontravam.

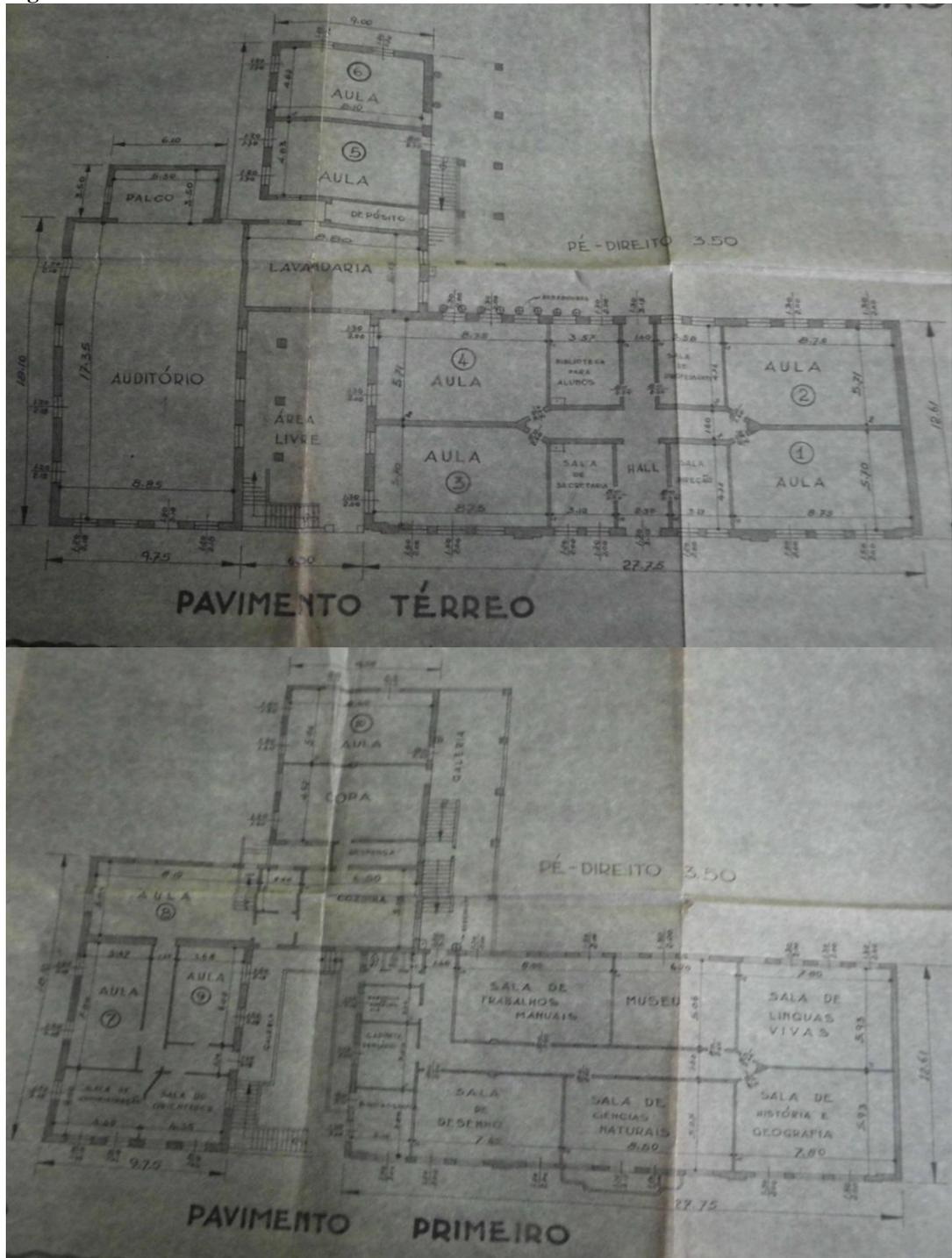
O ambiente escolar tem de demonstrar a ordem da missão civilizadora republicana através das condições ideais de ar, luz, mobiliário e postura dos alunos. Neste contexto, aliam-se com a mesma intencionalidade educadores, médicos higienistas e políticos. A preocupação com a higiene escolar reforça valores morais relativos a padrões comportamentais ditos “civilizados”. A decisão de instalar escolas encontra-se visceralmente ligada às condições físicas do lugar em que deveria funcionar, isto é, as condições topográficas, climáticas, sanitárias, atmosféricas, de iluminação, de salubridade, das águas e de proximidade ou não das aglomerações urbanas. (LAGE, s. d., p. 9).

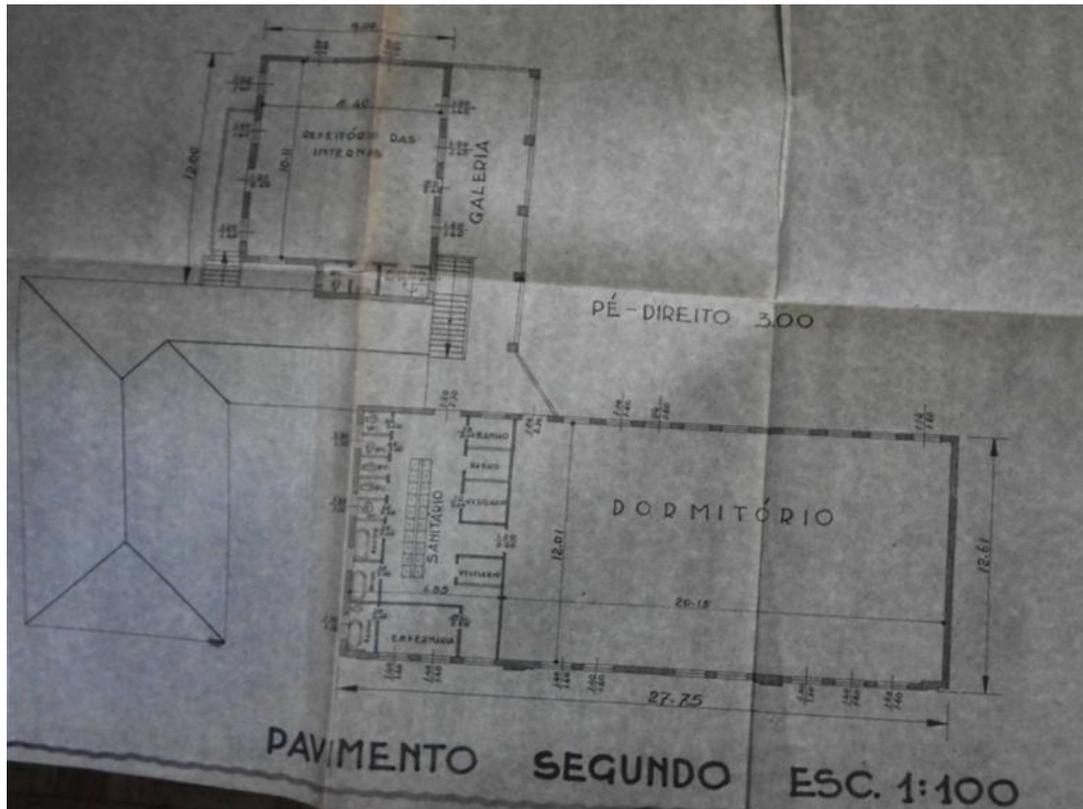
Pode-se trazer uma reflexão sobre esse contexto com base no “Movimento da Escola Nova” que propõe uma educação com as seguintes características, conforme Silva (2012):

Produtividade, disciplina, homogeneização da cultura, eliminação de traços pessoais e consciência nacional. Na arquitetura escolar mantém-se a tipologia arquitetônica com um pátio distribuidor de salas, mesmo que a “simplicidade” científica passe a ser retórica dos projetos. Àquele projeto arquitetônico inicial se agregam novos espaços, além das salas de aulas: sala de direção, gabinete dentário, cozinha, pátio de educação física; e a arquitetura vai, assim, revelando o valor que cada uma dessas novidades vai ganhando no cenário educativo. (p. 34).

A figura 7 mostra a planta referente à distribuição de espaços na nova arquitetura do Colégio, que foi provavelmente uma das preocupações das Irmãs, tanto na relação de seus alunos como de suas internas e da própria Comunidade das Irmãs que ali se encontravam.

Figura 7 – Planta do Ginásio Feminino São Carlos em Caxias do Sul





Fonte: LVP/CSC – Caxias do Sul/RS.

Diante dessas imagens da arquitetura da escola na década de 40 (século XX) pode-se fazer uma relação com Silva que comenta acerca da arquitetura dos prédios escolares.

Muitos dos prédios, além das salas de aula e dos serviços obrigatórios, incluíam outras dependências, muitas delas, destinadas também ao ensino, a exemplo das salas especiais para bibliotecas, trabalhos manuais, auditório, museu didático, e acomodações para o atendimento médico e dentário, dentre outras. Além disso, muitas escolas dispunham de pavilhão para a cultura física que, a depender da área disponível e para não prejudicar as atividades de ensino, localiza-se a certa distância das salas de aulas. (2009, p. 61).

Chornobai (2005), em pesquisa realizada, comenta a relação da parte arquitetônica principalmente com as salas de aulas, afirmando que “as salas de aulas obedeciam à concepção já tradicional de distribuição do espaço” (p. 212), mesmo que a educação vivesse novas teorias pedagógicas.

Ressaltar-se como se constituíam as salas de aulas nas plantas apresentadas anteriormente. Na parte térrea, havia o maior número de salas de aula, porém também havia salas de aula no primeiro pavimento, e algumas dessas eram designadas como salas especiais (a ser explanado posteriormente). Ainda hoje elas estão sendo utilizadas; algumas foram reformadas, e outras ainda mantêm sua forma arquitetônica, mas se apresentando modernizadas em sua parte interior.

Pode-se observar na figura 8 que as Irmãs sempre tiveram a preocupação de manter as salas de aula tradicionais, com distribuição dos espaços, mesmo com o novo projeto de desenvolvimento de moderno espaço escolar.

Bencostta comenta que “Escolano mostrou bem como esta espacialização disciplinar compõe a arquitetura escolar ao observar, dentre outros detalhes, a divisão das salas de aulas por idade e sexo e a disposição das cadeiras enquanto elementos de planificação panóptica do espaço”, fazendo com que os alunos e os objetos convivessem, porém mantendo uma separação no espaço que ocupavam naquele momento. (2005, p. 112).

Figura 8 – Sala de Aula do Ginásio Feminino São Carlos em Caxias do Sul



Fonte: LVP/CSC – Caxias do Sul/RS.

As salas foram estruturadas em um espaço retangular com janelas em disposição longitudinal, com formato de basculantes. As carteiras encontravam-se distribuídas em fileiras, com a mesma distância entre uma e outra. Além disso, nota-se que o quadro-negro está fixado e centralizado de frente para as classes. Havia outro quadro móvel que se encontra à esquerda, próximo da janela; ao seu lado, a mesa da professora todos sobre um estrado. Nesse mesmo espaço, havia um quadro³⁴ e logo acima, um crucifixo. O crucifixo é um dos objetos que deixa bem marcada a questão religiosa, que é um dos símbolos utilizados pelos

³⁴ Esse continha escrito um pensamento.

católicos e respeitado por eles até hoje. Próximo à porta, um armário de madeira. Conforme o Relatório de Inspeção Prévia disponível no acervo do colégio, as “salas ostentam na sua decoração cores uniformes, brancas e claras, sem serem brilhantes” (p.75), pois, durante leitura realizada, pode-se notar que as Irmãs mantiveram esse critério de uniformização das cores das salas, para que, no futuro, nenhum aluno apresentasse problemas visuais. (LVP/CSC, 1945, p. 75).

Tecendo esse processo de organização arquitetônica, a seguir, a figura 9 descreve o espaço disponibilizado para leitura, identificado como biblioteca. Essa, que foi fundada em 9 de março de 1942, foi registrada com nome de *Padre Antônio Vieira* no Instituto Nacional do Livro, Rio Janeiro, somente em 9 de junho de 1947, sob n. R. M. 3004. (SHGSC, 1949). Ela se localizava na parte térrea, conforme planta da instituição, no fim do corredor, próxima da sala dois, à sua direita.

Figura 9 – Sala da biblioteca



Fonte: LVP/CSC – Caxias do Sul/RS.

Observe-se que a sala contava com duas janelas bem-amplas com uma mesma disposição longitudinal, em direção à área livre, que era utilizada para o recreio. As janelas, apresentadas desse modo, serviram como um grande foco de iluminação da sala. Em relação à disposição da mesa nesse espaço, vê-se que estava centralizada e, ao seu redor, havia armários envidraçados. Esses conforme o relatório de 1945, serviam para arquivar livros e revistas que

eram catalogados por assuntos e coleções. A área, aparentemente, era pequena, mas, na época, atendeu à proposta das novas práticas pedagógicas da escola, utilizada como método pedagógico em relação à leitura silenciosa. Ainda nos dias de hoje, a biblioteca tem como uma de suas características a de ser um lugar sem barulho para que se possa dela se utilizar para pesquisa e leitura individual. Para Vidal,

a leitura silenciosa quanto a oral poderiam responder aos novos objetivos do ler: não mais interpretar, mas criar; somente a leitura silenciosa permitiria atingi-los de maneira mais eficiente. Os estudos sobre os movimentos oculares demonstravam que o avanço das visadas era mais rápido do que a oralização do lido. Logo, o domínio da leitura silenciosa possibilitava ao indivíduo o acesso a um número maior de informações, concorrendo para potencializar a ampliação de sua experiência individual. (2003, p.506).

Caminhando nessa linha de pensamento em relação às práticas pedagógicas da escola nova, comenta-se que as estruturas modernas nessa época, eram de grande valia para a educação dos alunos em relação aos seus conhecimentos, e isso tudo se daria através da experiência, que, naquela ocasião era vivenciado por eles na sala de Química e Física, por exemplo.

Figura 10 – Sala de Física e Química



Fonte: LVP/CSC – Caxias do Sul/RS.

Na figura 10, pode-se visualizar o investimento das Irmãs na estrutura dessa sala, que ficava localizada no primeiro pavimento. O piso era de ladrilhado com mosaico, a mesa que

está no centro da sala tem a parte superior de granito. Tinha à sua disposição três torneiras: a do meio era a única que continha duas saídas de torneira e a das pontas contava com três. Essa imagem foi utilizada pelas Irmãs na inspeção de 1945. Além disso, contava com armários envidraçados para a guarda de materiais, que eram utilizados para uso pedagógico.

Além dessas salas especiais que faziam parte do primeiro pavimento, havia ainda a sala de Geografia, que pode ser visualizada na figura 11. Contava com um amplo espaço bem-iluminado, com dois focos de luz distribuídos na área física. Além dessas luminárias, contava com janela basculante. Na foto somente pode ser visualizada uma delas, mas, durante a leitura do Livro de Inspeção do Colégio São Carlos (1945), ela contava com duas janelas longitudinais; provavelmente, a outra se localizava à direita da janela que se consegue ver na imagem.

Figura 11 – Sala de Geografia



Fonte: LVP/CSC – Caxias do Sul/RS.

Percebem-se, nessa imagem, vários mapas distribuídos pelas paredes; à esquerda, o mapa do mundo, o do Brasil, o do Rio Grande do Sul, a da América do Sul e, à sua direita, ou na parede da frente, estavam mapas relacionados a aspectos físicos e divisões políticas relativos aos países. Além de todo esse material disponível nas paredes, o espaço disponibilizava mesas e uma bancada. A mesa, localizada à esquerda, pode-se verificar que continha fotos ao seu redor e, sobre ela, uma maquete de relevo. Não foi possível, durante as

leituras, saber de que maquete se tratava. Evidencia-se que queriam demonstrar que, além desse material visual, tinham à disposição livros referentes aos assuntos. Atrás da mesa referida, há um banco com vários livros entreabertos sobre ele. Constata-se a preocupação das Irmãs em demonstrar todo o material adequado para a realização da inspeção, mas, durante a leitura do relatório (1950), pôde-se verificar que, durante o preenchimento da ficha de classificação e do material didático, contataram somente a falta de um material que deveria estar à disposição do setor pedagógico, o telúrio.³⁵ Assim, não receberam nota 10, mas a pontuação 9,5.

Entre os materiais disponibilizados na inspeção de 1950, foram destacados os seguintes:

Globo terrestre; Globo Celeste; Tabuleiro de areia; Bússola; Barômetro; Termômetro; Mapas do Brasil político, físico, econômico; Planisférico; América do Sul; América Central; América do Norte; Europa física, econômica e política; Ásia; África; Oceania; Mapa mundi físico e político. (RELATÓRIO DE INSPEÇÃO (1950-1971, p.18).

Caminhando nessa linha de análise em relação à arquitetura, verifica-se que as Irmãs, durante a construção do espaço para a educação daquela população a que estavam designadas a ensinar, principalmente moças, uma das salas, além das já citadas e que merece destaque, é a Sala de Trabalhos Manuais, que se localizava no primeiro pavimento. Essa, nos dias atuais, encontra-se no mesmo local, porém com outra designação: Sala de Artes.

Ali era disponibilizado um espaço amplo como pode ser observado na figura 12, com uma boa iluminação, porque havia duas janelas e luminárias bem-distribuídas naquele espaço, atendendo ao modelo padrão.

³⁵Telúrio, conforme Cunha (2010), deriva do latim *tellus* que significa terra, solo. Ainda *tellurium*. "O vocábulo foi criado em 1798 pelo alemão M. H. Klaproth, em oposição a urânio" e trata-se de um elemento químico de número atômico 52, não-metálico, pulverulento, preto-acinzentado. No entanto, quando se trata do uso do telúrio em história da educação, trata-se do Telúrio de Mac-Vicar - um material pedagógico para estudos astronômicos criado pelo professor naturalidade escocesa, mas que imigrou e foi atuante professor nos Estados Unidos - Malcom MacVicar (criador do tellurian globe).

Figura 12 – Sala de Trabalhos Manuais

Fonte: LVP/CSC – Caxias do Sul/ RS.

Nessa imagem, percebe-se como dispuseram os materiais para o registro da foto. Ao centro da sala, uma mesa disposta sobre cavaletes de madeira. Sobrepostas há várias régua e uma delas fixa era de madeira. Chama a atenção que somente havia uma dessas, pois se sabe que era para uso pedagógico das moças. Será que, naquele contexto, uma era suficiente para essa prática? Nota-se a preocupação, provavelmente, de demonstrar os trabalhos realizados pelas alunas, que está abaixo de um quadro de figuras geométricas fixado na parede, ao lado do crucifixo. Não foi possível distinguir que material foi utilizado para a criação dessas obras. Parecer ser gesso, pois tem imagens de rostos e folhas. A disponibilização de diversos materiais buscava dar a ver a riqueza de recursos pedagógicos e, conseqüentemente, pretendiam representar a qualidade da instituição.

Outro espaço interessante era a Sala de História Natural, que pode ser apreciada na figura 13. Contava com várias espécies de animais empalhados, principalmente aves. Esse material pedagógico é conservado até os dias atuais. Além desses, também tinham um boneco do corpo humano com a distribuição dos músculos.

Figura 13 – Sala de História Natural do Ginásio Feminino São Carlos – Caxias do Sul



Fonte: LVP/CSC – Caxias do Sul/RS.

Os materiais didáticos utilizados na sala de História Natural ficavam dispostos em armários envidraçados e, sobre eles algumas aves e dois globos mundo.

Durante análise dessas imagens, foi encontrada uma fotografia do laiaute dos corredores, que eram longos. Assim, tinham uma preocupação: no percurso do andar, evitar o barulho para que não atrapalhasse o desenvolvimento das aulas e a atenção dos alunos, como está ilustrado na figura 14.

Figura 14 – Corredor do segundo pavimento



Fonte: Arquivo Fotográfico 1936 -1989 – Histórico, v. 8 – Colégio São Carlos

Observa-se na imagem, que realmente as Irmãs tinham o cuidado para que o corredor não produzisse ruídos durante o deslocamento das pessoas de fora ou da instituição, por isso foi ladrilhado com mosaicos. Portanto, somente o piso do corredor e da sala de Física e Química receberam mosaicos.

As fotografias revelam a grande preocupação em demonstrar, através delas, o estilo arquitetônico do novo prédio, a adequação às normas e exigências pedagógicas, principalmente nas salas de aula e nas salas especiais. Ressalta Iwaya:

Pode-se perceber que cada lugar é pensado para uma função e destinado especialmente a alguns indivíduos, num discurso em que a arquiteto e o pedagogo falam a mesma linguagem – da ordem, da disciplina e do respeito à hierarquia. [E] o mobiliário escolar não é um detalhe ou uma simples casualidade, [...] além da intenção de impressionar, também o propósito de harmonizar-se com a arquitetura do prédio. (2005, p. 188-189).

Foi possível localizar duas imagens externas do Colégio São Carlos: 1946 e outra de 1965; essas podendo ser apreciadas subsequentes na figura 15 e 16. Nelas pode-se observar a arquitetura escolar e o desenvolvimento de Caxias do Sul.

Figura 15 – Imagem do Colégio São Carlos 1946



Fonte: Caminhando na História 1928-1981 do Colégio São Carlos.

Figura 16 – Imagem do Colégio São Carlos 1965



Fonte: Caminhando na História 1928-1981 do Colégio São Carlos.

Portanto, todo o investimento que tiveram era para que pudessem ser autorizadas a atuar com o Ensino Secundário (Ensino Médio), principalmente para o gênero feminino. A diretora Irmã Maria Jacomina Veronese fizera esse pedido via carta enviada ao Exmo. Sr. Dr. Gustavo Capanema, escrita no dia 7 maio de 1945, com o seguinte teor:

A Irmã Maria Jacomina, abaixo assinada, diretora do Ginásio Particular “São Carlos”, desta cidade de Caxias do Sul, desejando habilitar o supra dito estabelecimento à inspeção federal, vem, muito respeitosamente, perante V. Excia., por intermédio deste, requerer a designação de um Inspetor Federal do Ensino Secundário, para proceder à verificação Prévia das condições do edifício e demais instalações, a fim de que o mesmo possa entrar, tão logo quanto possível, no gozo de todas as prerrogativas outorgadas pelo favor ora requerido.

Essa autorização será analisada com mais ênfase no próximo subtítulo.

3.2.1 Da inspeção à autorização do Curso Ginásial

Durante a garimpagem dessa pesquisa no Arquivo Histórico da Instituição, notou-se que houve um grande investimento na organização arquitetônico no colégio, de 1936 a 1945. O investimento feito pelas Irmãs foi com o propósito de conseguir autorização, para atuar com o Ensino Secundário feminino, da Secretaria da Educação e Cultura. Através da inspeção³⁶ o colégio obteve autorização para funcionamento do Curso Ginásial, passando a se chamar Ginásio São Carlos. Como comenta Santos (2010), houve, nessa época, uma grande expansão do Ensino Secundário, principalmente no setor privado. O autor refere que houve “um levantamento realizado pela Divisão do Ensino Secundário para o ano de 1939 que apontou 629 estabelecimentos de ensino existentes no país e destes 530 eram instituições particulares”. (p. 43).

Isso mostra que seria de grande valia às Irmãs para que continuassem investindo realmente no Curso Ginásial, pois ocorria, naquele momento houve um desenvolvimento da educação no Brasil, além de toda a relação com o desenvolvimento industrial e a mão de obra de mulher na sociedade brasileira.

Com essa proposta, pretendiam atender, sob a forma de internato e externato, pois, à época, iniciava a urbanização pela força do trabalho, e muitas famílias ainda se encontravam na área rural, necessitando que suas filhas permanecessem no colégio em tempo integral. Um

³⁶ A inspeção surgiu através do governo para que se estabelecessem critérios para instalação do Ensino Secundário em vista de sua expansão no País. Assim, “procurou estabelecer diante desta situação para manter o controle e garantir as funções idealizadas para o secundário foi definir seu currículo de forma bastante específica, orientado para a formação da elite. Foi criada uma estrutura burocrática complexa de inspeção e reconhecimento dos estabelecimentos como forma de garantir que o ensino idealizado fosse efetivamente ministrado pelas escolas das redes estadual e particular”. (SANTOS, 2010, p. 43).

desses motivos também era o deslocamento, pois, com sua permanência no colégio não teriam que se preocupar com a saída para a área urbana. E também para moças de municípios vizinhos. Como já se referiu, o colégio mantinha uma infraestrutura para acomodar as meninas, pois, no terceiro pavimento, ficaria o alojamento do internato, o refeitório, os sanitários e a enfermaria, especialmente para moças, o qual seria mantido pela Sociedade Beneficente da Cidade de Caxias do Sul.

Esses cômodos poderão ser avaliados nas próximas imagens. As Irmãs, ao reproduzi-las, provavelmente, tiveram a grande preocupação de demonstrar, através delas, a sua organização interna para manter as alunas em seu estabelecimento. Esse seria de total serenidade, competência e condições de abrigar e acolhê-las nessa nova trajetória de vida e em relação à sua educação.

O refeitório tinha uma área quadrada de 12 por 9 conforme pode ser conferido na planta anterior do ginásio. Em sua lateral, havia escadarias para acesso das internas, à sua direita era para se deslocarem para a parte inferior do prédio e, à esquerda, era para acesso ao terceiro pavimento; então, uma era para que elas subissem, e a outra, para descerem. Na figura 17, para o registro da imagem, deixaram o ambiente totalmente organizado, além de demonstrar também sua preocupação com a saúde de suas internas em relação à alimentação, pois sobre as mesas tiveram o cuidado de colocar no centro uma tigela de frutas diversificadas, pois que, para se ter um rendimento adequado, deve-se investir em boa alimentação, além de um ambiente higienizado. Portanto, pela produção das imagens houve investimento na organização “ideal” dos ambientes.

Figura 17 – Refeitório das internas



Fonte: Arquivo Fotográfico 1936-1989 – Histórico, v. 8, Colégio São Carlos.

O refeitório tinha somente duas janelas, como mencionado em outro momento. Esse foi um dos padrões que as Irmãs adotaram em relação às aberturas dos espaços, além da porta de acesso. Na análise da planta, constatou-se que essas não tinham ligação com as ruas que circundavam o prédio, e sim, para outro terreno.

Ainda se observa na imagem que as Irmãs se preocupavam com a sociabilidade das meninas, essa demonstrada através da distribuição das cadeiras ao redor de cada mesa. As cadeiras, com formato tradicional na região, eram com assento de palha.

Referentemente ao espaço que era disponibilizado às internas para dormir, o dormitório, tinha uma área de 27,47 por 12,6, mas, nessa área, ainda contavam com o vestiário, o sanitário, o banho, o WC e a enfermaria. A figura 18 ilustra como eram distribuídas as camas: havia três fileiras, e as duas primeiras (da direita) com a cabeça direcionada para a direita, e a terceira com a cabeça direcionada para a esquerda. Um espaço simples, sem nenhum outro móvel, além de uma mesa bem no fundo da sala centralizada na parede.

Figura 18 – Dormitório das internas



Fonte: Arquivo Fotográfico 1936-1989 – Histórico, v.8, Colégio São Carlos.

Outro aspecto que merece ser mencionado na imagem é a disposição das janelas; essas se encontravam em ambas as laterais; às da esquerda com abertura para uma área livre as da direita, para a Rua Sinimbú, mas, como se nota essas se encontravam fechadas, provavelmente, não eram abertas, pois não davam acesso à parte externa da instituição. No dormitório chama atenção a uniformização das colchas de cama e ordenamento das mesmas: tudo bem alinhado, a ordem, a limpeza, a disciplina era algo fundamental no processo educativo dessa congregação. As normas que regiam as internas serão trabalhadas no próximo capítulo.

Perto dos aposentos destinados às internas, as Irmãs tiveram a preocupação de deixar uma área destinada à resolução de algum problema de saúde, caso ocorresse alguma das internas, a enfermaria, que ficava próximo ao dormitório, dividida, por paredes e com uma entrada separada. Em consequência, deveriam sair do quarto e passar primeiro pelo sanitário para, depois, ir em direção à esquerda no fim do corredor, quando passariam por um vestiário e, logo à sua direita teriam acesso a essa sala destinada aos cuidados de saúde.

Figura 19 – Enfermaria do Colégio



Fonte: Arquivo Fotográfico 1936-1989 – Histórico, v. 8 – Colégio São Carlos.

Na figura 19, vê-se que a enfermaria contava com uma cama, um bidê, uma mesa e uma cadeira; um banheiro separado dos outros ao qual tinham acesso do próprio quarto e, nesse banheiro, havia uma janela pequena.

Diante de todos esses investimentos realizados para manter suas internas, tinham como objetivo conquistar a autorização para dar continuidade à educação que elas ministraram no Ensino Secundário, pois, na cidade, já havia o Colégio São José que atendia à população feminina como ressalta Grazziotim:

Em 1931, com extinção do Curso Elementar, foi introduzido o Curso Primário, com 260 alunas. [...] Cabe destacar que, no ano de 1934, havia 310 alunas matriculadas, sendo que 287 frequentavam o Curso Primário e 23 o Curso Complementar. [...] Em 1937, foi iniciado o Curso Ginásial com 15 alunas. No ano de 1942, foi extinto o Curso Complementar, permanecendo o Curso Primário com 322 alunas e o Ginásial com 92 alunas. [...] Em 1945, foi introduzido o Curso Jardim da Infância com 59 alunas. O Curso Normal iniciou suas atividades em 1947 com oito alunas. [...] A partir deste ano, as modalidades dos cursos oferecidos se mantiveram até 1958, quando foi introduzido o Curso Científico. (2010, p. 63).

O Ginásio tinha como principal finalidade ministrar o Ensino Secundário (1º e 2º ciclos) dentro dos planos, leis e normas estabelecidos pelas autoridades federais, estaduais e

municipais.³⁷ Além do internato também atenderiam em âmbito de externato, o sexo feminino no Curso Colegial.

As autoridades já tinham um parecer em relação ao Ensino Secundário, para a formação dos cidadãos. Veiga sustenta que

para o ministro Capanema, o secundário era o nível de ensino por excelência destinado a formar futuros cidadãos em sua consciência patriótica. Educar para a sociedade foi interpretado como educar para a nação. Nesse sentido, tal objetivo definia um currículo de acentuado conteúdo humanístico, necessário para a preparação das individualidades condutoras do povo e da nação. (2007, p. 292).

Para a realização da inspeção no Colégio São Carlos, na época, para averiguar se a escola, se encontrava dentro das leis, de acordo com os registros foi designado como inspetor Manoel Pinto Magalhães, brasileiro, casado, despachante, residente no Rio de Janeiro, com todos os poderes, especialmente, para propor e acompanhar, na Divisão de Ensino Secundário, do Ministério da Educação, o processo de verificação prévia para o Curso Ginásial no Colégio São Carlos.

Durante o processo de inspeção foi utilizada uma “Ficha de Classificação” a qual deveria ser preenchida com dados após averiguar se a instituição estava dentro dos requisitos estabelecidos.

Nela deveria constar o nome do estabelecimento, que foi identificado como Ginásio São Carlos; a localidade: Caxias do Sul, na Rua Feijó Júnior, 778, que já contava com regime de internato e externato femininos. Nesse contexto, as Irmãs administravam o Curso Primário, o Comercial e o de Datilografia, que estavam sendo mantidos pela *Congregação Religiosa* conforme anotação realizada na “Ficha de Classificação”.

A cidade, à época, contava com 20 mil habitantes, tinha uma infraestrutura desenvolvida para essa população dentro desse contexto e em relação ao Ensino Secundário. Podia dispor de quatro estabelecimentos que funcionavam em Caxias do Sul. Assim, um dos itens que se pode constatar é que a instituição se servia de sistema de esgoto e abastecimento-d’água. O primeiro sistema era por fossas, e a rede-d’água era urbana. Nessa época, também já contava com rede elétrica, só não tinham, no local, a canalização de gás. Como dito, era uma das vias em que havia grande circulação de veículos e pessoas, bem como de ônibus, para transporte de passageiros.

³⁷ Conforme o Decreto – Lei 4.244, de abril de 1942, o Ensino Secundário, segundo o governo, tinha como finalidade dar uma real formação à personalidade do adolescente.

Os resultados a que chegou o inspetor nas seguintes divisões, foram: *local 90%, edifício 98,3%, instalações 93%%, salas de aulas 42,1% e salas especiais 93,8%*. Com essa classificação, a escola atingiu o conceito bom, com 9.345 pontos. Esse relatório foi preenchido no dia 21 de fevereiro de 1945.

Em vista das notas obtidas e da documentação enviada à Diretora da Divisão de Ensino Secundário, Lucia Magalhães, as Irmãs tiveram o seguinte retorno por parte dela, por telegrama, enviado à instituição:

Recebemos seu telegrama agradecemos nosso procurador Manuel Magalhães informou nos estar completa documentação exigida pela portaria 156 de 10/03/44. Pondo nós a sua disposição para tudo que for preciso. Saudamos a atenciosamente Irmã Jacomina Diretora Ginásio São Carlos. (LVP/CSC, 1945).

Durante o rastreamento dessa documentação e as leituras apuradas desse Relatório de 1945, um fato importante estava registrado, ou seja, durante a análise documental que fora enviada à Direção do Ensino Secundário, uma de suas Divisões, a de Educação Física reportava-se à Direção-Geral, comunicando que o Ginásio São Carlos não se atendia às exigências da Portaria 156,³⁸ de 10/03/44, do DNE, referentes à Educação Física.

Não encontrando mais subsídios sobre esse ofício enviado, e sobre quais itens não estariam adequados naquele momento da inspeção, acredita-se que, como elas queriam muito obter o reconhecimento, empenharam-se para conseguir a aprovação do estabelecimento, adequando o espaço físico para às devidas atividades de Educação Física. No decorrer das leituras realizadas nos relatórios do Colégio São Carlos, foram encontrados relatos que elas atingiram os objetivos ainda na primeira inspeção que não foi aceita. Conforme a carta recebida da Diretora Lúcia Magalhães, no dia 24 de julho de 1945, ressalta-se a seguinte aprovação:

Tendo o Ginásio São Carlos, de Caxias do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, satisfeito as exigências desta Divisão para fins de obtenção, da verificação prévia, consultam-vos se a parte referente a educação física (itens b, i e j da portaria 156, de 10.3.44) foi igualmente atendida, permitindo assim seja submetida ao Sr. Diretor Geral a portaria de designação do inspetor verificador. (LVP/CSC, 1945).

A bem da verdade, elas se dedicaram, pois se percebe que, após três meses da primeira correspondência acerca da inspeção realizada, a Diretora Lúcia Magalhães já deu

³⁸ Essa “estabelece as condições mínimas referentes à Educação Física a que devem atender os estabelecimentos de ensino secundário, por ocasião do pedido de verificação prévia para fins de autorização de funcionamento”. (www.virtualbooks.com.br, 2000, p. 16).

retorno, dizendo com satisfação que elas já tinham superado os itens que estavam inadequados, constatados na primeira visita realizada pelo inspetor.

Ainda se conseguiu obter, através de pesquisa realizada na documentação do arquivo histórico da escola, dados referentes ao estabelecimento desde sua fundação, no ano de 1936, que constava primeiramente como Colégio São Carlos; mas em algumas anotações escritas, redigidas pela instituição, num primeiro momento, a escola foi chamada Colégio Elementar São Pelegrino. Como já ressaltado, 1938, funcionou somente com cursos anexos até o ano de 1944. Esses funcionaram precariamente até 1945 com o Curso Ginásial e o pedido de inspeção para a sua regulamentação. Somente no dia 10 de agosto de 1946, através da Portaria 481, a escola recebeu autorização para funcionamento condicional, e seu reconhecimento só ocorreu em 1952 pela Portaria 1073.

Na Portaria 481, de 10 de agosto de 1946, e em uma carta enviada à instituição pelo ministro de Estado da Educação e Saúde, esse concedeu o reconhecimento ao Ginásio São Carlos, de acordo com o disposto no artigo 72 da Lei Orgânica do Ensino Secundário e na Portaria Ministerial 312, de 30 de novembro de 1942.³⁹ Veja-se o conteúdo:

Art 1º. É concedido reconhecimento, sob regime de inspeção preliminar, ao Ginásio São Carlos, com sede em Caxias do Sul, no estado do Rio Grande do Sul.

Art. 2º. A denominação do estabelecimento de ensino secundário de que trata o artigo anterior continuará a ser Ginásio São Carlos.

Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1946.

Em 1949, foram designados os seguintes inspetores⁴⁰ para verificar as condições do Ginásio São Carlos: Marcos Batista Ribeiro, Afonso Tiele e José Lourenço Kunz, para os fins previstos no art. 28, da Portaria 375, de 16 de agosto 1949. Nessa época, elas receberam um telegrama enviado pelo inspetor José Lourenço Kunz, que foi designado para verificar as condições do Ginásio São Carlos. Logo após terem sido informadas pelo inspetor através de telegrama, foi emitido outro telegrama pelo Ensino Secundário (Médio), que a instituição deveria estar de acordo com a Portaria 375, conforme o Ginásio Duque de Caxias. Pôde-se constatar, durante as leituras realizadas nos documentos, principalmente o conteúdo desse telegrama que não foi especificada a localidade dessa instituição na qual deveriam se espelhar, provavelmente pelo nome teriam se baseado na Escola Normal Duque de Caxias, localizada na cidade de Caxias do Sul.

³⁹ O Ensino Secundário foi organizado no ano 1942, com a Reforma Capanema, sob o nome de Leis Orgânicas do Ensino, pelo Decreto 4.244 de 9 de abril desse ano. Essa organização ocorreu da seguinte forma: o ensino secundário em dois ciclos (ginásial com 4 anos e o colegial com 3 anos).

⁴⁰ Conforme o Decreto Lei 4.244, de abril de 1942, art. 54º. Terminado o período de inspeção preliminar, designará o diretor do Departamento Nacional do Ensino uma comissão de três inspetores da respectiva inspetoria regional, que será incumbida da revisão das condições enumeradas no art. 51º.

Figura 20 – Visita do Inspetor Marcos Batista Ribeiro – 1947



Na foto, da esquerda para a direita: Irmã Teodolina Rombaldi, professora e secretária; Irmã Maria Jacomina Veronesi, professora e diretora; Dr. Marcos Batista Ribeiro, inspetor federal; Sílvia Gedoz Ártico, professora de Português; Carmem Bassanesi, professora de Matemática; e alunas do colégio.

Fonte: Arquivo Fotográfico – 1936-1998 do Colégio São Carlos.

Apesar essa provável lacuna, foi verificado um resultado positivo, mesmo com alguns contratempos, durante a inspeção conforme relatório enviado pelos inspetores para o Diretor do Ensino Secundário, Dr. Neroldo Lisboa da Cunha.

Designados, em comissão, por V.S. para procedermos a verificação das condições, do Ginásio Feminino São Carlos, desta Cidade, de conformidade com o disposto no Art. 4, da Portaria ministerial nº 375, de 16 de agosto do referente ano, combinado com o Art. 28 da mesma Portaria, vimos apresentar-lhe o relatório, referente a esse trabalho. Preliminarmente, cumpre-nos esclarecer-lhe que o presente trabalho sofreu considerável atraso, não só por não estarmos de posse da portaria nº 375, fundamento de todo o trabalho, cujo recebimento muito tardou, como também por haver coincido o mesmo, com a época destinada aos exames finais, ocasião que os inspetores de ensino ficam sobrecarregados de atribuições, agravados pelas acumulações. O resultado da inspeção feita consta de farta documentação que acompanha o presente, constante da Ficha de Classificação, quadros, gráficos de relações, material fotográfico, plantas, croquis e notas apreciativas, etc. Tudo bem visto, chegamos à conclusão, de que o estabelecimento em causa vem observando rigorosamente os dispositivos das leis e regulamentos do ensino, vigentes, particularmente quanto:

a) à eficácia do ensino ministrado, em face da capacidade demonstrada pelas alunas, habilidades nas várias disciplinas do 1º Ciclo, quer as matriculadas em Escolas Técnicas de Comércio;

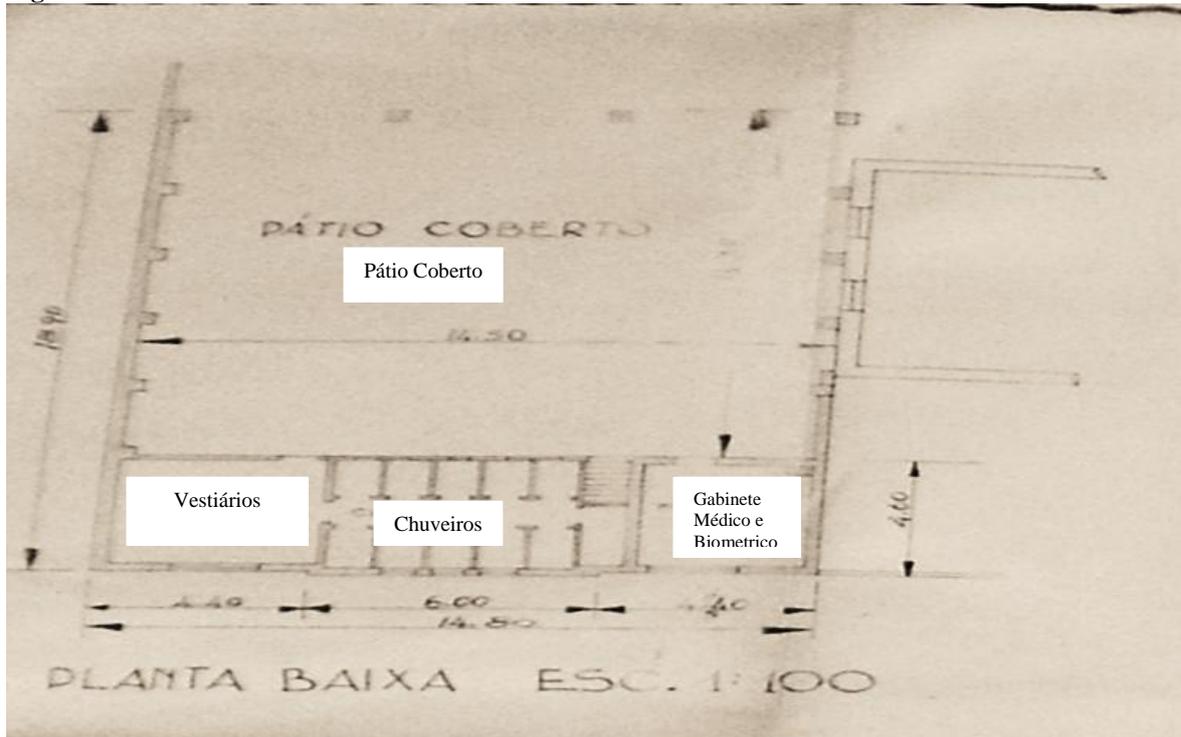
- b) à execução dos dispositivos do Regimento Interno do Ginásio, aprovado pelo Ministério de Educação e Saúde, em virtude de boa ordem disciplinar e contração ao trabalho, observadas no Educandário;
- c) à limitação da matrícula, que está aquém da exigência regulamentar, pois para 410m² de área das Salas de Aulas, acham-se matriculadas 533 alunas;
- d) à conservação das condições do edifício, instalações, material didático, pois a parte destinada ao funcionamento do Curso Ginasial, propriamente dito, é uma edificação nova, de ótima aparência, construída especialmente para o fim a que está servindo, em harmonia perfeita com as exigências regulamentares vigentes, sobre a matéria;
- e) à isenção absoluta de qualquer penalidade, imposta por esta ou aquela autoridade do ensino, desde o início de suas atividades em 1945;
- f) ao testemunho da perfeita atuação do educandário, no setor educacional, de parte do responsável pela fiscalização – Inspetor Marcos Batista Ribeiro;
- g) à não interrupção das aulas, por falta de professores, seja em qualquer época, seja, mesmo, em qualquer dia útil, consagrado a trabalhos escolares;
- h) à permanência do diretor responsável, à testa do estabelecimento, não se podendo mencionar, uma única falta desse gênero;
- i) ao excesso substancial, sobre o mínimo de pontos, da Ficha de Básica, para o reconhecimento de estabelecimentos, situados em Cidades de menos de 100.000 habitantes, pois sendo esse mínimo, de 1.100 pontos, consta este Ginásio 1.854,2 pontos, para 30 ou 35.000 habitantes, que vivem na área urbana, da cidade de Caxias do Sul e bem assim às porcentagens mínimas das demais Divisões, ultrapassando-as de muito.

No que tange à Educação Física, da mesma forma, satisfaz plenamente este Educandário, quer quanto às condições de Áreas, Livres e Cobertas quanto ao Vestiário, Chuveiros, Gabinetes Médico-Biométrico, Pista, instalação e material de cultura física.

Em resumo, somos de parecer, salvo melhor juízo, que este estabelecimento, Ginásio Feminino São Carlos, preenche vantajosamente todas as exigências legais, seja de ordem material, seja de ordem didática, merecendo, por conseguinte, funcionar como Ginásio Reconhecido e gozar de todas as prerrogativas inerentes a essa categoria de Estabelecimento de Ensino.

Após essa inspeção, observa-se no relatório do inspetor, que a relação da área de Educação Física nessa época já se encontrava satisfatória, como pode ser visto na figura 21.

Figura 21 – Planta Baixa do Ginásio Feminino São Carlos – Caxias do Sul



Fonte: LVP/CSC – Caxias do Sul/RS.

Obtiveram autorização para o funcionamento permanente somente do Curso Ginásial em 1952. Nessa época, já contava com um corpo docente de 60 professores, portadores de registros e outros com registros em andamento. A escola tinha capacidade de atender 585 alunos, distribuídos nos seguintes horários de funcionamento dos cursos: Ginásio: das 7h20min às 12h10min; Científico: das 7h20min às 12h10min; Primário: turno da manhã (das 8h às 12h) e à tarde (das 13h30min às 17h30min); e Comercial: das 17h às 20h. Nota-se que, provavelmente, havia uma preocupação com a entrada dos alunos do Curso Primário, pois somente iniciavam seu horário de aula, no turno da manhã, 40 minutos após ter iniciado o Curso Ginásial e o Científico e à tarde o término acontecia 30 minutos após o início do Curso Comercial.

Pelas descrições anteriores elas foram enquadrando o funcionamento do Curso Ginásial às leis educacionais, obtendo a autorização para o funcionamento principalmente do primeiro ciclo do Ensino Secundário, mas ainda queriam autorização para a continuação do Ensino Secundário na instituição com a permissão do Ministério da Educação e Cultura. Durante a trajetória, enviaram correspondência fazendo a seguinte solicitação ao Diretor do Ensino Secundário:

Irmã Maria Romilda Cappelini, Diretora do Ginásio Feminino São Carlos, de Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, devidamente registrada na Diretoria do Ensino Secundário sob nº 663, vem mui respeitosamente requerer a V. Excia. Inspeção prévia, a fim de que o Ginásio acima mencionado possa funcionar como Colégio

São Carlos a partir do ano letivo de 1958. Tal é o desejo da população da cidade, empenhada no maior e mais completo desenvolvimento do ensino e da educação integral à mocidade. Caxias do Sul, 18 de novembro de 1957. (LVP/CSC, 1945, p. 154).

Durante a pesquisa, não foi encontrada nenhuma correspondência que tivesse sido enviada ao Diretor do Ensino Secundário a respeito da troca de nome da instituição. A solicitação feita por elas para que a instituição se chamasse Colégio São Carlos, obteve resultados positivos, pois, a partir de leituras feitas referentes ao ano de 1958, a escola ainda utilizava o atual nome em seus relatórios.

As Irmãs somente obtiveram autorização para funcionamento do segundo ciclo, após outra inspeção que veio para diagnosticar se havia possibilidade de liberação da autorização de funcionamento, haja vista que, no primeiro pedido, as instalações não se encontravam de acordo conforme preenchimento da “Ficha de Classificação”. A nota final ficou abaixo do mínimo exigido. Elas somente conseguiram a real autorização para o funcionamento no ano de 1968, que aconteceu no mês de maio de 1968, conforme publicação no Diário Oficial.

[*MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA PORTARIA 514*]:

DO ENSINO SECUNDÁRIO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, nos termos do art. 138 da portaria Ministerial 501, de 19 de maio de 1952, combinado com a Portaria nº 925, de 22 de setembro de 1958.

RESOLVE:

Artigo 1º Ratificar o ato de Inspeção seccional de Porto Alegre, que concedeu autorização de funcionamento condicional do 2º ciclo ao Ginásio São Carlos, situado na Rua Feijó Júnior, 778, em Caxias do Sul.

Artigo 2º A denominação do estabelecimento de ensino secundário de que trata o artigo anterior passará a ser Colégio São Carlos.

Rio de Janeiro, 10 de junho de 1962. (p. 15).

Portanto, se conclui que elas continuaram investindo em melhorias na estrutura e na qualidade da educação àquela população, principalmente, para as moças, pois, nessa época, a escola tinha capacidade de atender 800 alunos por turno. Foi somente em 1971, que o ensino se torna misto, através do pedido de um grupo de pais, para que elas abrissem as portas para a educação de meninos também nesse ciclo de ensino que estavam desenvolvendo.

Para se compreender melhor a historicidade do processo de desenvolvimento da educação, principalmente da educação feminina, realizada por essa instituição, a seguir, descreve-se a forma como ocorreu o desenvolvimento da instrução que era ministrada por elas.

3.3 UM BREVE HISTÓRICO DOS CURSOS ANEXOS OFERECIDOS A MENINAS ANTES DO CURSO GINASIAL

Na continuidade da história, é relevante mencionar de que forma se constituíram os cursos administrados pelo Colégio São Carlos, direcionados ao gênero feminino antes de dar início ao Curso Ginásial previamente reconhecido.

Considerando essa realidade, é imperioso descrever o objetivo desses cursos, que eram dirigidos pela instituição, para proporcionar às alunas internas uma boa conduta religiosa, cívica e social, assim como sólida e ampla instrução literária e científica. Conforme o prospecto expedido pelo Colégio São Carlos em 1940, em relação à mulher, dizia ele que

a luta pela vida e as necessidades da época se tornam sempre mais exigentes e difíceis, cumpre que a mulher, mediante sólida formação moral, literária e científica, esteja habilitada a desempenhar, com honra e dignidade, a missão que o futuro lhe reserva. (PROSPECTO DO COLÉGIO SÃO CARLOS, 1940).

A escola assim se colocava no processo educativo das mulheres. Almeida (1998) explica que a vinculação entre educação e religião é estreita. A religião vinculava um modo de ser mulher que precisava ser ensinado. E a escola era o espaço para modelar o corpo e a alma delas. Isso pode ser comprovado em prospecto do colégio que circulava nos anos 40 (século XX) para a admissão de alunas aos cursos oferecidos pela instituição na época, para meninas que moravam em Caxias do Sul.

Nesse contexto, estavam sendo desenvolvidos os seguintes cursos: Curso Comercial, nessa época não era ministrado na área física da instituição, mas em anexo, no Ginásio Nossa Senhora do Carmo. Somente estavam sendo ministrado na instituição das Irmãs o Curso de Datilografia, o Curso de Admissão que era feito para ingressar no Curso Ginásial.

O Curso Comercial tinha a duração de três anos (propedêuticos), tinha como objetivo formar as alunas para o seu ingresso no comércio, pois o mesmo, naquela época, na cidade, era uma das principais fontes de acúmulo de riqueza. Elas deveriam desenvolver capacidades e habilidades para poder ingressar nessa nova atividade que estava se desenvolvendo.

Assim, tirando-as para fora dos muros de sua residência e mudando a visão de uma mulher podia ser somente cuidadora e mãe, além de educadora, abriu novos horizontes e ampliou o papel da mulher na sociedade caxiense, através do Curso de Comércio que as Irmãs estavam oferecendo na época. Após a conclusão do mesmo recebiam um Atestado de Concluintes de Curso Propedêutico.

Com o atestado, tinham possibilidade de ingressar em novos cursos técnicos, como: Perito-contador, Guarda-livros, entre outros, que eram oferecidos por outras instituições localizadas na cidade ou até mesmo em outras regiões se necessário fosse.

Para que ocorresse a inscrição dessas alunas no Curso de Comércio, era necessário que realizassem sua inscrição entre os dias 1º e 14 de fevereiro, pois seria realizada a admissão para o curso, somente na segunda quinzena do mês de fevereiro do ano de realização da inscrição. A inscrição deveria ser feita pela própria aluna, no colégio, no qual preencheria o requerimento em que deveria constar: idade, filiação, naturalidade e residência. Junto a isso, deveriam constar a certidão de registro civil, já que deveriam ter 12 anos completos ou completos até o dia 30 de junho do ano de inscrição. Deveria juntar atestado de vacina e de não ser portadora de doenças contagiosas, duas fotos de 3x4 e recibo de pagamento de taxa de inscrição. Porém um dos grandes requisitos para ingressar no curso era que a candidata já tivesse concluído o Curso Elementar.

Como mencionado, a admissão nesse curso, na época, estava sendo ministrado no anexo (Ginásio do Carmo). Para a admissão, as Irmãs ofereciam na instituição o Curso de Admissão fosse para o Curso Comercial, Complementar ou Ginásial. Esse era oferecido logo após o término do Curso Elementar também realizado na instituição, com a duração de um ano, habilitando-as ao Exame de Admissão para esses cursos.

Além desse curso, era oferecido no próprio Colégio São Carlos, também o Curso de Datilografia “Remington”, que fora autorizado nos anos 40 (século XX) a disponibilizar diploma desse curso às internas.

Para frequentar esse curso de datilografia, oferecido pela instituição, as alunas deveriam apresentar as seguintes condições:

- a) prestar obediência ao regulamento do colégio;
- b) poderiam ser excluídas pela Diretoria caso se recusassem a ser submissas à disciplina ou se tivessem conduta considerada nociva;
- c) não poderiam apresentar atestado de estudos feitos em outros estabelecimentos de ensino. Assim sendo, deveriam apresentar um exame de classificação; e
- d) deveriam ter as seguintes matérias básicas para a classificação: Português e Aritmética.

Como se extrai, havia um controle rígido dessas alunas durante o andamento dos cursos oferecidos pela instituição. Elas deveriam seguir as normas que eram exigidas pelo internado e para as alunas externas.

Portanto, é importante saber de que forma deveria ser cumprido esse regimento para que elas obtivessem o direito de cursar as habilitações oferecidas. No seguinte subitem será vista essa forma de organização.

3.4 O REGIMENTO ORGANIZACIONAL E ADMINISTRATIVO DO COLÉGIO SÃO CARLOS

O Colégio São Carlos, para se manter organizado e distinguir-se pela mesma, deveria ter um regimento interno compatível com o contexto da sociedade onde estava instalado, principalmente com referência aos seus estabelecimentos, necessitando, por isso, de um regimento organizacional e administrativo coeso.

Para que tudo isso funcionasse, o colégio tinha que ter um regime próprio para seu internato e externato. Nessa acepção as Irmãs tiveram como objetivo direcionar o regimento especialmente ao gênero feminino, pois esse era seu maior contingente discente. Até 1948, aceitavam alunos do sexo masculino, com idade inferior a 8 anos; no ano seguinte, foram excluídos totalmente, e, nesse ano o Jardim de Infância ficou inativo.

Durante as atividades normais como já mencionado, o colégio oferecia os seguintes cursos: Colegial; Ginásial; Admissão; Primário e Jardim da Infância.

Em relação à sua forma organizacional e administrativa, era composto pelos seguintes segmentos: direção, secretaria, tesouraria, auxiliares da administração e de disciplinas, corpo docente, Serviço de Orientação Educacional.

À direção cabia os cuidados com a administração-geral da instituição, que era dirigida pela Irmã-diretora por deliberação da Entidade Mantenedora, cabendo a ela presidir todas as atividades escolares, o trabalho dos professores e dos alunos, a orientação educacional e demais relações da comunidade escolar com a vida exterior. Conforme o art. 7º do Regimento do Colégio São Carlos (1945), era dever da diretora:

- 1 – cumprir e fazer cumprir as leis do ensino e as determinações legais das autoridades competentes, na esfera de suas atribuições; 2 – representar oficialmente o estabelecimento, perante as autoridades federais, estaduais e municipais; 3 – superintender os atos escolares que dizem respeito à administração, ao ensino e à disciplina no estabelecimento; 4 – corresponder-se com as autoridades superiores do ensino em todos os assuntos que se referem ao estabelecimento; 5 – dar posse e exercício a todo o pessoal do estabelecimento, na forma da lei; 6 – convocar reuniões do corpo docente e presidi-las; 7 – receber, informar e despachar petições e papéis, encaminhando-os às autoridades superiores do ensino quando for o caso; 8 – visar o ponto do pessoal; 9 – fixar datas e horários para exames, designando bancas examinadoras e promovendo sua realização nos termos da legislação escolar vigente; 10 – assistir às aulas e atos de exercícios escolares de qualquer natureza; 11 – rubricar todos os livros de escrituração do estabelecimento; 12 – assinar as folhas de pagamento e todos os demais documentos relativos ao estabelecimento; 13 – aprovar estatuto de grêmios dos alunos do estabelecimento; 14 – aplicar

penalidades⁴¹ disciplinares aos professores, funcionários e alunos do estabelecimento, segundo a legislação em vigor e conforme as disposições deste regulamento.

Na ausência da diretora, quem assumiria essa responsabilidade seria a vice-diretora ou outra docente que fosse designada para responder nos impedimentos da diretora ou vice.

A secretária tinha o papel de auxiliar a direção no cuidado a ser dispensado à documentação da instituição, como a correspondência: “Redigir e fazer expedir toda, [...] submetendo-a, antes, à assinatura da diretora.” (art. 11º do Regimento). Além de deixar tudo conforme estabeleciam as leis, era preciso cuidar da elaboração de relatórios para que a instituição funcionasse conforme as diretrizes do Ministério da Educação e Cultura. Ficava a cargo dela tudo que se referisse às notas dos alunos, como os cálculos e as apurações dos resultados e, após, deveria fazê-los (provas e resultados de trabalhos) constar em ata.

Subsequentemente vinha a tesouraria que cuidava de toda a escrituração do movimento econômico e do financeiro da instituição. Como se depreende, os cargos da instituição eram divididos por hierarquia como nos dias atuais, mas sempre com a autorização da diretora da instituição. Ainda tinham que auxiliar nas questões administrativas os chamados “auxiliares de disciplinas” e “auxiliares da administração” conforme rezava o art. 15º daquele Regulamento:

1 – cumprir as determinações da Diretora, da Secretária e da Tesouraria, quando subordinados a estes dois últimos; 2 – zelar pela disciplina geral dos alunos dentro do estabelecimento ou suas imediações; 3 – usar de solicitude, moderação e delicadeza no trato com os alunos; 4 – prestar assistência a alunos que se enfermarem ou sofrerem qualquer acidente, ministrar os socorros de emergência; 5 – levar ao conhecimento da diretora, os casos de infração à disciplina; 6 – atender aos professores em aula, nas solicitações de material escolar e sobre os fatos disciplinares ou de assistência a aluno; 7 – encaminhar à diretora os alunos retardatários e não permitir, antes de findos os trabalhos escolares, a saída de alunos, sem a necessária licença; 8 – auxiliar na realização de solenidades e festas escolares e nos trabalhos de exames, segundo o estabelecido pela diretora.

⁴¹ As penalidades estavam dispostas nos artigos 24º a 30º do regulamento do Colégio São Carlos (1945) e eram as seguintes: “Art.24º Os componentes do Corpo Docente estão sujeitos às penalidades de Advertência, Suspensão e Exoneração, aplicadas pela Diretora, respeitando-se as disposição legais reguladoras da matéria. Paragrafo Único Incurrerá nas penalidades previstas o professor que: 1 – fugir ao cumprimento de quanto vem estabelecido no artigo 19º, deste regulamento; 2 – não desenvolver convenientemente, sem justa causa, em tempo oportuno, o programa da disciplina a seu cargo, com evidente prejuízo para o ensino; 3 – deixar de comparecer, sem causa justificada, por mais de quinze dias consecutivos ou trinta intercalados; 4 – faltar com o devido respeito às autoridades, à diretora e à própria dignidade do magistério. Art. 25º Pela inobservância de seus deveres e de suas obrigações, são os alunos passíveis das seguintes penalidades: a) admoestação simples, em aula, pelo professor; b) repreensão reservada, oral ou escrita, pela Diretora; c) exclusão da aula, ordenada pelo professor; d) suspensão até oito dias; e) exclusão definitiva.” Além dessas penalidades, a diretora poderia expedir compulsoriamente a transferência do aluno.

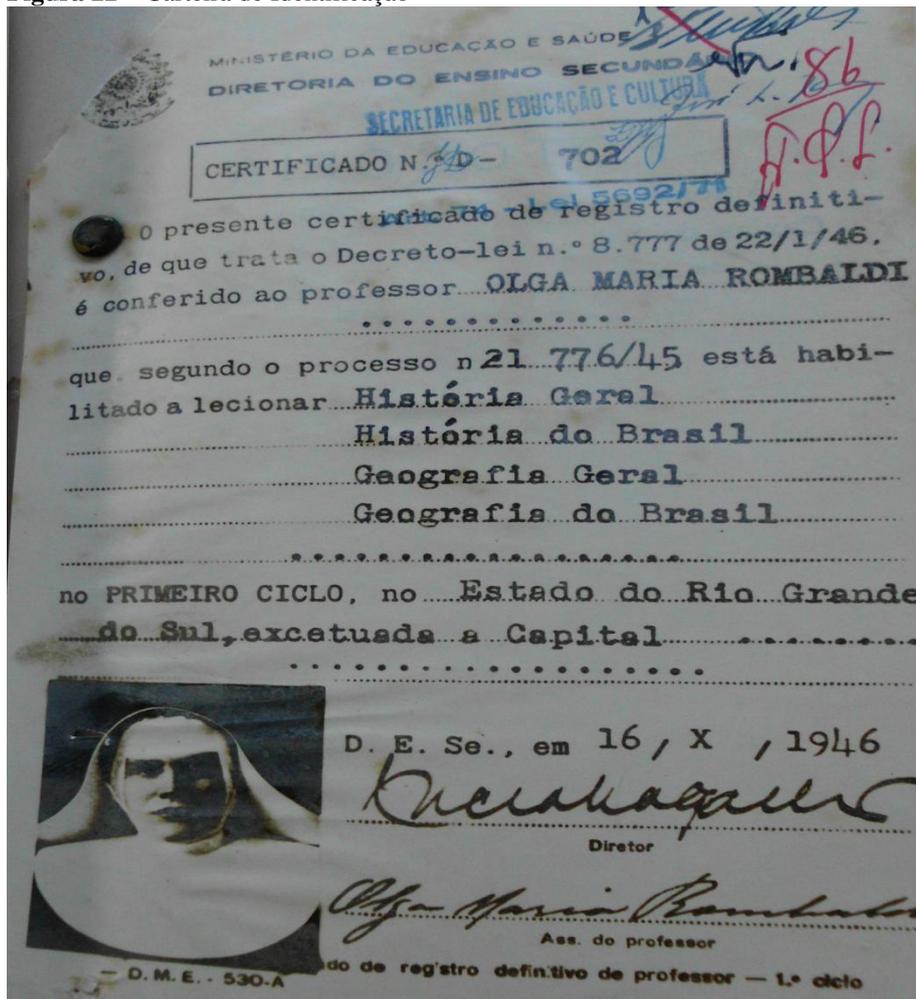
Para que a instituição tivesse um efetivo funcionamento, o quadro docente deveria, também, ser constituído conforme os termos legais da legislação federal, da estadual ou municipal que estava em vigor na data da contratação.

Para que se efetivasse a contratação, as professoras deveriam apresentar um atestado que comprovasse sua idoneidade moral e destacada atuação social. O atestado deveria ser autenticado em cartório contendo os seguintes dizeres:

Em face do que preceitua o item 2 – letra A – 1º – Art . 1º da Portaria Ministerial nº 375, de 16 de agosto do ano corrente, atestamos que a Revda. Irmã Maria Teodolina, no século Olga Maria Rombaldi, diretora do Ginásio Feminino São Carlos, é pessoa de idoneidade moral perfeita e figura de destacada atuação social. Caxias do Sul, 21 de dezembro de 1949. (LVP/CSC, 1945, p. 87).

Além desse atestado, deveriam ter à sua disposição Carteira de Identificação conforme mostrado na figura 22.

Figura 22 – Carteira de Identificação



Fonte: LVP/CSC – Caxias do Sul/RS.

A figura atesta que a Carteira de Identificação da Irmã Olga Maria Rombaldi estava de acordo com o Decreto – Lei 8.777, de 22 de janeiro de 1946, do Ministério da Educação e Saúde, portanto, habilitada a lecionar as seguintes disciplinas: História Geral, História do Brasil, Geografia Geral e Geografia do Brasil, para o primeiro ciclo do Ensino Secundário.

A Professora Olga Maria Rombaldi, em 1946, além dessa habilitação, autorizada pelo Ministério da Educação e Saúde, ela ministrava no Colégio São Carlos, para o Ensino Secundário, as disciplinas: História Geral e Trabalhos Manuais (à 1ª e 2ª séries) e Música (à 1ª, 2ª e 3ª séries).

A relação dos docentes que atuaram no Ensino Secundário, no ano de 1946, pode ser verificada no quadro 5.

Quadro5: Docentes no Ensino Secundário – 1946

Docente	Disciplina e série
Albina Veronese	Matemática (1ª, 2ª e 3ª)
Eugênio Ângelo Giordani	Latim (1ª, 2ª e 3ª) História do Brasil (2ª e 3ª) e Ciência (3ª)
Eminda Demina Beux	Português e Desenho (1ª, 2ª e 3ª) e Geografia Geral (1ª e 2ª)
Olga Maria Rombaldi	História Geral e T. Manuais (1ª e 2ª) e Música (1ª, 2ª e 3ª)
Maria Josefina Pergher	Francês (1ª, 2ª e 3ª) e Geografia do Brasil (2ª e 3ª)
José Pedro Frantz	Inglês (2ª e 3ª)
Aura Ribeiro Mendes	Educação Física (1ª, 2ª e 3ª)

Fonte: Arquivo Fotográfico – 1936-1998 do Colégio São Carlos

O que chama a atenção no quadro acima é a composição do quadro docente, pois, na época ele, além de ser composto predominantemente por mulheres, contava com a presença de dois homens, mesmo que toda a educação estivesse voltada ao gênero feminino.

Essa relação de professores somente foi encontrada a partir de 1946, os quais atuaram no Ensino Secundário do Colégio São Carlos. Sobre os outros cursos não foi encontrado nenhum registro, mas como já explanado no início do capítulo, em 1936, a primeira Comunidade contava com cinco Irmãs professoras, porém não há registros oficiais de que elas fossem docentes no Colégio São Carlos. Pressupõe-se que sim, pois uma delas foi diretora na época. Dentre elas, estão: Irmã Jacomina Veronese (professora e diretora); Irmã Marcelina Broetto, Irmã Amábile Nervis, Irmã Rosa Gorlin e Irmã Serafina Gasparin, conforme já informado.

Essas professoras deveriam seguir o regulamento estabelecido pelo Colégio São Carlos, durante suas atividades educacionais, pois “as instituições de ensino de cunho religioso, [...] também se fundamentavam nos princípios de uma disciplina severa, de autoridade e obediência”. (SANTOS, 2010, p. 101). Conforme o regulamento do Colégio São Carlos, os docentes deveriam administrar as aulas conforme o horário estipulado pela diretora.

A professora deveria estar em sala de aula pelo menos 5 minutos antes do início de sua aula, retirando-se depois do fim da mesma. Caso necessitasse se ausentar do colégio, e somente em regime de urgência, deveria sempre avisar com antecedência sua falta.

Além de toda essa exigência em relação ao professor, a diretora estipulava que o docente deveria “zelar pela disciplina geral do estabelecimento, cooperar com a diretora, e velar particularmente pela disciplina de sua classe”, de acordo com o Regulamento Interno, segundo o que estabelecia o art. 18º.

Ele também tinha que cumprir as datas estipuladas pela direção para entrega de notas e faltas dos alunos à secretaria, atividade que era sempre realizada no quinto dia útil de cada mês ou no prazo marcado em lei. Então, cabia ao professor certificar-se da presença dos alunos e anotar suas faltas no diário de classe; além desse preenchimento, relativo à presença dos alunos, no diário de classe, deveria também fazer constar as atividades realizadas por ele em sala de aula. As matérias didáticas poderiam ser de sua escolha, porém antes deveriam ser previamente autorizadas pela diretora, não podendo se utilizar de outras no decorrer do ano letivo. Isso mostra que não eram detentoras de autonomia em face das atividades pedagógicas. Todo esse trabalho realizado por ele tinha que estar baseado em lições de moral e cívica em relação ao seu aluno.

Antes da realização do exame aos alunos, deveria enviar uma listagem das notas dos integrantes em duas vias e assinada. O exame a ser realizado deveria ser previamente agendado com a diretora; após a realização do exame, tinham 15 dias para devolver à secretaria a lista corrigida e assinada. Além desses deveres, o Regulamento esclarece em seu art. 18º:

[...]

9 – tomar parte nos trabalhos de exames e em outras de sua competência para que for designado; 10 – impedir a entrada e saída de alunos, depois de iniciada a chamada ou antes do fim da aula, a não ser por determinação da diretora; 13 – comparecer às solenidades do estabelecimento, bem como, às reuniões do Corpo Docente, convocada pela Diretora; 14 – receber condignamente as autoridades; 17 – manter com os colegas espírito de colaboração e solidariedade, indispensável à eficiência da obra educativa, realizada no estabelecimento; 18 – atender às solicitações da Diretora feitas no interesse do ensino; 19 – é vedado ao professor: 1) dar conhecimento aos alunos das listas de pontos org.; 2) ditar pontos; 3) fumar nas classes durante a regência das aulas; 4) aplicar penalidades aos alunos, exceto as advertências e repreensões; 5) servir-se da cátedra para pregar doutrinas contrárias aos interesses nacionais, ou para insuflar nos alunos, clara ou disfarçadamente, atitudes de indisciplinalidade ou agitação.

Em rigor toda essa organização se manteve deste os anos 40 à 70 (do século passado), o que mostra que o método de rigidez adotado pelas Irmãs referente à sua forma

organizacional e administrativa, manteve uma estrutura forte, que se manteve desde sua fundação na Itália. Elas vinham com essa caminhada desde lá, mantendo vivo seu projeto de evangelização e cuidado do povo, sem distinção, pois seriam “Servas dos Órfãos e Abandonados”. No grande grupo, sempre haveria uma pessoa de referência, uma autoridade maior. Como comentado, elas atendiam a todas as pessoas que as procuravam. Para uma melhor compreensão, no próximo capítulo, será trabalhada a questão: como deveriam ser esses ou quem eram aqueles que, naquele período participaram da trajetória do Colégio São Carlos de Caxias do Sul.

4 COTIDIANO DO COLÉGIO SÃO CARLOS: DISCENTES, ROTINAS E RITUAIS

Para se falar dos importantes personagens, além dos docentes, este capítulo tem como objetivo primeiro relacionar os discentes que participaram da concretização do Colégio São Carlos, juntamente com seus saberes e rituais ali praticados, pois sem eles não haveria como tecer a história da instituição. Eles foram os motivadores para que as Irmãs continuassem o projeto de educação da comunidade do Bairro São Pelegrino e em outras comunidades⁴² de Caxias do Sul e da região, de modo que o mesmo não fosse interrompido.

4.1 OS DISCENTES

Para iniciar essa tessitura, para manter o fio condutor, cabe, perguntar: Quem foram os primeiros discentes que fizeram parte do Colégio São Carlos? É preciso lembrar que, quando as Irmãs iniciaram suas atividades em 1936, em Caxias do Sul, estavam matriculados 160 alunos;⁴³ entre esses havia meninas e meninos, pois seu trabalho estava direcionado ao Jardim da Infância, como já foi explanado no capítulo anterior. Porém, conforme dados extraídos do acervo do colégio, em relação ao número de alunos matriculados por ano, a partir de 1936 até 1971, podem ser observados os seguintes movimentos, conforme a quadro 6.

⁴² Dentre essas comunidades que as Irmãs estavam atendendo, principalmente no início de suas atividades educativas, ano de 1936, os discentes residiam, de acordo com o Livro de Matrícula, nas seguintes ruas/avenidas: Tesaria Mendes; Pedras Brancas; Triângulo da Estação; Rio Branco; Pinheiro Machado; Feijó Júnior; Maggi; Parque; Av. Cantergiani; Tronca; Marcira Cezar; Terceira Mendes; Cremona; D. A. Azambuja; Moreira Cezar; Nova Pompeia – L. Jacina B. Graça; Dr. Casagrande; Antônio Prado; Júlio de Castilhos; Visconde de Pelotas; Coronel Flores; Queiroz; Av. Itália; Marechal Floriano; Bento Gonçalves; Silveira Martins; Travessão Santa ou Maria Teresa; Dr. Bistana; Paim Filho; Sinimbu; 18 do Forte; Veneza; General Flores; Av. Franca; Parque; Linha Feijó; Boca da Serra de Francisco de Paula e Vila Rio Branco. Além desses endereços, na cidade de Caxias do Sul, foram encontradas outras duas anotações; porém somente com a identificação das cidades e não com o nome da avenida/rua. Dentre essas novas citações, estão registradas as cidades de Canela e Vacaria. De cada uma delas provinha um discente, conforme registro no livro daquele ano. Isso pressupõe que ficavam com as Irmãs, por residirem em cidades distantes, também, devido ao fato de não terem ainda construído os dormitórios para as internas que residiam em locais bem deslocados da escola.

⁴³ No início do ano letivo esse era o número de registro; no final do mês de março de 1936 já matriculados 186 alunos.

Quadro 6 – Número de discentes
Matriculados entre 1936 e 1971

Ano	Matriculados 1936-1971
1936	186
1937	201
1938	224
1939	244
1940	247
1941	265
1942	268
1943	252
1944	321
1945	434
1946	476
1947	502
1948	480
1949	450
1950	464
1951	479
1952	528
1953	710
1954	713
1955	825
1956	490
1957	511
1958	620
1959	550
1960	654
1961	694
1962	803
1963	901
1964	871
1965	1074
1966	1174
1967	1398
1968	1579
1969	1775
1970	1785
1971	1709
Total	22.509

Fonte: Movimento Escolar do Ginásio
São Carlos.

Conforme dados do quadro 6, nota-se que há uma diferença de registro de alunos matriculados referente ao ano de 1936. Isto é, pela fonte há o número de 186 alunos, conforme dados obtidos no HCSC. Porém, como já foi mencionado em outro momento da pesquisa, logo que iniciaram suas atividades contavam com 160 alunos. Pressupõe-se que o montante de 186 refira-se a todos os alunos que fizeram parte do quadro discente durante aquele ano.

O Colégio São Carlos atendia um percentual muito significativo de alunos, se levarmos em consideração que a rede municipal atendia, em 1945, um total de 3.248 alunos; em 1955, a presença era de 4.331 e, em 1964 já registrava 4.354. Assim demonstra-se também

que, nos anos subsequentes, houve um registro significativo de matriculados na rede pública. (DALLA VECHIA et al., 1998).

Pode-se averiguar que, em relação ao movimento escolar do Colégio São Carlos, de 1936 a 1971, desde 1936 até o ano de 1955 há um crescente aumento de matrículas na instituição. Assim, esse aumento mostra que a sociedade caxiense aceitou com grande êxito as Irmãs e seu projeto educacional em Caxias do Sul, pois, durante esses 17 anos de caminhada na atividade educacional, não houve nenhum declínio na movimentação dos alunos. Porém, após esse crescente número de alunos que ali frequentavam aulas, ocorreu uma diminuição nas matrículas entre os anos de 1956 a 1962.

Durante esses sete anos, ocorreu diminuição de matrículas, comparadas com as do ano de 1955, que envolviam 825 alunos. Nos anos subsequentes, começou novamente a apresentar um aumento nas matrículas. Ainda fazendo uma apreciação, referente ao quadro 6, percebe-se que, a partir de 1963, o colégio foi apresentando um crescente número de alunos, conseguindo novamente se estabilizar frente a uma suposta crise ou problema, desencadeados em anos anteriores.

Já na tabela 1 a seguir, pode-se apreciar a movimentação das matrículas por cursos, a partir de 1940, oferecidos pelo Colégio São Carlos.

Tabela 1 – Discentes matriculados por cursos – 1940-1955

ANOS	Matriculados por Cursos 1940-1955																		
	Elementar		Básico (anexo ao Ginásio N. S. do Carmo)		Técnico Comercial (anexo ao Ginásio N. S. do Carmo)		Ginásio (anexo ao Ginásio São José)		Datilografia (oficializada)		Jardim		Ginásio Oficial		Música		TOTAL		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
1940	228	92	19	8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	247	100
1941	202	76	34	13	-	-	-	-	29	11	-	-	-	-	-	-	-	265	100
1942	195	73	41	15	-	-	-	-	32	12	-	-	-	-	-	-	-	268	100
1943	176	70	40	16	15	6	-	-	21	8	-	-	-	-	-	-	-	252	100
1944	208	65	23	7,2	24	7,5	48	15	18	5,3	-	-	-	-	-	-	-	321	100
1945	267	61	20	5	17	4	77	18	53	12	-	-	-	-	-	-	-	434	100
1946	295	62	10	2	20	4	-	-	25	5	32	7	94	20	-	-	-	476	100
1947	301	60	-	-	20	3,9	-	-	27	5,4	29	6	101	20	24	4,7	-	502	100
1948	268	56	-	-	28	5,8	-	-	26	5,4	26	5,4	84	17,4	48	10	-	480	100
1949	244	54,1	-	-	37	8,2	-	-	39	8,6	-	-	89	20	41	9,1	-	450	100
1950	260	56,1	-	-	31	6,7	-	-	38	8,2	-	-	95	20,4	40	8,6	-	464	100
1951	266	52	-	-	43	8	-	-	32	6	35	7	102	20	35	7	-	513	100
1952	347	66	-	-	33	6,3	-	-	40	7,7	-	-	102	20	-	-	-	522	100
1953	362	51	-	-	160	22,5	-	-	43	6	58	8,2	60	8,4	27	3,9	-	710	100
1954	417	58,4	-	-	58	8,2	-	-	30	4,3	-	-	161	22,5	47	6,6	-	713	100
1955	495	60,8	-	-	72	8,9	-	-	30	3,6	-	-	168	20,6	50	6,1	-	815	100

Fonte: Movimento Escolar do Ginásio São Carlos de Caxias do Sul.

Como se pode verificar, na tabela 1, sobre a distribuição de matrículas por anos, num primeiro momento as Irmãs iniciam em 1940 com os cursos de: Datilografia, Elementar, Básico.⁴⁴ Nesse contexto, o Colégio São Carlos somente contava com maior número de matrículas no Curso Elementar de ambos os sexos; é relevante apontar que havia meninos com idade até oito anos matriculados. Após 1949, não aceitaram mais meninos, de acordo com o HCSC. No ano de 1943 iniciam com o Curso Técnico Comercial;⁴⁵ somente dirigido a meninas. Outro curso que as Irmãs iniciaram nos anos 40, antes de adquirirem autorização do Ministério da Educação e Saúde para meninas, foi o Ginásial.

Em 1945, foi o ano em que as Irmãs começam o movimento para que o curso Ginásial fosse oferecido oficialmente no Colégio São Carlos. Observa-se na tabela 1 que, em relação ao número de matrículas, embora ainda funcionasse no Ginásio do São José, havia 77 alunas matriculadas. Nessa época elas representavam 18% dos alunos matriculados naquele ano. Já em 1946, a presença de meninas já compõe 20% dos discentes na própria instituição, de acordo com Movimento Escolar do Ginásio São Carlos.

Ainda referente aos cursos, nota-se que a tabela 1 aponta que é reaberto o Jardim da Infância em 1946, o qual tinha sido um dos primeiros cursos abertos no início das atividades das Irmãs em Caxias do Sul. Após oito anos de sua interrupção, quando reaberto em 1946 contou com um pequeno percentual referente à população da instituição; esse percentual era de somente 6% dos discentes matriculados e, nos anos seguintes, houve um decréscimo no número de registros, que foi sendo oferecido nos três anos seguintes e havendo uma nova interrupção posteriormente.

Outro curso oferecido pelas Irmãs, em 1947, na Instituição, foi o de Música.⁴⁶ Cabe destacar que, em 1949, foi criada a Escola Municipal de Belas Artes (EMBA), que era frequentada principalmente por mulheres, e que um dos cursos oferecidos era o de Música.⁴⁷ Nota-se na tabela 1 que, naquele ano, ele ficou em 5º lugar entre os cursos com maior número de matrículas. O que contava com menor número de matrículas era o curso Técnico de Comércio. O curso Elementar foi, durante 15 anos contados partir de 1940, o que manteve a maior procura de parte da população caxiense para matrícula de seus filhos.

⁴⁴ Esse anexo ao Ginásio Nossa Senhora do Carmo.

⁴⁵ Esse também se encontrava em anexo ao Ginásio Nossa Senhora do Carmo.

⁴⁶ Não foi dado maior enfoque ao curso de Música, porque naquele momento não era o enfoque principal. Entretanto, em outro momento, mereceu apreciação, devido à forma como as Irmãs administravam tal curso naquela comunidade. Não foram somente esses cursos, outros no decorrer, serão explanados, mas não com muito êxito.

⁴⁷ Para conhecer a história da EMBA – veja-se estudo de Costa (2012).

É relevante comentar ainda que, quando iniciaram o Ginásial, o curso destinava-se somente para meninas e que, em 1948, mantinham matriculados meninos com idade inferior a 8 anos. De acordo com o HSCS, no ano de 1949, sem encontrar registros dos motivos, foram excluídos totalmente das matrículas. Não foram encontrados dados sobre o número real de meninos que frequentavam a instituição durante os três primeiros anos de atuação em Caxias do Sul. Isso somente mostra que, durante aqueles anos, houve a presença deles, mas não foi dado um grande enfoque em relação às atividades desenvolvidas com eles, se havia classes mistas ou se eles ficavam separados das meninas, e de que forma era o relacionamento entre eles naquele contexto educacional.

Durante leitura realizada em documentação do colégio, foi possível constatar que, em 1939, havia o registro de matrículas de meninos, como pode ser observada na tabela 2, bem como sua faixa etária.

Tabela 2 – Faixa etária de alunos matriculados em fevereiro de 1939

Faixa etária ⁴⁸	Matriculados	
	Nº	%
01 ano	1	4
03 anos	1	4
04 anos	2	8
05 anos	5	20
06 anos	4	16
07 anos	2	8
08 anos	3	12
09 anos	2	8
10 anos	4	16
Sem registro	1	4
Total	25	100

Fonte: Livro de Matrícula Escolar – Colégio Elementar São Pelegrino – 1939.

De acordo com a tabela 2, observa-se que foram matriculados 25 meninos em 1939, com idade entre 1 e 10 anos, com maior prevalência da idade de 5 anos. Ainda chamando a atenção a essa análise de faixa etária, há um menino com a idade de 1 ano e outro com 3 anos.

⁴⁸ Na questão da faixa etária, durante a leitura do Livro de Matrículas, foi averiguada a presença de duas crianças menores de cinco anos, uma com 1 ano e outra com 3 anos. A hipótese é de que provavelmente fossem irmãos de outro aluno(a). Assim, pressupõe-se que os pais queriam manter o vínculo familiar entre irmãos. No momento, esse não é o foco principal da pesquisa. Futuramente poderá ser investigado de que forma as Irmãs mantinham esses meninos no Colégio? Tinham salas direcionadas? Ficavam junto com as crianças do jardim? Qual metodologia era utilizada para trabalhar com essa faixa etária? Essas foram algumas indagações que surgiram como outros emaranhados de linhas para serem desmanchados.

Provavelmente havia parentesco com outro menino ou menina, pois os pais, naquela época faziam a inscrição de todos os filhos em idade escolar para que fossem juntos à instituição.

Portanto, durante esta análise da faixa etária de meninos matriculados no colégio, em 1939, o maior percentual estava os entre 6 e 10 anos de idade.

Naquele mesmo ano de 1939, foi encontrado, no Livro de Matrículas, o registro de 78 meninas, com diversas faixas etárias, demonstradas na tabela 3. Porém sabemos, conforme quadro 6, que a instituição contava, em seu movimento escolar, com 244 discentes, mas essa análise somente foi do mês de fevereiro daquele ano, não sendo contabilizados os registros do mês de março, que apresentou, entre os dois meses, 248 registros; portanto, há um erro de anotação entre um documento e outro, isto é, o registro de quatro alunos a mais.

É importante salientar que não foi encontrado registro de alunos anterior ao ano de 1939; porém, pressupõe-se que muitos desses já frequentavam anteriormente o Colégio, pois se sabe que, no ano de 1938, a instituição contava com 224 discentes, somente com uma diferença de 20 alunos a mais em 1939; provavelmente, esses foram os novos alunos. Não se pode deixar de destacar que esses registros de inscrições de matrículas eram para o curso primário, pois, como já ressaltado anteriormente, em 1938 foi fechado o Jardim da Infância.

Tabela 3 – Faixa etária de alunas matriculadas em fevereiro de 1939

Faixa Etária	Matriculados	
	Nº	%
04 anos	1	2%
06 anos	6	11%
07 anos	3	5%
08 anos	5	9%
09 anos	6	11%
10 anos	9	16%
11 anos	7	13%
12 anos	8	15%
13 anos	3	5%
14 anos	1	2%
15 anos	2	4%
16 anos	1	2%
Sem registro	3	5%
Total	55	100%

Fonte: Livro de Matrícula Escolar – Colégio Elementar São Pelegrino – 1939.

No que diz respeito às meninas, em 1939, conforme tabela anterior, constava o registro de 55 alunas, no mês de fevereiro, com idade entre os 6 e 12 anos, assim

demonstrando que as Irmãs, naquela época, tinham um número significativo de crianças com idade escolar. Durante a leitura de documentação, observou-se que muitas crianças eram da mesma família.

Assim, 68,75% dos discentes eram compostos por meninas, conforme análise das tabelas 2 e 3. É relevante ressaltar que, desses matriculados, 44% eram irmãos das meninas matriculadas; somente 40% dos outros não tinham nenhum vínculo de parentesco, e outros 16% eram de famílias diferentes, mas com o mesmo sobrenome.

Durante rastreamento documental do acervo do Colégio São Carlos, não foi encontrada nenhuma documentação referente aos três primeiros anos de sua atividade em Caxias do Sul; somente se consegue alguns documentos a partir de 1939. Assim, não foi possível fazer a real afirmação de que, anterior a esse ano, elas tinham o mesmo número de discentes daqueles de 1939.

Considera-se, conforme Ávila, que

a documentação escrita registra concepções e finalidades das instituições escolares ao longo do tempo e expressa fatos relativos à vida escolar dos alunos, desde os dados de identificação, admissão, matrícula, reprovação, até frequência e programas de ensino. (2008, p. 52).

Para a realização da tessitura de como era constituída a estruturação de seus familiares, foi utilizado que eram os responsáveis, registrados no livro de matrícula no ano de 1939. Assim, possibilitou-se intuir sobre a ascendência dos discentes e qual papel profissional exercia seu responsável.

Observou-se, durante a leitura, que no Livro de Matrículas havia um espaço para preencher a filiação dos alunos. Através desses dados, foi possível realizar uma classificação sobre o nível educacional de seus pais. No registro do mês de fevereiro, 100% dos pais registrados contavam com alguma instrução. Com relação às mães, pode ser observado que todas tinham concluído o então primário, e dos pais somente um tinha concluído o então secundário. O restante havia o nível primário. Isso mostra que todos tiveram a possibilidade de uma educação escolar, o que é interesse é que essas mães já possuíam uma educação escolar, que naquela época somente era privilégio de algumas mulheres, aquelas que pertencessem a famílias mais abastadas, e muitas provavelmente eram de famílias tradicionais da sociedade caxiense. Santos ressalta o papel da mulher na família.

Na família aristocrática a mulher tinha como função a organização da vida no castelo e o seu trabalho era desvalorizado. Já na família camponesa, o trabalho feminino passou a ser valorizado, não pela sua importância, mas pela necessidade da presença da mulher no trabalho do campo. É na família proletária que a mulher

começa a se dedicar ao lar, dedicação essa que foi reforçada no século XIX com o surgimento da família pequeno-burguesa. O lar passou a ser o espaço exclusivo da mulher, com a função de cuidar da casa, do esposo e da educação dos/as filhos/as, tornando-se dependente exclusivamente do marido. Foi nesse tipo de família que a mulher passou a ser considerada angelical, frágil, incapaz de resolver qualquer tipo de problema sem orientação do pai ou do marido. (2009, p. 47).

O fato de fazer parte dessas famílias caxienses e dada sua educação escolar, essas mães não trabalhavam fora de casa, a sua profissão, conforme livro de registros eram domésticas,⁴⁹ ou seja, cuidavam do lar.

Em relação aos pais, a maioria era tida como a responsável por daqueles alunos e ali foram encontradas diversificadas profissões, entre elas estão: *Militar* (9), *Comerciante* (3), *Braçal* (1), *Empregado de Armazém* (1), *Funcionário de Indústria de Vinícola* (1), *Empregado de Fabrica* (1), *Comercio* (4), *Barbeiro* (1), *Pintor* (1), *Choffer* (1), *Negociante* (3), *Hoteleiro* (1), *Mineiro* (1), *Construtor* (1), *Carroceiro* (1), *Prefeitura* (1), *Industrialista* (1), *Torneiro* (2), *Roleiro* (1), *Dentista* (1), *Carpinteiro* (1), *Guarda Livro* (1), *Agricultor* (1), *Vinícola* (1), *Cantineiro* (1), *Consultor* (1) e *Camponês* (1). Dentre essas profissões, os que mais se destacam são as de Militar, que compõem 32% das profissões; em segundo lugar, com 16%, está a profissão de Comerciante. Essa análise da formação profissional dos pais foi obtida no ano de 1939, constante no Livro de Matrícula.

Ao analisar a questão dos responsáveis, um fato importante foi encontrado no registro de responsável: duas mães sem nenhum registro de filiação paterna. Uma delas não apresentava nenhuma identificação em relação a sua profissão e a outra estava registrada como doméstica. Porém, o sobrenome da mãe que estava como responsável não era o mesmo do aluno. Fica uma lacuna nessa citação, pois não se sabe se realmente eram filhos dessas duas responsáveis e por qual motivo ficaram como responsáveis.

Como já mencionado, as Irmãs não faziam diferença em relação à nacionalidades e nem mesmo em questão de religiosidade de seus alunos, pois, durante análise realizada na inscrição do mês de fevereiro de 1939, foram encontrados 80 registros de alunos, entre eles dois evangélicos, um israelista e 77 católicos, percebendo-se que 96% eram católicos, mantendo então a realidade dessa região, que era composta na maioria pela religião católica. Também merece ser mencionado que a maioria tinha ascendência italiana, mas, em 1939,

⁴⁹ Santos, citando Anyon (1990), diz que o homem que é ser de grande representação da família e a mulher é uma figura frágil no contexto familiar. Assim: “a contradição predominante enfrentada por muitas das mulheres da classe trabalhadora e da classe média baixa consiste em que a carga de feminilidade (ser submissa, subordinada ao homem, dependente e doméstica) está em franca desconexão com as necessidades cotidianas de suas vidas [...], manifesta-se na ruptura entre a vontade de seus maridos de que permaneçam em casa e sejam submissas – e a necessidade de reconhecimento de sua competência e de auto-estima”. (2009, p. 47).

todos eram brasileiros com exceção de um único caso: o pai era de origem romena e a mãe russa, esses tinham matriculado três de seus filhos, cuja nacionalidade não foi informada.

Portanto, pode-se dizer que esses discentes eram constituídos em grande número por meninas, além dos meninos que mantiveram uma demanda quase sempre parecida nos primeiros anos até serem totalmente excluídos da instituição. Não houve uma diferenciação nos anos subsequentes: 1941 - 73 meninos, 1942 – 63 meninos, 1943 – 70 meninos, já em 1944 houve uma diminuição, havendo naquele ano somente 33 alunos frequentando o Colégio São Carlos.

No ano de 1945, quando inicia se o curso Ginásial no Colégio São Carlos, verifica-se que houve um aumento de 51% de alunos na instituição, referente ao ano de 1943, totalizando 494 alunos inscritos, como pode ser observado no quadro 1. Era o segundo curso mais procurado, como pode ser observado na tabela 2. No ano de 1958, as Irmãs iniciam com o curso Colegial.

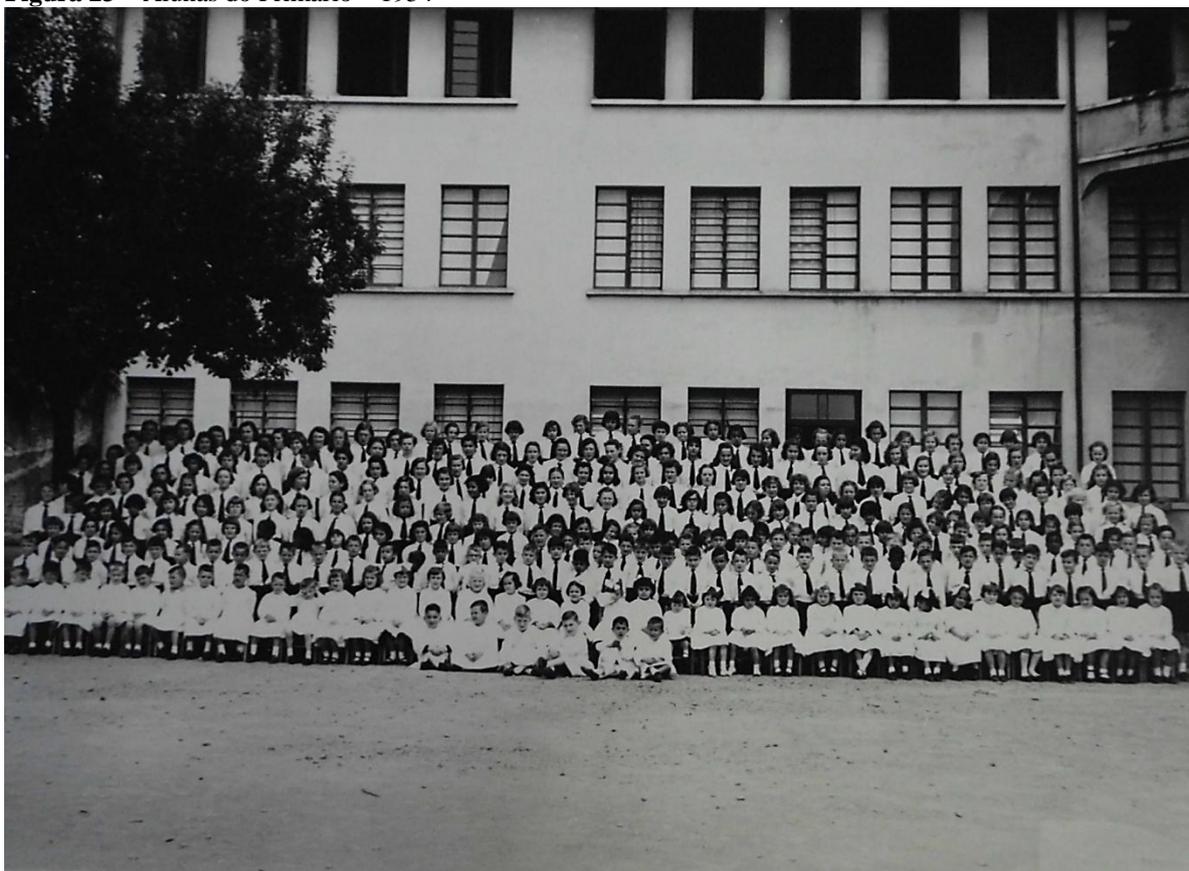
Com o Colegial, tinham a intenção de possibilitar às meninas a conclusão de formação propedêutica, em sua própria Instituição. No ano de 1955, houve um aumento de 60% no número de matrículas, comparado ao de 1945; como pode ser observado no quadro 1, contavam com 825 discentes matriculadas. No ano de 1946, conforme quadro de matrícula, o Colégio São Carlos contava com 514 alunos, entre esses 16 meninos e 24 meninas do Jardim da Infância; curso de Datilografia contava com 23 alunos e 42 alunas, subdivididos em duas turmas. No entanto, esses dois cursos não recebiam instruções simultaneamente com o Ginásio e o Elementar. Porém, apesar de o Ginásial ser somente para meninas, naquela época houve novamente um aumento de matrículas de meninos, 91 alunos. Isso pressupõe que estes estivessem cursando o curso Elementar, totalizando a presença de 130 alunos do sexo masculino e 384 do sexo feminino. Em relação à frequência de meninos, o curso Elementar está melhor distribuído na tabela 4 de discentes matriculados.

Tabela 4: Discentes matriculados no curso Elementar: 1946 – 1954

Ano	Matriculados no curso Elementar				Total
	Meninas		Meninos		
	Nº	%	Nº	%	
1946	210	71,2	85	28,8	295
1947	210	69,7	91	30,3	301
1948	215	80,2	53	19,8	268
1949	244	100	-	-	244
1950	260	100	-	-	260
1951	266	100	-	-	266
1952	293	84,4	54	15,6	347
1953	290	80,1	72	19,9	362
1954	300	71,9	117	28,1	417
1955	375	75,8	120	24,2	495

Fonte: Especificado Ginásio São Carlos – Caxias do Sul.

Na tabela 4, verifica-se que houve realmente a presença de alunos até 1948 e no ano de 1949 houve uma interrupção, de acordo HCSC; porém, 54 retornam em de 1952, com havendo um aumento significativo em 1954, com 28,1% de meninos frente às meninas.

Figura 23 – Alunas do Primário – 1954

Fonte: Arquivo Fotográfico – 1936-1998 do Colégio São Carlos.

Na figura 23, pode-se notar que realmente existia a presença de meninas e, em seu registro no arquivo fotográfico, as Irmãs colocam como identificação da foto “Alunas do

Curso Primário -1954”. Pressupõe-se que as Irmãs, ao catalogarem a foto, preocuparam-se em demonstrar a imagem das meninas, não dando ênfase para a presença dos meninos, pois observa-se que eles são um pequeno porcentual desses discentes, e que para elas, provavelmente, esse número não interferia na educação das meninas. Sua maior missão era educar meninas. Ou, ao menos, queriam que o São Carlos fosse reconhecido, como escola para meninas, sem perder, no entanto, a matrícula dos pequenos meninos que frequentavam a escola. Aliás, é de se observar que apenas meninos até os 10, 11 anos circulavam pelo colégio.

Na tabela 5, poderá ser verificada a distribuição desses cursos com suas respectivas matrículas dos anos de 1956 a 1971.

Anos	Matriculados por cursos 1956-1971																							Total
	Infantil				Primário				Ginásio				Normal		Científico				Comércio					
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino		Masculino		Feminino		Sem Referência		Masculino		Feminino		Masculino		Feminino			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
1956	4	0,9	25	6	30	5	170	34,2	-	-	168	33,9	-	-	-	-	-	-	-	-	99	20	496	
1957	6	1	28	5	35	7	169	33	-	-	191	37	-	-	-	-	-	-	-	-	88	17	517	
1958	4	0,7	31	5,2	32	5,4	174	29	-	-	278	46	-	-	-	-	10	1,7	-	-	72	12	601	
1959	2	0,4	27	5	28	5,1	150	27,4	-	-	244	44,4	-	-	-	-	20	3,7	-	-	79	14	550	
1960	6	0,9	24	3,7	30	4,6	168	25,7	-	-	310	47,4	-	-	-	-	38	5,8	-	-	78	11,9	654	
1961	5	0,7	23	3,3	36	5,3	217	31,3	-	-	299	43	-	-	-	-	37	5,4	-	-	77	11	694	
1962	7	0,9	30	3,7	31	3,9	225	28	-	-	352	43,9	34	4,2	-	-	43	5,4	-	-	81	10	803	
1963	5	0,5	52	5,6	30	3,3	288	31,2	-	-	344	37,4	71	7,7	-	-	42	4,6	-	-	89	9,7	921	
1964	8	0,9	31	3,5	29	3,3	201	23,2	-	-	336	38,8	106	12,2	-	-	42	4,8	-	-	118	13,6	871	
1965	38	3,5	52	4,8	35	3,3	333	31,6	-	-	352	32,7	107	10	-	-	13	0,9	-	-	142	13,2	1072	
1966	47	4	59	5	43	3,7	332	28,3	-	-	370	31,5	156	13,3	-	-	-	-	-	-	167	14,2	1174	
1967	31	2,2	77	5,5	45	3,2	389	27,9	-	-	421	30,1	157	11,2	-	-	-	-	-	-	278	19,9	1398	
1968	30	1,9	67	4,2	55	3,5	424	26,9	-	-	453	28,7	142	9	-	-	42	2,7	-	-	364	23,1	1577	
1969	36	2	89	5	51	2,8	542	30,7	-	-	515	29	54	3	-	-	75	4,2	-	-	413	23,3	1775	
1970	49	2,7	87	4,9	81	4,6	524	29,4	-	-	487	27,3	46	2,6	-	-	131	7,3	-	-	380	21,2	1785	
1971	24	1,4	76	4,4	136	7,9	490	28,6	-	-	478	27,9	60	3,5	-	-	122	7	24	1,4	299	17,9	1709	

Tabela 5 – Discentes matriculados por curso – 1956-1971

Fonte: Legendas das matrículas dos diversos cursos entre o período de 1956 a 1971.

Na tabela 5, observa-se que foram poucos os anos nos quais a escola deixou de ter meninos. Na referida tabela, anota-se que há uma diferença nos tipos de cursos oferecidos na tabela 2. Como pode ser apreciado na tabela 5, a partir de 1956, devido a decorrências legais, as Irmãs organizaram os cursos: Infantil, Primário, Ginásio, Normal, Científico e Comércio; eram oferecidos à sociedade caxiense, no Colégio São Carlos.

Naquela época os discentes eram compostos por meninas e meninos, porém o que pode ser averiguado é que os meninos, que eram atendidos entre 1956 a 1971, somente frequentavam o curso Infantil e Primário, pois eles somente foram aceitos oficialmente na instituição, para cursar os outros cursos, a partir de 1971. Até então, o colégio mantinha o perfil de colégio feminino. Isso pode ser notado com bastante evidência pelo percentual de 93% de meninas frente ao número de meninos matriculados no colégio.⁵⁰

Mas, como já comentado, sabe-se que o maior investimento das Irmãs foi em relação ao curso Ginásial para moças que, desde sua trajetória, começa a investir, principalmente em toda sua parte arquitetônica para o recebimento dessas discentes, como já comentando no capítulo anterior. Nota-se que, em 1956, contavam com 33,9% de meninas no curso Ginásial e o Primário contava com 34,2% dos matriculados. No decorrer dos anos, ocorre um número crescente de alunas em ambos os cursos. Nota-se também aumento no curso de Comércio, a partir de 1967, com 19,9%, pois, no ano de 1956 elas constituíam uma população de 20% no curso de Comércio e, nos anos subsequentes, houve oscilações nas matrículas, nunca ultrapassando esses 20%, somente conseguindo se estabilizar no curso em 1967 e, a partir desse ano a procura foi aumentado como pode ser apreciado na tabela 5. Talvez seja o caso de pensar que as mulheres foram, aos poucos, melhor aceitas nessa dimensão profissional.

Essa tessitura em relação aos discentes, num primeiro momento, verificou que a presença de meninos seria somente até 1949; posteriormente, rastreamentos documentais permitiram constatar que eles deixaram de fazer parte da caminha educacional das Irmãs em um curto período de tempo e em algumas leituras realizadas, notou-se que muitos deles tinham irmãos (as), o que reforçava os laços de parentesco e, também, pela idade, que, à época, não interferia na fase de desenvolvimento das meninas e moças. Assim, mesmo com toda essa realidade, o maior foco de educação e direcionamento de ensino foi para meninas, inclusive as internas.

⁵⁰ Não se posso deixar de questionar: quem eram esses meninos? Como eram trabalhadas as questões didáticas com ambos? Como era seu relacionamento com as meninas? Como ministravam as atividades físicas e recreativas entre eles? São questões a serem pensadas e quem sabe pesquisadas posteriormente.

4.1.1 Regimento do Colégio São Carlos para seus discentes

Para que as Irmãs conseguissem adquirir confiança e crédito, a respeito da educação para aquela população caxiense, deveriam ter bem-organizado seu regimento em relação aos seus alunos, assim demonstrando seriedade em suas atividades educacionais. Além do mais, poderiam se estabelecer com maior credibilidade na região e em Caxias do Sul. Acredita-se que o Colégio era frequentado por crianças da elite, e já sabemos que nas proximidades havia o Colégio das Irmãs do São José, já consolidado.

4.1.1.1 O regimento para os alunos externos:

Regimento é o conjunto de normas que sistematizam o funcionamento de uma instituição de ensino. A norma não significa sua total aplicação ou plena realização, mas pensá-la nos permite compreender o ideal de escola que era pretendido. Assim, as Irmãs tinham como princípio, em relação aos deveres dos alunos, num primeiro momento, era acatar a autoridade maior que estava na diretora; deveriam tratá-la com urbanidade e respeito. Abaixo da diretora estava a professora, que não poderia ser desrespeitada, muito menos em sala de aula, na qual tinha autoridade máxima. O regimento previa, ainda, o respeito diante de todos, sabendo ser cordial com os funcionários que faziam parte do colégio e com os próprios colegas.

Para Vidal esse seria um dos processos das práticas escolares em que o sujeito teria que se adaptar, aceitando (e reinventando) normas:

[...] As diversas culturas que convivem no interior da escola, como as culturas familiares, infantis, docentes, administrativas, percebendo-as não como isoladas ou puras, mas como mestiças; ao mesmo tempo, reconhecendo a escola, como um lugar de fronteira cultural, de zona de contato, e a cultura escolar como uma cultura híbrida. (2009, p. 30).

A formação da identidade do discente, perante os mestres e demais autoridades do colégio, e também com seus colegas, deveria ser a expressão de civilidade. O aluno não poderia se dirigir para o colégio sem seu respectivo uniforme, conforme art. 22º do Regimento do Colégio São Carlos (1945): “3 – apresentar-se decentemente trajado e com asseio; 4 – usar quando adotados, os uniformes para as aulas comuns e para as sessões de Educação Física.” Esse era o dever em relação à apresentação pessoal, além de manter a disciplina em sala de aula, sendo sempre assíduos e pontuais nos horários estipulados pelo colégio.

Na sala de aula, o local estipulado ao aluno, para que ocupasse a “classe” era de sua responsabilidade, mantendo-o organizado e cuidado. Os materiais de uso especial, recomendado pelo colégio, em relação aos trabalhos didáticos, deveriam ser sempre mantidos em perfeito estado e ordem, para seu uso diário.

Se, durante sua permanência na sala de aula, o professor entrasse ou saísse da sala era dever do aluno levantar-se da classe mostrando respeito ao que entrava ou saía da sala de aula, não somente para o(a) professor(a), mas para a diretora, alguma autoridade de ensino ou a visitantes. Esse era um dos princípios para a formação moral dos alunos; deveriam sempre participar de todas as comemorações cívicas. Sem ter a intenção de avançar nesse enfoque, a seguir apresentam-se três imagens do Colégio São Carlos, em diferentes níveis – cursos.

Figura 24 – Alunas do Ginásio São Carlos, desfilando em 1954



Fonte: Caminhando na História 1928 – 1981 do Colégio São Carlos.

Figura 25 – Imagem 1956 de Sônia Cambuzzi - Motorista Rene Rossi – Maria Helena Tedesco. Professora da turma: Irmã Valéria Corrêa



Fonte: Caminhando na História 1928 – 1981 do Colégio São Carlos.

Figura 26 – Desfile da Semana da Pátria de 1959



Fonte: Caminhando na História 1928 – 1981 do Colégio São Carlos.

É possível, a partir das imagens, inferir que a pela ordem disciplinar, e a organização, bem como os desfiles eram uma vitrine para o colégio.

As Irmãs, mantendo em sua caminhada firmeza e dedicação aos seus projetos, principalmente da educação, proibiam ao aluno entrar ou sair da sala de aula sem autorização de seu professor e da instituição, somente poderia se ausentar, se a diretora autorizasse, assim mantendo urbanidade, organização e credibilidade. De acordo com art. 23º do Regimento do Colégio São Carlos (1945), era proibido ao aluno:

[...]

3 – ocupar-se, durante as aulas, com qualquer outro trabalho estranho as mesmas; 4 – promover, sem autoridade da diretora, coletas, subscrições dentro do estabelecimento, ou fora, usando o nome da instituição; 5 – formar grupos ou promover algazarra ou distúrbios nos corredores e pátios, bem como nas imediações do estabelecimento durante o período de aula e no seu início ou término; 6 – permanecer ao estabelecimento fora das horas do trabalho escolar; 7 – impedir a entrada de colegas nas aulas, ou concitá-los à ausência coletiva; 8 – trazer consigo livros, impressos, gravuras ou escritos, considerados imorais, bem como quaisquer objetos perigosos; 9 – fumar, jogar ou usar bebidas clandestinamente introduzidas no estabelecimento; 10 – praticar, dentro ou fora do estabelecimento, ato ofensivo à moral e aos bons costumes.

Através dessas proibições, verifica-se que realmente as Irmãs tinham o propósito de formar cidadãos cuja moral, fosse contra a atos proibidos pela sociedade. Com manter a confiança isso, buscavam dos pais, dadas as rígidas posturas disciplinares que eram um dos grandes valores a serem preservados. Como já visto, essa instituição era constituída por uma grande população feminina e, naquele tempo isto contava muito para a formação das jovens: demonstrar respeito e manter ainda a postura de uma mulher digna na sociedade brasileira. Como nos lembra Almeida (2004), que “esses colégios seriam determinantes nos rumos da educação feminina de elite”.(p. 69).

Portanto, um dos princípios das Irmãs era educar moças para a sociedade. No entanto, as minúcias do controle e a enumeração de proibições suscitavam penas, embora esses comportamentos ocorressem em uma ou em outra situação.

4.1.1.2 Normatizando a vida no internato: o regimento

Conforme já mencionado, o referido colégio tinha, como finalidade, manter o aspecto moral, literário e científico da educação feminina, desenvolvendo a questão de honra e dignidade perante a sociedade e o futuro.

Frente a essa perspectiva, as Irmãs entendiam que as internas não poderiam receber visitas nem correspondências de pessoas que não fossem da família e muito menos retribuí-las. Havendo a necessidade de receber alguma visita ou correspondência de pessoas estranhas,

somente seriam liberadas mediante uma autorização por escrito dos pais ou tutores da aluna. Mesmo com a autorização dos seus responsáveis, deveriam também obter autorização da diretora, para qualquer um desses contatos.

Além disso, a diretora da instituição, naquela época, deixava bem claro às meninas que não era permitido o empréstimo de qualquer objeto pessoal entre elas sem a prévia autorização da Direção.

Ao se matricularem, as internas e suas famílias recebiam uma lista do “enxoval” que cada uma deveria trazer consigo. Entre os objetos solicitados estavam: 1 colchão de 1,70cm por 40cm; 1 travesseiro de 64cm por 46cm; 1 acolchoado e cobertor; 4 lençóis brancos; 2 fronhas brancas; 2 colchas brancas sem franjas; 2 toalhas de banho; 2 sacos para roupa usada; 2 panos para pés; 4 pares meias; 4 pares de carpins beges; 4 pares de carpins brancos; 1 par de luvas brancas; 3 guardanapos; talheres marcados com o número; 2 aventais listrados conforme modelo disponibilizado pelas Irmãs; 1 par de chinelos; 1 par de tênis brancos; 3 cabides para vestidos, mais véu branco para ir à missa, esse de 1m por 70cm com renda de 1cm e 2 camisolas com mangas ao menos até o cotovelo.⁵¹ Além dos objetos pessoais deveria estar no enxoval materiais e miudezas: linha para bordar branca, preta e bege para coser; bastidores; agulhas; tesoura; dedal; caixa ou malinha para guardar as miudezas. Ainda deveriam trazer o material necessário para sua higiene pessoal, ou seja: saboneteira, sabonetes, pasta dentifrícia, copo de alumínio, escova para roupa e dentes, tinta preta e branca para calçados.

Em relação ao vestuário, as internas tinham que usar uniforme de gala em ocasiões especiais, e, para uso diário, dois, cujo modelo era a Diretora do Colégio que fornecia. Deveriam ser confeccionados por uma costureira, que marcava o horário, em sua residência, para tirar as medidas. Esse uniforme contava com 1 saia de lã azul-marinho, com pregas de 2cm de largura, todas voltadas para o lado esquerdo; o comprimento era abaixo dos joelhos; 1 casaquinho do mesmo tecido da saia, 1 blusa branca de mangas compridas; 2 blusas brancas com mangas curtas; 2 blusas listradas com mangas compridas. Esse modelo pode ser apreciado na figura 27, representando a uniformização:

⁵¹ Percebe-se que queriam que as internas mantivessem integridade, não exibindo o corpo, pois para os religiosos a vaidade da mulher ao exibir o corpo era pecado. De acordo com Almeida, “a igreja católica associaria a figura da mulher santa, feita à imagem de Maria, à pureza de corpo e espírito, enquanto a mulher desviante, transgressora, principalmente a prostituída, seria ligada à maldade, à perfídia, ao pecado e à decadência. Se a primeira era o espírito e a santidade, a segunda seria carnal e pecadora, levando os homens à corrupção do caráter e do corpo. [Assim] nas escolas, as moças seriam instruídas quanto à importância da castidade e da pureza, [...] seria impedida toda e qualquer manifestação voltada para explorar ou exercer a sexualidade, embora houvesse transgressões que costumavam ser severamente punidas”. (2004, p. 68-69).

Figura 27 – Uniforme do ginásial



Fonte: Arquivo Fotográfico – 1936-1998 do Colégio São Carlos.

As saídas da instituição somente ocorriam no primeiro domingo de cada mês após a missa; isso seria permitido se a interna obtivesse um bom comportamento durante o mês. Elas não poderiam retornar após o horário estipulado, pois se isso ocorresse implicava a próxima liberação. O controle sobre idas e vindas era um meio que as Irmãs tinham vigiá-las. Pinsky comenta que,

além de vigiadas, as garotas deveriam ser educadas para bem cumprir no futuro os “naturais” papéis femininos. Esperava-se que fossem pudicas e prendadas, mais do que verdadeiramente instruídas, ainda que novas necessidades da nação e do mercado de trabalho as levassem aos bancos escolares. (2012, p. 473-474).

No dia adia, a rotina das internas era intensa e funcionavam da seguinte forma, conforme os horários:

- a) Levantar às 6h30min;
- b) Estudar das 7h às 7h30min;
- c) Café iniciava às 7h30min;
- d) Aulas das 8h às 11h30min;
- e) Almoço e recreio das 11h30min às 13horas;
- f) Estudar 13h às 14horas;

- g) Aulas das 14h às 16horas;
- h) Chá das 16h15min às 16h45min;
- i) Estudar 16h45min às 18h15min;
- j) Jantar 18h15min às 19h30min;
- l) Estudar 19h30min às 21horas;
- m) Recolher-se às 21h15min às 21h30min;
- n) Silêncio às 21h30min.

Verifica-se que mantinham um regimento bem-rigoroso quanto ao horário das rotinas, reforçando a ocupação. Pouco desses horários favorecia um momento para recreação livre. Um único horário, que poderia ser para recreação, as Irmãs destinavam para estudos. Esse conjunto de ações no cotidiano das internas, as regulações, os horários rígidos a serem cumpridos nos permitem pensar sobre o controle do corpo. Perrot afirma que

o corpo das mulheres é o centro, de maneira imediata e específica. Sua aparência, sua beleza, suas formas, suas roupas, seus gestos, sua maneira de andar, de olhar, de falar e de rir (provocante, o riso não cai bem às mulheres, prefere-se que elas fiquem com as lágrimas) são o objeto de uma perpétua suspeita. Suspeita que visa o seu sexo, vulcão da terra. Enclausurá-las seria a melhor solução: em um espaço fechado e controlado, ou no mínimo sob um véu que a mascara sua chama incendiária. Toda mulher em liberdade é um perigo e, ao mesmo tempo, está em perigo, um legitimando o outro. Se algo de mau lhe acontece, ela está recebendo apenas aquilo que merece. (2005, p. 447).

Para manter as meninas nessa instituição, os familiares ou tutores tinham que investir à educação; tinham um custo mensal de 140\$000. Nesse valor não estava inclusa a lavagem das roupas, que custava 15\$000, além da joia que deveria ser paga na entrada: 50\$000. Além desse investimento, tinham que fazer um depósito de 100\$000 para despesas ocasionais, seja para compra de livros, material de trabalhos, calçados, entre outros. Portanto, as despesas fazem pensar na seletividade social.

Iniciavam o ano letivo no dia 1º de março e o término era em meados de dezembro. Não podiam se deslocar, senão uma vez por mês, e sua saída oficial seria após a realização dos exames finais.

Frente a todo esse contexto, percebe-se que as meninas eram de famílias abastadas, pois era alto o custo para as filhas no internado. Havia também a opção pelo externato, que também deveria ser pago. No entanto, muitas famílias acreditavam que, se as filhas tivessem uma educação religiosa, iriam manter seus princípios morais e distinguir-se socialmente.

Santos ressalta a seguinte característica das instituições confessionais perante a camada da população que atendiam. Voltava-se à educação da

juventude e para as obras de cunho social, a atenção a órfãos, asilos e hospitais. Característica fundamental dos colégios confessionais é que estes privilegiavam a pequena camada social que podia arcar com suas mensalidades e os caros enxovais condicionados pelas instituições que atuavam nas modalidades de internato, semi-internato e externato. A disciplina rígida e a preocupação com a formação moral de seus frequentadores era fator diferencial dos colégios católicos, tornando-os de grande atrativo para as famílias abastadas, pois seu elevado nível cultural foi a razão principal da obtenção de seu prestígio perante a sociedade brasileira. (2010, p. 88).

Portanto, esse colégio de então deveria apresentar toda uma estrutura organizacional para manter o imaginário da sociedade, que mantinha em seu pensamento, quanto à educação feminina, tanto das internas quanto das externas, a necessidade de normas rígidas. A única diferença é que a internas tinham uma regulação maior em questão dos horários. Nada era modificado em seus deveres. Todas tinham os mesmos deveres frente à instituição. Se alguns dos deveres não fossem cumpridos, conforme a determinação da diretora, haveria penalidades.

As penalidades que sofreriam, em vista de mau-comportamento, constavam nas normas para as alunas internas. Pressupõe-se que também fossem utilizadas para as alunas externas, que deveriam seguir as mesmas normas em relação aos deveres.

As penalidades que as alunas sofreriam, em relação à inobservância de seus deveres e de suas atribuições, seriam as seguintes, de acordo com art. 25º e parágrafos seguintes, do Regimento Interno do Colégio São Carlos:

a) Admoestação simples, em aula, pelo professor; b) Repreensão reservada, oral ou escrita, pela diretora; c) Suspensão, até oito dias; d) Cancelamento de matrícula ou suspensão com perda de provas ou exames. § 1º – As aplicações de penalidades disciplinares são de competência da direção do estabelecimento, devendo processar-se tendo em conta os dispositivos regimentais. § 2º – A penalidade de suspensão implica na obrigatoriedade de apresentação de trabalho escolar previamente determinado para ser executado pelo aluno que sofreu a medida disciplinar, em correspondência ao tempo de duração da pena. § 3º – A penalidade de cancelamento de matrícula e a de suspensão com perda das provas ou exames, poderão ser aplicadas por motivo de falta grave e após ser verificada a culpabilidade do aluno por uma comissão de três membros, presidida por um representante da inspetoria federal no estabelecimento. § 4º – Na apuração referida no parágrafo precedente, o aluno menor será assistido por seu responsável.

Além, dessas penalidades previstas às discentes, que competia à diretora da instituição aplicá-las, ela tinha também o poder de expedir a guia de transferência da discente que não se adaptasse ao regimento interno. Isso mostra que, realmente, a questão disciplinar das Irmãs, referente à educação dessas meninas, era muito rígida. Não podiam desviar das normas estabelecidas pelas Irmãs. A seguir são retratadas as disciplinas trabalhadas e quais os conteúdos eram abordados às meninas, principalmente no curso Ginásial.

4.2 DISCIPLINAS OFERECIDAS NO GINASIAL

Para continuar a tessitura do trabalho das Irmãs, referente ao curso Ginásial feminino, não se pode deixar de abordar como se organizaram em relação às disciplinas oferecidas a essas moças. Tal manejo começa a estabelecer a consolidação da instituição frente à sociedade caxiense, referente à educação daquelas moças.

Na primeira série do curso Ginásial, em 1947, eram oferecidas as disciplinas: Português, Latim, Francês Matemática, História Geral, Geografia Geral, Educação Física, Música, Religião, Trabalhos Manuais e Desenho, distribuídas conforme o quadro a seguir, o dia da semana e os horários. Em relação ao ano anterior, o que mudou no currículo é que o Canto se transformou em Música, sendo subsequente em outras séries.

Quadro 7 : Distribuição dos horários das disciplinas da 1ª série do 1º ciclo

Disciplinas	Horários da semana					
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
Português	8h às 8h50min		8h às 9h		10h às 10h50min	8h às 8h 50min
Latim		11h às 11h 50min			11h às 11h 50min	
Francês	11h às 11h 50min		10h às 10h 50min			9h às 9h 50min
Matemática	10h às 10h50min	8h às 8h50min			8h às 8h50min	
História Geral		9h às 9h50min		14h às 15h50min		
Geografia Geral				9h às 9h50min		10h às 10h50min
Educação Física	9h às 9h50min				9h às 9h50min	
Música				10h às 10h50min		11h às 11h50min
Religião		10h às 10h50min		8h às 8h50min		
Trabalhos Manuais		14h às 14h50min			14h às 14h50min	
Desenho			9h às 9h50min		11h às 11h50min	

Fonte: Livro de Relatório 1946- Colégio São Carlos – Caxias do Sul-RS.

Como pode ser observado, as meninas tinham somente o domingo totalmente livre, pois durante toda a semana tinham horários às aulas: em todas as manhãs eventualmente tinham aula à tarde, quando isso ocorria era sempre no primeiro horário da tarde. As aulas iniciavam às 8h até 11h50min e nos dias em que tivessem aula no turno da tarde, era das 14h às 14h50min, excluindo a quinta-feira.

Ainda é relevante ressaltar quantas vezes por semana era oferecida cada disciplina na 1ª série do 1º ciclo: Português, 4 ; Latim, 2; Francês, 3; Matemática, 3; História Geral, 2;

Geografia Geral, 2; Educação Física, 2; Música, 2; Religião, 2; Trabalhos Manuais, 2 e Desenho, 2. Sabendo-se que cada hora-aula durava 50 minutos, verifica-se tinha significativa relevância na educação das meninas, a questão cultural, para que se tornassem cultas e em relação às prendas domésticas e religiosas. As aulas também ofereciam disciplinas de desenho, trabalhos manuais, religião e música, sempre duas vezes por semanas, além de línguas estrangeiras, principalmente o Francês, três vezes por semana. Essa disciplina, tinha a mesma carga horária que com as disciplinas básicas como Português e Matemática. D’Incao (2004) refere que a mulher, na família burguesa, era símbolo de refinamento em relação à sociedade; a questão política e econômica era função do homem, responsável pela autonomia da família. Isso foi verificado inclusive no século XX, no currículo oferecido pelas Irmãs.

Quadro 8 – Distribuição dos horários das disciplinas da 2ª série do 1º ciclo

Disciplinas	Horários da semana					
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
Português	10h às 10h50min			10h às 10h50min	14h às 14h50min	
Latim		8h às 8h50min			8h às 8h50min	
Francês	9h às 9h50min		11h às 11h50min			
Matemática	9h às 9h50min		8h às 8h50min	14h às 14h50min		
Historia Geral	9h às 9h50min				11h às 11h50min	
Geografia Geral	11h às 11h50min	14h às 14h50min				
Educação Física	10h às 10h50min		10h às 10h50min			
Música		9h às 9h50min				11h às 11h50min
Religião				8h às 8h50min		
Trabalhos Manuais		15h às 15h50min			15h às 15h50min	
Desenho				8h às 8h50min	9h às 9h50min	
Inglês	11h às 11h50min			11h às 11h50min	10h às 10h50min	

Fonte: Livro de Relatório 1946 – Colégio São Carlos – Caxias do Sul – RS.

Comparando o quadro 8 com o quadro 7, nota-se que houve um acréscimo de mais uma disciplina na 2ª série: o Inglês. Essa disciplina, nesse ciclo, contava com três encontros durante a semana, havendo diminuição no oferecimento de uma aula nas disciplinas de Francês, Geografia Geral e Religião. Durante a análise, ocorreu mais uma observação que foi em relação à disciplina de Música. Era ministrada no mesmo dia e horário em ambas as séries. A professora que ministrava era Esmeralda P. de Moraes. Isso demonstra que as três séries

tinham em conjunto, sem diferenciação entre elas, principalmente a disciplina de Música. Porém, essas aulas conjuntas somente ocorriam no sábado; nos outros dias da semana, cada série tinha o dia da semana específico e com horários diferentes. Verifica-se que a disciplina de Trabalhos Manuais era oferecida à tarde, porém com horários diferentes, e também porque quem ministrava a disciplina era a professora Olga Maria Rombaldi, que, além de ser professora titular dessa disciplina, ainda tinha sob sua responsabilidade as disciplinas de Geografia da 1ª série e Latim da 3ª e 4ª séries, que serão apresentadas nos próximos quadros.

Quadro 9 – Distribuição dos horários das disciplinas da 3ª série do 1º ciclo

Disciplinas	Horários da semana					
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
Português	9h às 9h50min	8hs às 8h50min			8hs às 8h50min	
Latim			11h às 11h 50min	10h às 10h50min		
Francês		14h às 14h 50min			15h às 15h50min	
Matemática	8h às 8h50min		8h às 8h50min		9h às 9h50min	
História do Brasil	10h às 10h50min		10h às 10h50min			
Geografia Brasil		10h às 10h50min		8h às 8h50min		
Educação Física			9h às 9h50min		10h às 10h50min	
Música					14h às 14h50min	11h às 11h50min
Religião				11h às 11h50min		
Economia Doméstica				14h às 14h50min		
Desenho	11h às 11h50min				8h às 8h50min	
Inglês		9hs às 9h50min			11h às 11h50min	9hs às 9h50min

Fonte: Livro de Relatório 1946 – Colégio São Carlos – Caxias do Sul – RS.

Pode ser verificado que, no quadro 9, as disciplinas de História Geral e Geografia Geral passam a ser tituladas de História do Brasil e Geografia do Brasil, além dessas disciplinas, nas quais ocorrem modificações, a disciplina de Trabalhos Manuais não pertence mais às disciplinas oferecidas no currículo como na série 2, sendo substituídos por Economia Doméstica. Assim, verifica-se que educavam realmente a mulher para ser esposa e do lar. Almeida comenta que,

apesar das conquistas efetivadas ao longo das primeiras décadas do século XX, como o acesso das mulheres ao ensino superior e algumas profissões, essas ideias permaneciam, por longo tempo, impregnando a mentalidade brasileira e esculpindo uma figura de mulher plasmada nesse perfil. A responsabilidade feminina nunca deveria transpor as fronteiras do lar, nem ser objeto assalariado. (2004, p. 71).

Além dessas matérias que tinham sido modificadas na 3ª série, foi observado, durante leitura realizada nos documentos do acervo do colégio, que, no ano anterior, ou seja 1946, havia em seu currículo a disciplina de Ciências Naturais, que era oferecida três vezes por semana, com uma carga horária diária de 50 minutos. Posteriormente, não foi encontrado o oferecimento dessa disciplina. Por que não foi mais oferecida? Era secundária na formação?

Quadro 10 – Distribuição dos horários das disciplinas da 4ª série do 1º ciclo

Disciplinas	Horários da semana					
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
Português	8h às 8h50min		8hs às 8h50min		15hs às 15h50min	
Latim		9h às 9h50min		14h às 14h30min		
Francês	8h às 8h50min			11h às 11h 50min		
Matemática	11h às 11h50min	11h às 11h50min		8h às 8h50min		
História do Brasil		14h às 14h50min				9h às 9h50min
Geografia Brasil			9h às 9h50min		14h às 14h50min	
Educação Física	9h às 9h50min		10h às 10h50min			
Música	9h às 9h50min					11h às 11h50min
Religião				10h às 10h50min	10h às 10h50min	
Economia Doméstica				15h às 15h50min		
Desenho				9h às 9h50min		10h às 10h50min
Inglês		10hs às 10h50min	11h às 11h50min		11h às 11h50min	

Fonte: Livro de Relatório 1946 – Colégio São Carlos – Caxias do Sul – RS.

Já no quadro 10 percebe-se que há disciplinas durante a semana que são ministradas no mesmo dia e horário; pressupõe-se que tenha sido erro de digitação; porém, não foram encontrados outros dados referente aos dias e horários corretos das seguintes disciplinas: Português e Francês ambas sendo ministradas na segunda-feira, das 8 horas às 8h50min; Educação Física e Música, que também são ministradas na segunda-feira, das 9 horas às 9h50min.

Ainda, pode ser destacada, em relação aos quadros, a questão do intervalo de uma disciplina à outra, era de 10 minutos entre elas, pois, como já demonstrado, em sua parte arquitetônica, as Irmãs disponibilizavam de salas temáticas; necessitando desse tempo tanto para o deslocamento dos discentes de uma sala para outra como do docente, que muitas vezes

tinha que levar primeiramente o grupo de alunos em suas determinadas salas para, depois, se deslocar para outra sala, a fim de ministrar a mesma disciplina ou outra da qual fosse titular.

Perante esse contexto de estudo, um dado importante é saber quem ministrava as aulas, naquela época, para o primeiro ciclo do Ginásial. O corpo docente era constituído por mulheres; somente um homem ministrava a disciplina de Latim para a 3ª e 4ª séries e também História Geral para 1ª e 2ª séries. Era o Pe. Eugênio A. Giordani.

Além de dispor de toda essa organização curricular, os professores tinham que avaliar o nível de conhecimento adquirido pelas moças durante sua permanência em cada série, para averiguar o método de ensino e o aproveitamento, para avançarem ao novo estágio do currículo, com o mérito de apresentar em sua avaliação final o termo “aprovada”.

Para que pudessem aplicar a avaliação a cada aluna, teriam que ter, juntamente com as disciplinas, os conteúdos a serem oferecidos. Assim sendo, o plano de aula deveria estar direcionado às respectivas séries e, no decorrer da explanação dos conteúdos o docente podia avaliar o nível de conhecimento de cada aluna, quanto ao conteúdo ministrado no decorrer das aulas. Esses conteúdos trabalhados pelos docentes eram relatados, especialmente das disciplinas com maior relevância. Principalmente os referentes à educação da mulher, direcionada ao lar e à família, como ser uma boa esposa e mãe.

4.2.1 Disciplinas e conteúdos direcionados à mulher

Comentar sobre disciplina abrange o que as meninas estudavam em cada série, frente ao currículo que estava sendo oferecido para elas, bem como outros conteúdos com importante valor, e que as Irmãs tinham em seu conceito, como necessários em cada fase da vida.

A escola oferecia às meninas da 1ª série do 1º ciclo as disciplinas: Geografia Geral, Português, Desenho, Francês, História Geral, Matemática, Música, Latim, Trabalhos Manuais. As avaliações dos estudos mediam o nível de conhecimento obtido em cada aula, que devia atingir a média, cujo valor não foi encontrado na pesquisa, e representava média parcial em relação às avaliações anuais.

Quanto às disciplinas do currículo oferecido no Ginásial e seus respectivos conteúdos, merece destaque, desde a 1ª série até as séries subsequentes, a disciplina Ciências Naturais. Somente foi oferecida na 3ª série em 1946 e não fez parte do currículo, principalmente em 1947. Na época em que estava sendo oferecida na grade curricular da 3ª série, os docentes, em suas avaliações, cobravam os seguintes conhecimentos, principalmente para a sua segunda avaliação parcial, que ocorreu em 1946. Entre os assuntos estavam: visão

do globo ocular, existência do ar, órgãos anexos do globo ocular, Sistema Nervoso Periférico, função do olho, pressão da água, audição (ouvido externo), composição química da água, audição (ouvido médio e interno), depuração artificial das águas, fonação, rochas eruptivas e cáusticos, Sistema Nervoso Central, destino da água caída sobre a terra, Sistema Nervoso Vegetativo, água potável, papel biológico do ar, atos voluntários do Sistema Nervoso, atos reflexos do Sistema Nervoso, papel da água, rochas sedimentares detríticas, glândulas em geral, órgãos anexos ao Sistema Digestivo, casos dos membros superiores e inferiores, aparelho respiratório, constituição do tecido ósseo, pequena e grande circulação, ossos do tronco, sangue plasma elementos figurados, aparelho renal, coração, hábitos mentais sadios, como se dá a audição, como se dá a formação, asseio das habitações, hipófise etenoide, águas correntes, envoltórios terrestres, processos para extinguir as águas estagnadas, mudanças de estado da água, Sistema Nervoso da vida vegetativa, ciclo do oxigênio, vícios em geral, propriedade do ar, solo (propriedades físicas), composição química do ar e pedras preciosas. A disciplina de Ciências Naturais somente reaparece no currículo escolar em 1962, no 2º ciclo, que era o Curso Normal.⁵² A disciplina, então, estava dividida em Ciências Naturais e Sociais; porém, durante leitura de documentação do acervo do colégio (LIVRO DE RELATÓRIO, 1946), foram encontradas as questões de Ciências do 3ª série do Ginásial, referentes ao ano de 1947. Entretanto, não está na grade de horários da 3ª série. Esse fato não tem registro.

Os assuntos que estavam sendo trabalhados, conforme o Livro de Relatório (1946) eram: tubo digestivo, caracteres gerais de raças, aparelho respiratório, funções da vida vegetativa, órgão anexos ao Aparelho Digestivo, alimento orgânico, atos mecânicos e químicos da digestão, funções do sangue, Aparelho Circulatório, capacidade pulmonar, glândulas sudoríparas, pequena e grande circulação, aparelho renal, sentido do tato, grupos étnicos da população brasileira, sentido do olfato, excreções, sentido da glote; sangue, plasma e glóbulos.

Pode-se fazer uma análise comparativa entre os dois anos em relação à disciplina de Ciências. Em 1947, a escola trabalhava mais a questão do corpo humano; porém, em nenhum dos anos foi trabalhada a sexualidade, pois, para os católicos, a mulher é um ser puro.

⁵² O curso Normal tem seu currículo totalmente diferente daquele do 1º ciclo. Fica em aberto a possibilidade de nova pesquisa com maiores detalhamentos. De acordo com planejamento, a escolha do currículo em relação ao curso Normal abordam os seguintes esclarecimentos: “a) A aluna fará, no período, no máximo 7 no mínimo, 5 unidades; b) no plano para o próximo período foram unidades que serão cursadas obrigatoriamente; c) dentre as unidades eletivas que a escola oferece, a aluna escolherá; e) em caso excepcional, poderá a aluna fazer uma oitava unidade no período, escolhendo-a dentre a relação das eletivas.” Isso demonstra que seria, como hoje, um curso superior. Merecendo essa questão um estudo mais aprofundado, por tratar-se do curso Normal, que estava sendo oferecido para moças nos anos 60.

Provavelmente por isso não havia esse conteúdo para as moças, porque poderiam desviar do “rótulo” que a sociedade colocava às mulheres. E, como pode ser observado na figura 28, o corpo não tinha sexo.

Figura 28 – Materiais utilizados na disciplina de Ciências



Fonte: Arquivo Fotográfico – 1936-1998 do Colégio São Carlos.

Observa-se, na figura do corpo humano, que está fixada na parede, não há nenhum indício de qual é o sexo da imagem. A face pode ser comparada a uma figura masculina. Isso demonstra que o ser humano, naquela situação era assexuado, ou assim era representado nas aulas.

Desse modo percebe-se que não havia evolução na educação feminina, que mantinha a mulher longe do pecado carnal. Para a Igreja e a sociedade, a mulher deveria ser pura, até mesmo em seus pensamentos. Por isso, as Irmãs mantinham muito a educação dessas meninas em habilidades domésticas, nas primeiras séries do Primeiro Ciclo. Nos quadros 7 e 8 há indicação de que continham, em seu currículo, a disciplina Trabalhos Manuais. Para que os docentes pudessem avaliá-las, cobravam as seguintes habilidades: na 1ª; lenços – contornados de frivoleté, confecções de um guardanapo, crochê, confecção de tapete, grivô, gola de frivoleté, lenço – andotí, saboneteiras (serrinha), construção de objetos (junção e encaixados), vasos (serrinhas), quadrinho para retratos, placas e pratinhos (serrinhas). Esse tipo de artesanato já era trabalhado muito pelas mulheres na época da colonização. Como era passado

de mãe para filha o conhecimento, provavelmente essas meninas já trabalhavam com esses materiais, antes de iniciar suas atividades educacionais. Isso mostra que as Irmãs mantiveram costumes de família. Já na 2ª série, não houve muito diferenciação. Mantiveram artesanatos trabalhando a relação de imagens naturais. Nesses trabalhos eram avaliadas as seguintes produções: orquídeas, miosótis, violetas, amor-perfeito, armação de um estojo, frutas plásticas, paisagem em relevo, armação de porta-joia, frivoleto e crivo. Todos esses artefatos serviam de utensílios à casa, principalmente como enfeite.

A disciplina de Português era ministrada pela Irmã Albina Veronese que trabalhava as regras gramaticais e incentivava a prática de redação através de: Carta de felicitações; Descrição de sua casa; Descrição da natureza ou algum objeto que nela pertencesse e o que elas idolatravam para seu futuro. Através dessas descrições, pressupõe-se que avaliavam o perfil de cada aluna, não deixando que sua imaginação fosse além da ideologia, que era a questão religiosa e familiar.

Em relação às outras disciplinas do currículo, durante o primeiro ciclo, essas seriam um complemento para a formação das mulheres, preparando-as para serem cultas ao acompanharem seu esposo, pois pertenciam a uma camada da elite. As Irmãs as estavam educando, provavelmente, para se casarem com um homem da sociedade bem-sucedido. Esse era o desejo dos familiares. Além desse contexto, a preparação visava para que pudessem, no futuro atuar como professoras do curso Primário, espaço que a mulher ocupava na sociedade. Louro ressalta que a

educação feminina viesse a representar, sem dúvida, um ganho para as mulheres, sua educação continuava a ser justificada por seu destino de mãe. [...] Para muitos, a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo. [Assim] [...] permaneceria como dominante a moral religiosa, que apontava para mulher a dicotomia entre Eva e Maria. (2006, p. 447).

Portanto, os conteúdos das disciplinas, naquela época do ginásial, tinham o intuito de formar meninas da elite, para que pudessem posteriormente seguir um curso Científico, mas ainda mantendo religiosidade e pureza em sua pessoa. Naquela época isso era o que as famílias almejavam para sua educação, e cursar o Ginásial era um grande diferencial.

No entanto, para seguir tecendo práticas escolares do Colégio São Carlos, no próximo subcapítulo serão retratados alguns ritos festivos, que as Irmãs realizam, para favorecer, na instituição, a entrada de mais alunas.

4.3 RITUAIS FESTIVOS QUE MARCARAM ÉPOCA PARA O COLÉGIO SÃO CARLOS FRENTE À EDUCAÇÃO FEMININA

Os Rituais/atos festivos no Colégio São Carlos, começam a marcar sua trajetória na cidade de Caxias do Sul, principalmente na inauguração do Ginásio São Carlos, no dia 20 de outubro de 1946. Naquele ano, o colégio aguardava a chegada de autoridades militares, civis e eclesiásticas, para a inauguração oficial do Ginásio. Entre essas, estava o Bispo da Diocese, D. José Baréa, como pode ser apreciado na figura 29.

Figura 29 – Chegada das autoridades



Fonte: Arquivo Fotográfico – 1936-1998 do Colégio São Carlos.

D. José Baréa era uma das figuras católicas com grande prestígio na sociedade caxiense. Marcava sua presença juntamente com outras autoridades que ali se apresentavam para a população, pois, além de ser a autoridade eclesiástica ainda foi um dos responsáveis, juntamente com o Monsenhor João Meneguzzi, pela elaboração do Hino do Colégio. Nota-se que as autoridades marcaram presença em uma caminhada na principal rua da rótula de São Pelegrino, até a entrada do Ginásio; todos, de frente para a população, se colocaram em posição de sentido para cantar o Hino Nacional. Essa imagem pode ser apreciada na figura 30. Esse momento solene, que é realizado até os dias de hoje, dá início a solenidades que se realizam no Brasil e em outros países.

Figura 30 – Autoridades cantando Hino o Nacional – 1946



Fonte: Caminhando na História 1928 – 1981 do Colégio São Carlos.

Essa solenidade oficial foi no dia 20 de outubro de 1946, acordo com a programação de Inauguração do Ginásio, como pode ser visto na figura 31. O solene tríduo preparatório foi realizado três dias antes, contando no primeiro dia com a participação da Orquestra Marajoara Ginásio São Carlos às 19h30min do dia 17 de outubro de 1946, numa quinta-feira. Não foi encontrado o programa dos dois dias subsequentes.

Figura 31: Programa de Inauguração do Ginásio - 1946



Fonte: Arquivo Fotográfico – 1936-1998 do Colégio São Carlos.

Como exposto anteriormente, as Irmãs se preocuparam também com questões políticas mantendo-as ordem crescente, após os dois primeiros itens: discurso oficial no Ginásio São Carlos, do Dr. Balduino D' Arrigo e, no decorrer, do Inspetor Federal Dr. Marcos Ribeiro, fazendo a leitura da Portaria Ministerial de aprovação do Ginásio.

Figura 32 – Leitura da Portaria Ministerial pelo Dr. Marcos Ribeiro



Fonte: Arquivo Fotográfico – 1936-1998 do Colégio São Carlos.

Durante a leitura da documentação, pode-se perceber que ele se encontrava ainda na frente do Ginásio, próximo ao *Rall* de entrada do prédio; ao seu lado há a figura marcante da comunidade do Bairro São Pelegrino, o Padre Eugênio Giordani. As senhoras, que se encontram no fundo provavelmente eram membros da sociedade, como as demais autoridades que presenciavam a solenidade.

Após os pronunciamentos das autoridades civis, houve o descerramento da placa de inauguração pelo Bispo D. José Baréa, conforme figura 33. Nota-se que essa placa foi disponibilizada em um corredor, com a presença do Bispo, das autoridades civis e militares, no início da entrada do prédio. Provavelmente, por ser um corredor, não era acessível à comunidade. A população teria acesso ao prédio, de acordo com a programação, somente no término de toda a solenidade de inauguração do Ginásio.

Figura 33 – Descerramento da Placa Inaugural por D. José Baréa– 20/10/1946



Fonte: Arquivo Fotográfico – 1936-1998 do Colégio São Carlos.

Para demonstrar o reconhecimento ao apoio da Igreja à realização do projeto das Irmãs, então apresentado à cidade, investido no Ensino Secundário, direcionado a moças, principalmente o Primeiro Ciclo, houve uma homenagem ao Bispo D. José Baréa, na voz do Dr. Ary Zatti Oliva. Ele fez uma reflexão desde a época dos bárbaros até os dias de então, entrecruzando o importante papel do Bispo, juntamente com o do padre da comunidade do Bairro São Pelegrino e com a atuação das Irmãs de São Carlos Borromeu–Scalabrinianas. Referente à imagem do Bispo D. José Baréa, ele explanou as seguintes palavras:

V. Excia. Amigo da instrução: amparando e protegendo este Ginásio; possibilitando a sua realização, fez a obra da Igreja e se tornou credor da admiração e reconhecimento de todos os seus diocesanos. – Não fora o piedoso interesse; o auxílio prestado, a assistência moral e material dispensada por V. Excia. e, por certo, a irmã deste Ginásio não viveriam este dia de gala e a população feminina desse bairro progressista não teria a escola que ora tem. – É justa, pois, a homenagem que lhe é prestada, homenagem que além do reconhecimento filial ainda tem o caráter de mais um marco, mais uma conquista, mais um benefício que a Igreja Católica Apostólica Romana presta aos homens. – Esta placa comemorativa, além de enaltecer os justos méritos de V. Excia. Revma. assinala, para os que aqui vierem em busca de luzes, que a igreja de Jesus, eterna e vigilante, não descansa, continua e continuará sempre na sua obra excelsa de salvar as almas e aprimorar os intelectos. – Dará também a certeza ao rebanho católico da Diocese que o seu Pastor é o Bom Pastor, o Pastor que cuida para que nada falte e arma as suas criaturas com o escudo da instrução, proteção eficaz que os lobos das estepes cereiam e respeitam. – E há de ser grato a V. Excia. verificar a compreensão de seus diocesanos, como há de ser grato a V. Excia. contar com o aplauso e a colaboração da população católica deste bairro, confiada por V. Excia. Revma. à direção ao Pe. Eugênio Giordani, infatigável animador de obras cristãs: - escolas e Igrejas.

Após explanação do discurso feito pelo Dr. Ary Zatti Oliva (veja-se a íntegra do discurso, no Apêndice A) ao Bispo, ele abençoa a arquitetura construída e as salas de aula que iriam receber aquela nova população. Enquanto ocorre esse ato no interior da instituição, a população aguardava no pátio, com os organizadores do evento e alunas, o retorno das autoridades para participar, juntamente com eles, da missa que seria ministrada por D. José Baréa.

Como se pode notar, na figura 34, ocorre a missa ministrada por D. José Baréa. A população ficou no aguardo desse cerimonial no pátio do Ginásio até o término de homenagem feita pelas autoridades. Nota-se que havia um número significativo de população caxiense. Durante esse cerimonial, além de D. José Baréa a população contou com a presença do Pe. Eugênio Giordani. Nos fundos desse cenário, que tinha sido montado para a realização desse momento de reflexão, encontra-se uma Irmã. Não foi possível identificar qual seria à direita e quais alunas à esquerda.

Figura 34 – Discurso de D. José Barea no ato de inauguração do Ginásio – 1946



Fonte: Arquivo Fotográfico – 1936-1998 do Colégio São Carlos.

Nota-se, nessa imagem, que houve uma presença significativa da população caxiense durante a inauguração do Ginásio São Carlos. As Irmãs aproveitaram o acontecimento para demonstrar que o Colégio São Carlos tinha todas as condições para acolher jovens de nossa cidade, principalmente ao curso Ginásial, que foi oficialmente inaugurado em 1946, de acordo

com Síntese Histórica do Ginásio São Carlos (1949). Naquele ano, antes da inauguração oficial do Ginásio São Carlos, ocorreu na instituição a fundação do Grêmio Cultural Estudantil, em 9 de abril 1945, intitulado como Rui Barbosa. Os representantes do grêmio provavelmente deram apoio para o evento acontecesse.

Como lembrança da inauguração, as Irmãs distribuíram um folheto que pode ser apreciado na figura 35.

Figura 35 – Lembrança de Inauguração do Ginásio São Carlos



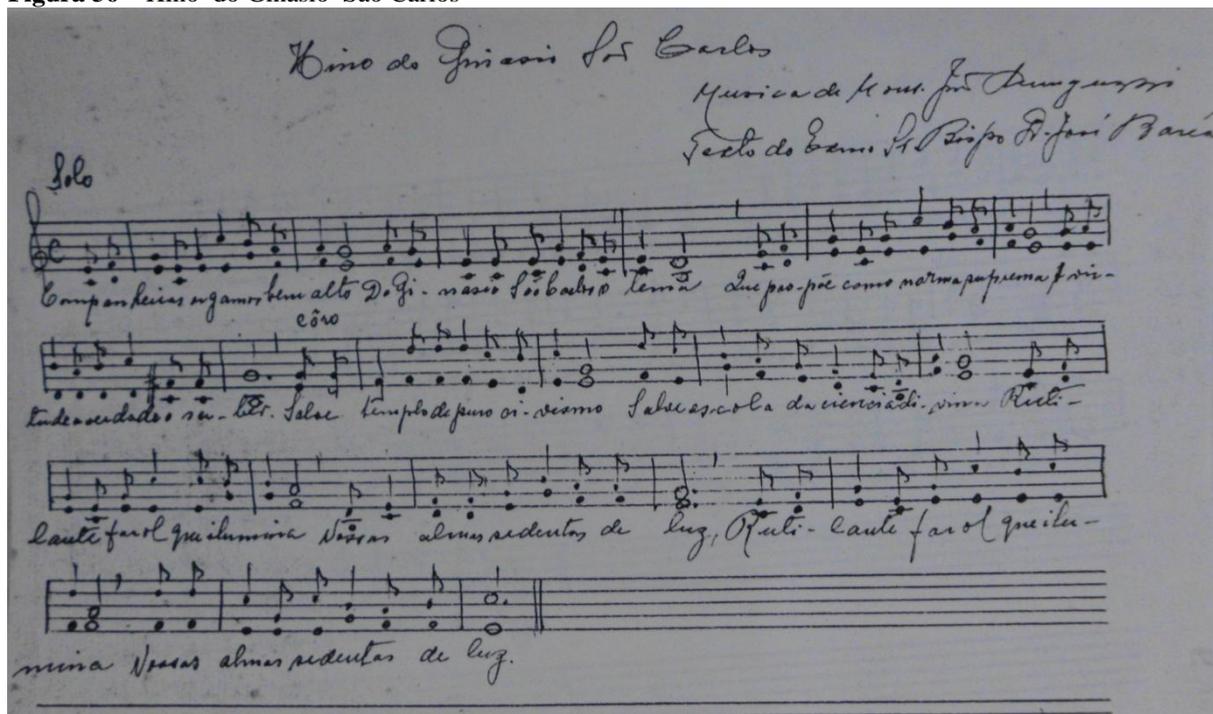
Fonte: Arquivo Fotográfico 1936-1989 – Histórico Vol. 8.

A imagem angelical utilizada na lembrança distribuída pelas Irmãs, queria demonstrar para a população que seus ensinamentos parte da pureza de uma criança em devoção a Cristo, com a imagem do cálice e da hóstia, que representa na Igreja Católica. Pode-se interpretar que elas tinham em seu princípios a questão da evangelização dos seus alunos, aspecto importante também para a sociedade caxiense.

Além de toda essa imagem, que queriam passar para a população, também deixam nela uma mensagem sobre o seu “décimo aniversário da fundação do mesmo, presididas por sua Excia. Revma. Dom José Barea”, que tinha grande valor aos católicos. Isso demonstra que a instituição tinha um especial cuidado em relação ao papel da mulher frente à sociedade, pois a Igreja sempre honrou a mulher pura, como nos retrata Perrot (2007): “a virgindade das moças é cantada, cobiçada, vigiada até a obsessão, [pois] [...] a igreja que consagra uma virtude suprema” (p. 45) , vê nessa mulher a imagem de pureza como se fosse Maria, mãe e virgem sagrada.

Provavelmente, durante a inauguração do Ginásio São Carlos, foi cantado o Hino da escola, com música do Monsenhor João Meneguzzi e o texto é do Bispo Dom José Baréa. Também era cantado em diversas atividades do colégio, pois sempre era momento para mostrar a estruturação e organização do educandário.⁵³ Pode ser visualizada sua partitura na figura 36.

Figura 36 – Hino do Ginásio São Carlos



Fonte: Arquivo Fotográfico 1936-1989 – Histórico Vol. 8.

Constata-se que as notas, musicais foram manuscritas, bem como a letra. O Hino do Ginásio São Carlos tem a seguinte letra.

Hino do Ginásio São Carlos

Companheiras, ergamos bem alto
Do Colégio São Carlos o lema
Que propõe como norma suprema
A virtude, a verdade, o saber.

Côro

Salve, templo do puro civismo
Salve, escola da ciência divina
Rutilante farol que ilumina
Nossas almas sedentas de luz.

⁵³ Não houve como comprovar que realmente elas reservaram um momento especial para a apresentação do Hino do Ginásio, pois, durante leituras realizadas, não se encontrou nenhuma identificação sobre em qual data o Hino foi escrito e oficializado pelas Irmãs. Outra pesquisa pode averiguar quando o Hino começa a fazer parte da história das Irmãs em sua instituição.

Teto amigo que todas irmana,
 És dos lares o prolongamento,
 Onde encontra feliz complemento
 A missão sacrossanta dos pais.

És caserna da Igreja e da Pátria
 Tu preparas legiões aguerridas
 Para as longas e ásperas lidas
 Na defesa do bem contra mal.

Como as aves que buscam altura
 E não temem cansaço ou distancia,
 Estudemos, lutemos com ânsia
 De subir e avançar sempre mais

Não percamos o tempo precioso.
 Do amanhã preparemos a messe:
 Só a virtude, o saber engrandece
 O indivíduo, a família, a nação.

A letra do Hino também faz uma representação de que as Irmãs tinham o princípio de formar cidadãos com valores religiosos e da pátria amada, fazendo com que seus alunos(as) fossem patriotas do bem, além de dar continuidade a sua família. Isso queria dizer que prevaleciam os bons costumes que as moças trariam, mantendo-as na concepção de pureza, mesmo com um olhar para o novo mundo. Conforme Pesavento (2003), a representação parte de um imaginário que se oferece como categoria preferencial para exprimir a capacidade dos homens para representarem o mundo. Para ela,

as representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de conduta e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (2003, p. 39).

Era dessa forma que as Irmãs pretendiam educar as filhas de famílias caxienses, redimensionando olhares, posturas, prática, modos de ser e conviver no mundo, fazendo surgir a sua nova identidade frente à sociedade de Caxias do Sul. Chartier (1994) ressalta que “as estruturas objetivos são culturalmente constituídas ou construídas, a sociedade sendo ela própria uma representação coletiva”. (p. 99).

Toda a solenidade que a Irmãs organizaram, para a Inauguração do Ginásio São Carlos, provavelmente quis demonstrar para a população caxiense, principalmente a relacionada à mulher, de que a escola tinha todo o potencial para educar as meninas da comunidade, dentro dos padrões que a sociedade ainda mantinha. Isso é, iriam manter todos

os princípios que eram impostos pela Igreja. As autoridades que ali estiveram no momento do evento, depositavam nelas toda a credibilidade de que realmente seriam as seguidoras da educação cristã. Isso pode ser observado no discurso do Dr. Ary Zatti Oliva, enfatizando que elas tinham o aval para serem seguidoras dos princípios da educação moral e religiosa, então vigente.

[...] bem-aventurada Igreja que seguindo as velhas tradições reúne centenas de Ordens Religiosas que, hoje como ontem, continuam erguendo Igrejas e abrindo escolas, como que agora inauguramos. O Ginásio São Carlos, Borromeu que tem como patrono um dos diletos filhos da Igreja e que foi um padrão de cultura e de trabalho, que legou uma obra como esta Ordem que desafia os séculos; o Ginásio São Carlos Borromeu, é bem, nesta ocasião, uma demonstração que a antiga pujança continuará indesejável e inextinguível aquela sede de saber que levou São Carlos Borromeu organizar os aynodos em fundas a Biblioteca Ambrosiana. – Caxias, com a inauguração do Ginásio São Carlos recebe, das mãos da Igreja, mais um régio beneficio. E quando, em regozijo, através das devotadas Irmãs de São Carlos, numa solenidade festiva e expressiva como esta, tribu'a homenagem a um alto dignitário da igreja é como si Ela estendesse esta homenagem de reconhecimento filial. (ZATTI, 1946, p. 1).

Essa Congregação Religiosa, que no momento está direcionada a desenvolver uma nova didática educacional nos princípios da Igreja, volta-se para essa nova clientela que começa a ser atendida, para a formação de futuras mulheres, direcionadas aos princípios que ainda se mantinham muito fortes na sociedade caxiense. As meninas da elite deveriam ser educadas para poder educar seus filhos e acompanhar o esposo em eventos sociais que a sociedade oferecia. No entanto, naquela época, elas já tinham a liberdade de circular na cidade como os homens, mantendo sua integridade física, sem se apresentar como uma mulher sedutora, mas como moça reservada aos princípios da Igreja.

No encerramento de toda a programação, como já mencionado, o Ginásio São Carlos foi aberto ao público para visualização da parte arquitetônica, que foi instalada para receber suas “filhas”, mostrando que tudo estava voltado para manter meninas, da melhor forma possível, em seu estabelecimento para complementar um novo ciclo de estudos. Isso pode ser apreciado no capítulo III.

Após toda essa imagem “vendida” para a sociedade caxiense, as Irmãs continuaram sua trajetória marcando sua história nessa cidade, pois realmente estavam ali para ficar. Nos anos subsequentes, outros acontecimentos festivos foram proporcionados por elas e para suas alunas, tanto internos como externos, com a participação de outros sujeitos sociais.

Outro evento importante foi a despedida da primeira turma do Ginásio no ano 1947, conforme a figura 37. Sabe-se que esse curso tinha a duração de quatro anos, mas, como as Irmãs de São Carlos Borromeo iniciaram suas atividades em anexo ao Colégio São José,

provavelmente iniciaram seus estudos nesse anexo, onde era oferecido primeiramente o curso. Assim, um ano após a inauguração do curso Ginásial, já tiveram condições de mostrar o sucesso do trabalho que estavam desenvolvendo na sociedade caxiense, com a primeira turma de formandas.

Figura 37 – Despedida da 1ª Turma de Ginásianas – 1947



Fonte: Arquivo Fotográfico 1936-1989 – Histórico Vol. 8.

Nessa imagem observa-se a presença de moças e somente de uma menina à direita, sobre uma cadeira. Provavelmente, por sua fisionomia e idade entre 10 e 12 anos, deveria ser umas das internas da escola. Sua vestimenta não era a mesma das alunas que estavam concluindo curso Ginásial. Ainda pode-se destacar dessa imagem que somente as moças com traje completo eram as formandas, as outras meninas provavelmente eram alunas do Ginásial e internas. Todas celebravam o êxito daquelas que tinham alcançado uma etapa tão importante também à sociedade.

Como ressaltado, os valores religiosos eram muito fortes, na educação das meninas, principalmente perante a sociedade. Durante a formatura elas foram abençoadas por D. José Baréa em uma solenidade religiosa como é demonstrada na figura 38.

Figura 38 – A aluna recebendo o Qual de Formatura



Fonte: Arquivo Fotográfico 1936-1989 – Histórico Vol. 8.

Como já comentado, os valores cristãos foram os grandes responsáveis pela formação dessa camada social. Para oficializá-la, realmente deveria ser frente a Deus, demonstrando cada uma ser boa cristã e respeitadora dos princípios católicos. Mostrar para a sociedade seus verdadeiros dotes, era ser valorizada. Como comenta Perrot (2005) em relação ao corpo da mulher, “na sociedade, ele pertence ao Senhor. [...] o senhor que tem direito sobre a virgindade das servas”. (p.447).

Após todo o cerimonial, elas tinham seu quadro de formatura, que também representava grande simbolização para a sociedade naquela época, como pode ser visualizado na figura 39.

Figura 39 – Quadro de Formatura da 1ª Turma de Ginasianas – 1947



Fonte: Caminhando na História 1928 – 1981 do Colégio São Carlos.

Nota-se nessa figura as fotos das formandas em quadro com formato de um livro. Os dois primeiros das laterais têm, na lombada as fotos dos homenageados. Entre os homenageados do livro da esquerda estavam: Pe Teodoro de A. Chaves; Madre Felicidade; Professora Silvia G. Artico e João Noura. Deste não foi possível identificar qual era sua função dentro da instituição. No livro da direita constavam: Pe. Ernesto Mânica; Dr. Carlos G. Costa; Carmen Bassanesi e Jovita Maria dos Santos.

No centro da imagem há outros símbolos, entre eles o globo sobre um pedestal e, ao seu redor, folhas de louro e materiais geométricos, como régua e compasso. Abaixo dele há um pergaminho com a inscrição: “1ª Turma de Ginasianas”. Sobre o Globo estão os homenageados de honra. No centro, D. José Baréa (Bispo Diocesano), acima de sua imagem, da esquerda para a direita, o monsenhor João Meneguzzi (vigário-geral) e a Madre Borromea Ferransi (geral). Abaixo do homenageado central está Madre de Camargo (provincial), Irmã Maria Jacomina Veronese (diretora) e o Dr. Marcos Ribeiro (inspetor). No lado direito do globo, há um livro deitado e sobre ele uma pena, além de uma faixa com os seguintes dizeres: “Age quod Agis”. A pena e o livro, segundo de Perrot (2007), no século XIX as mulheres não tinham o direito de usar, pois a elas cabiam as atividades domésticas, como “uma roca ou um

fuso”. (p.93). No século XX, entretanto simbolizavam um troféu para a mulher, mostrando que podia avançar.

O mérito que a mulher estava tendo, em poder compartilhar o saber e a escrita com o homem, está na simbolização, porque a comunidade, que ainda fazia parte do centro de todo esse conhecimento era composto por e autoridades eclesiásticas e civis e, ao seu redor, tutores. Isso demonstra que, mesmo assim, continuavam sendo vigiadas e deveriam se manter íntegras em relação aos conhecimentos a elas transmitidos.

Portanto pode ser verificado, durante essa trajetória, que os ritos no início do curso Ginásial estavam voltados às questões religiosas. Isso enaltecia nas Irmãs a ênfase da sociedade para o desenvolvimento do trabalho educacional direcionado às meninas. As Irmãs, então, estavam de acordo com a Lei Orgânica do Ensino Secundário n. 4.244, de Capanema (apud DALLABRIDA, 2012, p. 169) “determinava que a educação das adolescentes mulheres deveria ser feita em colégios de “exclusiva frequência feminina” e, nos estabelecimentos de ensino misto, por meio de “classes exclusivamente femininas.” (BRASIL, 1942, p. 6).

Ainda em 1947, outro evento religioso no colégio é que, no dia 20 de junho, ocorreu a entronização da Imagem do Sagrado Coração de Jesus e, no ano subsequente, no dia 31 de maio, mais ou menos 11 meses após a entronização da primeira imagem religiosa, as Irmãs entronizaram a Imagem de Nossa Senhora, nas salas, para a consagração das alunas à Santíssima Virgem, a fim de que tivessem uma “alma pura”. (SINTESE HISTÓRICA, 1949). Pois educá-las não era somente instruí-las quanto ao seria necessário para que fossem moças sutis e úteis para o convívio na sociedade. Necessitavam ser comparadas com a Virgem Maria, fazendo com que mantivessem seu grande “valor”, que era a virgindade perante Deus e as pessoas.

Assim, as Irmãs mantiveram a educação direcionada às questões da Igreja, pois, nos decorrer dos anos, continuaram participando de eventos externos, como a Semana da Pátria. Neste, as meninas se apresentavam com trajes de gala e sempre requintadas, como pode ser visualizado na figura 40, em de 1947. Tentavam transparecer sua pureza à sociedade, durante a realização do desfile, que acontecia na rua Sinimbu em frente à Igreja Diocesana. Até hoje esses momentos festivos da Semana da Pátria são realizados na mesma rua e contam com a participação do Colégio São Carlos, especialmente com sua Banda Escocesa, que foi criada em 1960.

Figura 40 – Desfile das alunas – 1947



Fonte: Caminhando na História 1928 – 1981 do Colégio São Carlos.

Rosemberg comenta que

várias amarras à educação formal e pública das mulheres foram sendo rompidas no transcorrer desse acidentado percurso: a segregação sexual das escolas, interditando a educação mista; o ideário de que a educação de meninas e moças deveriam ser mais restritas que a de meninos e rapazes em decorrência de sua saúde frágil, sua inteligência limitada e voltada para sua “missão” de mãe; o impedindo à continuidade dos estudos. (2012, p. 334).

As “portas” que foram se abrindo durante essa trajetória educativa permitiram que as meninas participassem, ainda nos anos 40, da Primeira Olimpíada Estudantil do Nordeste do Estado, que ocorreu no dia 23 de outubro de 1949. Naquela época de disputa, o Ginásio São Carlos foi o primeiro campeão dessas disputas, recebendo como premiação uma taça de prata. Esse evento ocorreu na cancha do Ginásio São Carlos, com a disputa dos seguintes jogos: Pingue-Pongue; Caçador e Voleibol. Não há especificação em quais categorias as meninas venceram. Os jogos que disputavam nas competições não deixavam expostas as formas físicas, mantendo ainda a integridade. Hoje, o jogo de Caçador é uma das atividades utilizadas no Ensino Fundamental para o desenvolvimento das crianças, demonstrando que mantinham a questão de um corpo frágil às meninas.

Educar o sexo feminino nesse contexto das Irmãs, até a década de 70, não era somente aprimorar questões didáticas, mais desenvolver atividades que fossem voltadas à educação de moças, assegurando os princípios que a sociedade impunha para que pudessem fazer parte da sociedade. Podiam desenvolver seu papel de mulher como mãe e educadora de seus filhos e esposas, ou mesmo ser a moça adequada para se casar, mas com base nos princípios em que a Igreja pregava ao povo em relação à mulher culta.

Pinsky comenta sobre a liberdade que a mulher foi adquirindo no decorrer dos anos:

Os novos hábitos das “moças de família”, como ir sozinha às compras ou à escola tinham, como contrapartida, submeter-se aos olhares controladores não só dos familiares, mas também ao escrutínio de vizinhos, professores, patrões, além do julgamento moral de médicos, políticos e autoridades judiciais. Os advogados da moral e dos “bons costumes” lembraram-nas sempre de que, embora as personagens femininas ousadas das telas ou dos romances causem impressão, apenas as “mulheres boas e puras” estão destinadas ao casamento. As que fogem do modelo – as “descaradas”, as “mundanas” (afeitas à gandaia) e as “artificiais” (que recorrem a cosméticos e demais artimanhas para iludir os homens) –, diziam, são mulheres descartáveis. (2012, p.476-477).

Portanto, através dessa citação de Pinsky, pode-se trazer uma reflexão frente à educação direcionada às moças da cidade de Caxias do Sul. Isto é, realmente as Irmãs preconizavam esse perfil de mulher direcionando a elas uma educação rígida sobre princípios morais, pois esse era o ideal de moças cujas famílias queriam exhibir na sociedade caxiense. Além de pertencerem à elite, não era bom que a população comentassem algo desagradável a respeito. As Irmãs sempre trabalharam a questão educacional da mulher em prol da sociedade; é um dos métodos pedagógicos que utilizam até hoje para tornar seus alunos cidadãos dignos no contexto social. Formaram, desde o início de suas atividades, práticas escolares que foram enaltecendo o Colégio São Carlos desde 1936 até 1971. Seu cotidiano educacional deixou marcas no cenário de Caxias do Sul, inclusive em comemorações festivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos grandes desafios para me constituir como historiadora da educação, foi escrever de que forma se deu o início do processo histórico da educação, proporcionado pelas Irmãs de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas à população caxiense nos anos 30 do séc. XX. Sei que, para reescrever o que foi vivido ou falado, é preciso que se coloque em jogo reflexões ou interpretações feitas acerca do passado a partir dos indícios documentais localizados. Vivenciei o papel de uma tecelã. A base da trama foi constituída pela História Cultural, e os fios (documentos), que foram utilizados tinham cores diversas e comprimentos irregulares. Para que tudo isso pudesse ser tecido até se transformar em um tapete, caminhos foram percorridos, desfechos e emaranhados de linhas foram trabalhados até sua fabricação final. Para que ocorresse esse processo, toda a pesquisa foi ancorada nos pressupostos teóricos da História Cultural. Faria Filho et al. (2004) e Vidal (2005) comentam que o exercício da interpretação histórica confere inteligibilidade aos fatos, recolhidos na documentação por meio de uma narrativa compreensiva.

Para a fabricação desse tapete, foi necessário selecionar alguns fatos e iniciei com o contexto histórico de Caxias do Sul nos anos 30. Alguns fios foram deixados para trás, e outros não foram tão evidenciados. O tapete tinha um tempo limitado para ficar pronto e não era possível perseguir todas as possibilidades, porque o resultado constituiria muitos outros tapetes.

Durante a tessitura dos fios, percebeu-se que Caxias do Sul foi uma das apoiadoras das forças de Getúlio Vargas. Esse movimento de apoio principalmente ao Estado Novo marcou Caxias do Sul; no encontro da sociedade na Praça Dante Alighieri, no ano de 1937. A realização desta narrativa apoiou-se em suporte bibliográfico e no Arquivo Histórico da cidade. Poderia ter sido utilizado outro método que seria a memória através da História Oral. Esse, porém, não foi o caminho escolhido para dar desfecho aos fios condutores na construção deste alicerce. Com esse método é possível realizar a busca e a construção de fatos que ocorrem com um grupo (que o investigador seleciona) via contato com a oralidade narrativa dessas pessoas que foram escolhidas pelo investigador. Como Amado e Ferreira (2005) comentam “as narrativas orais referem-se tanto ao passado quanto ao presente, organizados, unificando-os, e ao mesmo tempo, apontam para o futuro”. (p. 21).

Além de ter a possibilidade de utilizar a História Oral para a fabricação do tapete, outro material poderia ter sido utilizado, mas não foi, durante o estudo, averiguado em profundidade, com detalhamento. São os jornais que circulavam na cidade, pois, através deles

há como saber acerca dos maiores acontecimentos políticos que estavam acontecendo desde anos 30 até 1971, pois, como se sabe, os jornais eram utilizados como meio de comunicação entre as pessoas principalmente para tomarem conhecimento das questões políticas e sociais.

Para a concretização da dissertação, os materiais analisados para fabricação do tapete foram fotografias que o Arquivo Histórico de Caxias do Sul tem disponível on-line, além de alguns jornais em que foram realizadas leituras, porém não com a análise direcionada ao viés de suas escritas. Além desse, para dar início à procura de como se constituiu a instituição, foi utilizado o acervo do Colégio São Carlos, através de leituras realizadas em seus livros de inspeção, que continham a planta baixa da instituição, fotografias arquivadas com as respectivas identificações e os regimentos internos e externos que guiavam os docentes e discentes com suas regras. Também a leitura dos movimentos escolares possibilitou a análise de como a colégio estava a cada ano, como era seu currículo escolar principalmente o do curso Ginásial. Esse riquíssimo material foi arquivado pelas Irmãs. Não se teve a oportunidade de fazer um exame em todos os materiais que disponibilizam em seu acervo, completamente organizados e acondicionados.

Para os entrelaçamentos desses fios, que foram encontrados para a construção da dissertação, principalmente em relação à inserção das Irmãs Scalabrinianas na educação da população caxiense, direcionada para o gênero feminino, foi necessário compreender como a sociedade preconizava a educação da mulher nessa época (anos 1930), na cidade de Caxias do Sul. Sabe-se que, nessa época, muitas mulheres estavam conquistando direitos, como o do voto, além de diversas estarem dedicadas ao trabalho como assalariadas. Nessa breve análise, percebeu-se que a mulher foi importante no desenvolvimento da cidade, principalmente em questões relativas à industrialização. Ainda ficou para outro estudo a questão de como era a educação da mulher nas outras instituições da cidade. Como em Caxias do Sul já havia uma instituição voltada ao ensino para as mulheres, principalmente em nível secundário, que era o Colégio São José, pergunta-se: Quando as Irmãs de São Carlos Borromeo estavam desenvolvendo todo o seu processo, ou seja, uma educação voltada à população caxiense, as Irmãs de São José tiveram alguma influência, auxílio ou interferência? O processo educativo, principalmente de moças, de ambas as instituições era parecido? Ou diferente? Perguntas que ficam para pesquisas posteriores. Quais eram os princípios educativos das duas congregações na educação da mulher?

Para uma maior compreensão da Congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas foi preciso um estudo bibliográfico de como ela se constituiu, sua organização e estabelecimento no Brasil, a finalidade e os objetivos da congregação. Da análise se

percebeu que o objetivo era que as religiosas fossem cuidadoras e educadoras de crianças órfão filhos(as) de imigrantes italianos que vieram para o Brasil, além de outras crianças que podiam usufruir de seus cuidados. Acreditavam que nada melhor do que mulheres para executarem essa missão de evangelização que a Igreja preconizava, pois cabia à mulher com sua pureza e seu amor de mãe, dar amor às crianças. Haveria alguém, melhor que as devotas de Deus, para desempenhar essa função? Essa era a representação que se tinha, o ideal produzido sobre o papel e lugar da mulher.

Após esse momento de reflexão sobre como se deu sua inserção no Brasil é que se pode iniciar o estudo de que forma começaram as Irmãs a se expandir no Rio Grande do Sul e, especificamente, na cidade de Caxias do Sul. Pode-se verificar que as Irmãs vieram para Caxias do Sul, *a priori*, para dar continuidade aos seus estudos, pois já se encontravam na cidade de Bento Gonçalves. Como Caxias do Sul tinha a Escola Normal Duque de Caxias que possibilitava a formação de professores, em caráter público, lhes possibilitou que estudassem na cidade mais próxima não precisando se deslocar para outra região mais distante.

Foi com esse objetivo que as Irmãs Scalabrinianas formam sua primeira comunidade de Irmãs (estudantes) na cidade de Caxias do Sul. Como a Igreja tinha o propósito de continuar a oferecer educação, investiu no convite de congregações para o desenvolvimento educacional da população através de colégios confessionais. Como já tinham a presença de uma congregação de origem francesa na cidade, direcionada à educação de moças, bem no centro da cidade, aproveitaram a presença de algumas Irmãs de origem italiana estudando na Escola Normal Duque de Caxias para convidá-las a iniciarem uma nova atividade educacional. Portanto, a Igreja queria manter certo controle na educação das mulheres. Como Caxias do Sul era uma cidade que crescia e se urbanizava, muitos comerciantes e industriais não queriam afastar suas filhas dos estudos, e nada melhor que o investimento da Igreja para a educação da elite.

Com toda essa modernização na cidade, o Padre João Meneguzzi convidou para que viessem para a paróquia de São Pelegrino que era a outra extremidade do centro urbano da cidade que tinha uma grande circulação de pessoas e um desenvolvimento apreciável, para que abrissem uma escola ali. Foi-lhes oferecida, num primeiro momento, a casa de Miguel Muratore que ficava próxima da Igreja para que elas ali instalassem a escola.

Durante a narrativa, quis-se mostrar que, dentro do contexto em que estavam se organizando, elas tinham a missão de educar as mulheres, principalmente pelos diversos cursos oferecidos. Outra questão que fica para novas investigações é: Será que essa arquitetura que foi desenvolvida por elas teve influência da diretora (que estudou na Escola

Normal Duque de Caxias) e dos princípios da Escola Nova, nos quais teriam se baseado para o crescimento dessa instituição, direcionada à educação da mulher?

Para o estabelecimento dessa instituição, além de toda a arquitetura de que as Irmãs disponibilizavam para o recebimento dessa população que buscavam educar, percebe-se que sempre mantiveram a hierarquia (como na questão eclesiásticas), ou seja, a sua maior autoridade, então, era a diretora. Era dela que partiam as ordens e as tarefas que cada membro deveria exercer, não podendo nenhum ultrapassar os limites dos padrões que a instituição exigia. Os docentes tinham que se adaptar ao que era imposto pela Irmã diretora.

Portanto, são muitas as lacunas que ficaram porque não foram abordadas na investigação. Mas, ao tecer o tapete mais rústico, o que foi realmente utilizado foram os fios condutores que demonstraram que tudo foi realmente planejado em sua arquitetura para o atendimento de meninas, mas que, no decorrer das leituras e pesquisas na documentação constante do acervo do colégio, no qual se encontram catalogados e organizados de maneira inexplicável os registros principalmente de matrícula e presença de meninos, nas riquíssimas imagens arquivadas dos momentos importantes vivenciados por elas, há a presença de alguns meninos, mas, na maioria das imagens, há a predominância de meninas. Isso demonstra que realmente o que queriam para a sociedade era oferecer uma instituição voltada à educação de meninas, apesar de haver a presença de alguns meninos de menor idade. Com esse indício da presença de meninos, outras questões surgem: Como eles foram educados? Tinha diferenciação entre eles e as meninas? Ficavam no mesmo espaço físico que era das meninas? Eram da mesma família? Tinham algum parentesco com as meninas externas ou internas?

Durante o percurso da pesquisa, verificou-se que as Irmãs iniciaram suas atividades não tendo um direcionamento específico para meninas e meninos, mas se pode notar que os cidadãos caxienses estavam à procura de uma nova instituição que educasse meninas, pelo número das que tinham sido matriculadas naquela época referentemente ao número de meninos. Uma questão ainda fica para ser analisada: Por que uma nova instituição estava sendo procurada pela sociedade? Será que era somente pela nova localização ou por ser de origem italiana?

Além de todo esse contexto, outras questões surgem e merecem novas pesquisas: Como foram estruturados esses cursos oferecidos, em anexo e em outras instituições? Como eram seus relacionamentos? Qual didática era desenvolvida para a educação das meninas? Tinha relação com as instituições que ali estavam operando naquele momento?

O Colégio São Carlos iniciou e concretizou seu projeto educativo tendo se associado ao Colégio Nossa Senhora do Carmo, em alguns momentos, e em outros com o Colégio São

José. Para melhor conhecer sua história, seria oportuno aprofundar os estudos para compreender o campo de relações construídas com esses apoios. De outra parte, seria importante ouvir as memórias de alunos, professores, religiosas, familiares, para compreender a história do Colégio, a partir dos registros desses sujeitos. A possibilidade e a necessidade de investigar como estavam organizados os diferentes níveis: o curso Elementar/Primário, o Colegial e, a partir de 1962, o curso Normal, aspectos que não puderam ser aprofundados no decorrer dessa investigação.

Durante a pesquisa, constatou-se que, em alguns períodos, o Colégio São Carlos oferecia cursos extras como o de Pintura, Piano e Acordeão. Também manteve uma Orquestra Marajoara, um Coral e uma Banda Escocesa de música. As atividades extraescolares também eram intensas, com sessões cívicas e literárias, palestras, conferências, Grêmios Estudantil, exposições artísticas e pedagógicas, entre outras. O colégio obteve distinção em jogos, como no voleibol. Pensar no conjunto do cotidiano que envolveu o Colégio São Carlos na sua integralidade demanda e possibilita muitas outras pesquisas.

Para demonstrar que realmente estavam voltadas à educação de meninas, utilizavam suas práticas educacionais voltadas a rituais festivos. Através deles, elas “construíam” as meninas, pautadas num ideal de pureza, controle e rígida rotina de estudos, atendendo as questões voltadas para a Igreja.

No término da confecção do tapete, verificou-se que as Irmãs tiveram como principal objetivo, atendendo às orientações da Igreja e às demandas das famílias da sociedade caxiense, caminhar junto e com base em princípios sólidos que suas filhas fossem educadas. Elas sempre educaram os alunos dando continuidade ao fazer dos pais, modo que se perpetua até os dias atuais. Acredito que foi a educação direcionada aos alunos com base nos valores da família de modo a prepararem os futuros cidadãos para viverem em comunidade que constituiu o cerne do Colégio São Carlos.

REFERÊNCIAS

- ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul: 1864-1970*. 2. ed. Caxias do Sul: Paulinas, 1971. t. I.
- ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul: Educação*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Educs, 1981. t. III.
- ALBECHE, Dayse Lange. *A Glorificação do herói Júlio de Castilhos. Coletânea: Cultura e Saber*. Caxias do Sul: Centro de Ciências Humanas e Artes da UCS. v.1 n.1, dez. 1997.
- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Edunesp, 1998.
- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX*. In: SAVANI, Demerval et al. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 59-102.
- ALMEIDA, Jane Soares de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?* São Benardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: Autores Associados, 2007.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Uso & abusos da História Oral*. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora FSV, 2005.
- ARANHA, Maria Lúcia e Arruda. *História da educação*. São Paulo: Moderna, 2002.
- ARAÚJO, Alberto Filipe. História Cultural e História das Idéias Educativas: reflexões e desafios. *Revista Brasileira de Estudo Pedagógicos*, Brasília, v. 88, n. 220, p. 459-476, set.-dez. 2007.
- ÁVILA, Virgínia Pereira da Silva de. *A Escola no Tempo: A construção do tempo em Escolas Isoladas (Florianópolis – 1930-1940)*. Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade do estado de Santa Catarina) 2008. Florianópolis, 2008.
- BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: 2005, p. 23-79.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Arquitetura e espaço escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928)*. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 95-140.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Cultura escolar e história eclesiástica: reflexões sobre a ação romanizadora pedagógica na formação de sacerdotes católicos e o Seminário Diocesano de Santa Maria (1915 – 1919). *Cadernos Cedes*, ano XX, n: 52, nov. 2000.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In: STEPAHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. *História e memórias da educação no Brasil: séc XX*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 68-76. v. 3.
- BENCOSTA, Marcus Levy Albino e org. *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005.

BERGAMASCHI, Heloisa Eberle; GIRON, Loraine Slomp. *A força das mulheres proprietárias: história de vida: 1875-1975*. Caxias do Sul: Educs, 1997.

BERGOZZA, Roseli Maria. *Escola Complementar de Caxias: história da primeira instituição pública para a formação de professores na cidade de Caxias do Sul (1930-1961)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade de Caxias do Sul); Caxias do Sul, 2010.

BRANDALISE, Ernesto Antonio. *Paróquia Santa Teresa: cem anos de fé e história 1884 – 1984*. Caxias do Sul: CDU, 1985.

BRASIL. Leis Orgânicas de 1942 e 2946 ou Reforma Capanema. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_leis_organicas_de_1942_e_1946.htm>. Acesso 17 ago. de 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. *Lei Orgânica do Ensino Secundário*. Decreto de lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942. Disponível em: <<http://www.solies.adv.br/leiorganicaensinosecundario.htm>>. Acesso em: 25 ago. de 2012.

BRESOLIN, Ema. *Pedagogia carlista-scalabriniana no contexto socioeducacional de nosso tempo*. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação – Faculdade de Educação/PUCRS); Porto Alegre, 1998.

BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Uduesp, 1992.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

CARDOSO, Tereza Fachada Levy. As aulas régias no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). *História e memórias da educação no Brasil: séc. XVI-XVIII*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 192-209.v. 1.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, v. 5, n. 11, jan./abr. 1991.

CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro; v. 7, n. 13, p. 97-113; 1994.

CHARTIER, Roger. As práticas da história. In_____. : *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 161-186.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, v. 1, n. 2, p. 177- 229, 1990.

CHORNOBAI, Gisele Quadros Ladeira. *Respirando a fragrância da piedade cristã: considerações sobre o espaço escolar católico: a Escola Normal de Sant' Ana (1947-1960)*. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005.

CONTITUIÇÕES das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo. São Paulo, 1914. (Arquivo da Província Nossa Senhora Aparecida das Irmãs de Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas).

COSTA, Liliane Maria Viero. *Escola municipal de Belas Artes de Caxias do Sul: história e memórias (1949 a 1967)*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade de Caxias do Sul); Caxias do Sul, 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4 ed. rev. e atual.. Rio de Janeiro: LEXIKon, 2010.

DALLABRIDA, Norberto. Das escolas paroquiais às PUCS: República, Recatolização e Escolarização. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). *Historias e memórias da educação no Brasil século XX*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2005. p. 77 – 86.

DALLABRIDA, Norberto. Usos sociais da cultura escolar prescrita no ensino secundário. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas – SP , v. 12 n. 1 (28), p. 167-192, jan./abr. 2012.

DALLA VECCHIA, Marisa Virgínia; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; RAMOS, Felisbela. *Retrato de um saber: 100 anos de história da rede municipal de ensino de Caxias do Sul*. Porto Alegre: EST, 1998.

D' INCAO, Maria Ângela. *Mulher e família burguesa*. In: PRIERO, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 223-240.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v. 2.

FARIA FILHO, Luciano Mendes et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr., 2004.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: elementos teórico-metodológicos de um programa de pesquisa. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (Org.). *Disciplinas e integração curricular: história e políticas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 13-35.

FRAGO, Antonio Viñao. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima; VEIGA, Cynthia Greice. *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo horizonte: Autêntica, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. Trad. de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GIOLO, Jaime. *Estado, Igreja e Educação no RS da Primeira República*. São Paulo: FEUSP, 1997. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 1997.

GONÇALVES, Rita de Cássia. *A arquitetura como uma dimensão material das culturas escolares*. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela (Org.). *Objetos da*

escola: espaço e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – século XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012, p. 27-62.

GRAZZIOTIN, Roque Maria Bocchese. *Pressupostos da prática educativa na diocese de Caxias do Sul – 1934 a 1952*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade de Caxias do Sul); Caxias do Sul, 2010.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. *Memórias recompondo tempos e espaços da educação: Bom Jesus/RS (1913-1963)*. Tese (Doutorado em Educação – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul); Porto Alegre, 2008.

GRUZINSKI, Serge. *O historiador, o macaco e a centaura: a “história cultural” no novo milênio*. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, p. 321-342. 2003.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. *Processo de industrialização da Zona Italiana: estudo de caso da primeira indústria têxtil do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educus, 1997.

HEREDIA, Vania Beatriz Merlotti. *Apontamentos para uma história econômica de Caxias do Sul: de colônia a município*. Caxias do Sul: UCS, 1993.

ISAIA, Artur Cesar. Educação das elites e formação de um laicato militante no Rio Grande do Sul. In: CARVALHO, Carlos Henrique; NETO, Wenceslau Gonçalves (Org.). *Estado, igreja e educação: o mundo ibero-americano nos séculos XIX e XX*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010, p.73-89.

IWAYA, Marilda. *Cenário e palco para a instrução: a linguagem arquitetônica do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (1940-1960)*. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 171-191.

JULIA, D. A. Cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, jan./jun. 2001.

KREUTZ, Lúcio. *A educação de imigrantes no Brasil*. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.347-370.

LAGE, Ana Cristina Pereira. *Escolas confessionais femininas na segunda metade do século XIX e início do XX: um estudo acerca do colégio nossa senhora de sion em campanha (MG)*. Disponível

em:<www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Ana_Cristina_P_Lage_Artigo.pdf>. Acesso em: 10 out. 2010.

LE GOFF, Jacques. Documentos/momumentos. In: *História e memória*. Trad. de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994. p. 535-549.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro. Fotografia: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 29-60.

LOPES, Gabriela. Em busca do conceito de cultura escolar: uma contribuição para as discussões atuais. *Revista Lusófona de Educação*. n. 10, p. 63-79, 2007.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de educação no Brasil*. 3º ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e Antiprendas: uma história da educação no Rio Grande do Sul*. 1986. Tese (Doutorado em Educação – Universidade Estadual de Campinas). São Paulo. Unicamp, 1986.

LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. In: PRIERO, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2006. p. 443-481.

LUCHESE, Terciane Ângela. *O processo escolar entre imigrantes da Região Colonial Italiana do RS – 1875 a 1930: Leggere, scrivere e calcare per essere alcuno nella vita*. 2007. Tese (Doutorado em Educação – Universidade do Vale do Rio dos Sinos). São Leopoldo. Unisinos, 2007.

LUCHESE, Terciane Ângela. *Tecendo interlocuções entre história da educação e história cultural*. Caxias do Sul, RS: Cinfe – 2010.

MACHADO, Maria Abel. *Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul*. Caxias do Sul, Maneco, 2001.

MACHADO, Maria Abel. *Mulheres sem rosto: operárias de Caxias do Sul/1900-1950*. Caxias do Sul: Maneco, 1998.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. Breve apontamento para a história das instituições educativas. In: SANFELICE, José Luis; SAVIANI, Dornival; LOMBARDI, José Caudinei (Org.). *História da Educação : perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas: 1999. p. 67-73.

NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça de. *A formação urbana de Caxias do Sul*. Caxias do Sul: Educus, 2009.

NÓVOA, António. *As organizações escolares em análise*. 2. ed. Lisboa: _____, 1995. (Coleção Nova Enciclopédia).

NUNES, Clarice & CARVALHO, Marta. Historiografia da educação e fontes. In: GONDRA, J. G. (Org.). *Pesquisa em história da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 27-41.

OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. *Educação Scalabriniana no Brasil*. 2009. Tese (Doutorado em Educação – Universidade Estadual de Campinas). Campinas, SP: UNICAMP, 2009.

PAGANI, Marcos Fernando. *O nacionalismo na Região Colonial Italiana*. Caxias do Sul: Maneco, 2005.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Trad. de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi. *A era dos modelos rígidos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 469-512.

REIS, José Carlos. História e Verdade: proposições. In: *Síntese: Revista de Filosofia*. Belo Horizonte, MG: Centro de Estudos Superiores, v. 27, n. 89, 2000, p. 321-348.

RELA, Eliana. *Nossa fé, nossa vitória: igreja católica, maçonaria e poder político na formação de Caxias do Sul*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. *História da educação brasileira: a organização escolar*. 18.ed., rev. e ampl. Campinas: Autores Associados, 2003.

ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. *Tradição e modernidade na educação: o processo constituinte de 1933-1934*. In: FÁVERO, Osmar (org.). *A educação nas constituintes brasileiras 1823-1988*. Campinas – São Paulo. Autores Associados, 1996, p. 119-138.

RODRIGUES, Jimmy. *Anotações de história de Caxias do Sul*. Caxias do sul: EDUCS, 1988.

RODRIGUES, Maria José Laboto. *Educação feminina no recolhimento do Maranhão: o redefinir de uma instituição*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2010.

ROSE, Sonya O. *Que és historia de género?* Madrid: Alianza, 2012.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Mulheres educadas e a educação de mulheres*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 333-359.

SANTOS, Ana Célia de Sousa. *Educação e gênero: possibilidade de (re)construção de um novo modo de ser e estar no mundo*. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI*, Ano 14, n. 20, p. 42 -59, jan. / jun. 2009.

SANTOS, Hércules Pimenta dos. *Católicos e protestantes: escolas confessionais fundadas por missionários estrangeiros*. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2010.

SCALABRINI, João Batista. *A emigração italiana na América*. Trad. de Redovino Rizzardo. Caxias do Sul: Centro de Estudo Pastoral Migratório; EducS, 1979.

SCALABRINI, João Batista. *L' emigrazione degli italiani*. In: CONGRESSO CATÓLICA, 1989, Ferrara. Anais. Ferrara, 1989.

SCALABRINI, João Batista. *Carta Pastoral – Quaresma*. Piacenza: [s.n.], 1887.

SCALABRINI, João Batista. *Relazione dell' Opera dei Missionari di San Carlo per gli emigranti italiani*: 10.08.1900. Scritti, v. 2, p. 182, 1900.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade*. v.16, n. 2, jul./dez. 1990.

SIGNOR, Lice Maria. *Irmãs Missionárias de São Carlos, Scalabrinianas – 1934-1971*. Brasília: CSEM, 2007.

SIGNOR: Lice Maria. *João Batista Scalabrini e a migração italiana: um projeto sócio-pastoral*. PUC, 1984.

SILVA, Anete Charnet Gonçalves. *O espaço escolar na Revista Brasileira de estudos Pedagógicos (1944-1966)*. 2009. Tese (Doutorado) – UFSCar, São Carlos, 2009.

SILVA, Jaqueline Oliveira. A história da prática médica em Caxias do Sul: Do nascimento à Lei Orgânica de 1948. *Revista Estudos Leopoldense*, Caxias do Sul, vol. 31, n.141, p. 83-96, março-abril, 1995.

Site: www.virtualbooks.com.br. Virtualbooks – Legislação de Educação Física, Copyright© 2000.

SOUZA, Rosa Fátima de. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: (ensino primário e secundário no Brasil)*. São Paulo: Cortez, 2008.

TOMAZONI, Mário Alberto. *Álbuns da cidade de Caxias (1935-1947): as reformas urbanas fotografadas*. 2011. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História). PUCRS, 2011.

VEIGA, Cynthia Greive. *História da educação*. São Paulo: Àtica, 2007.

VEIGA, Cynthia Greice. Pesando com Elias as relações entre Sociologia e História da Educação. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). *Pensadores sociais e História da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 139-166.

VIDAL, Diana G. *Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil/França, final do século XIX)*. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. *Escola nova e processo educativo*. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 497-518.

VIDAL, Diana G. *No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e práticas escolares. Currículo sem Fronteira*, v. 9, n. 1, p. 25-41, jan./jun. 2009.

VIDAL, Diana G. O estudo do fracasso: a estenografia e as práticas escolares de escrita no fim do século XIX. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2., 2002, Natal. *Anais*. Natal: SBHE, 2002.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: Anped, p. 63-82, set./dez. 1995. (disponível on-line).

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

XAVIER, Maria Elizabete; RIBEIRO, Maria Luisa; NORONHA, Olinda Maria. *História da educação: escola no Brasil*. FTD, 1994. (Coleção Aprender & Ensinar).

FONTES DOCUMENTAIS

ACERVO DO ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI (AHMJSA) – Caxias do Sul/RS. Disponível em: <<http://www.liquid.camaracaxias.rs.gov.br/liquidWeb/App/View.aspx?c=21368&p=0>>.

Acesso em: 20 jun. 2012.

ACERVO DO ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI (AHMJSA) – Caxias do Sul/RS. Disponível em: <<http://www.liquid.camaracaxias.rs.gov.br/liquidWeb/App/View.aspx?c=21221&p=0>>.

Acesso em: 20 jun. 2012.

ARQUIVO FOTOGRAFICO DO COLÉGIO SÃO CARLOS: 1936-1989 – Histórico. vol. 8.

CAMINHANDO NA HISTÓRIA – Colégio São Carlos – Caxias do Sul, 1940-2002. vol. 23.

CAMINHANDO NA HISTÓRIA – Colégio São Carlos – Caxias do Sul, 1928-1981. vol. 24.

HISTÓRICO DO COLÉGIO SÃO CARLOS (1936 a 1996) – Caxias do Sul/RS.

LEGENDA MATRÍCULA DOS DIVERSOS CURSOS ENTRE O PERÍODO DE 1956.

LIVRO DE MATRÍCULA ESCOLAR: Colégio Elementar São Pelegrino – Irmãs Missionárias de São Carlos – 1939. Porto Alegre: Livraria do Globo – Barcellos, Bertaso & Cia., s.d.

LIVRO DE RELATÓRIO DE 1946 – Colégio São Carlos.

LVP/CSC. LIVRO DE VERIFICAÇÃO PRÉVIA DO COLÉGIO SÃO CARLOS – escola de 1º e 2º Graus – Verificação Prévia no Ginásio São Carlos (1945) – Caxias do Sul/RS.

MOVIMENTO ESCOLAR DO GINÁSIO SÃO CARLOS – Caxias do Sul, 1949.

MOVIMENTO ESCOLAR DO GINÁSIO SÃO CARLOS – Caxias do Sul, 1936-1971.

MOVIMENTO ESCOLAR DO GINÁSIO SÃO CARLOS – Caxias do Sul, 1946-1955.

OLIVA, Ary Zatti. *Discurso de inauguração do Ginásio São Carlos*. Caxias do Sul, 1946.

ORGÃO INFORMATIVO INTERNO DO COLÉGIO SÃO CARLOS – Caxias do Sul/RS. ANO XIV – Nº1. mar./abr. 1991.

PROSPECTO DO COLÉGIO SÃO CARLOS – Dirigido pelas Irmãs de São Carlos – Rio Grande do Sul – Caxias do Sul, 1940.

QUADRO GERAL DE MATRÍCULAS DO 2º SEMESTRE DE 1946.

REGIMENTO INTERNO DO COLÉGIO SÃO CARLOS (1945) – Caxias do Sul/RS.

RELATÓRIO DE INSPEÇÃO (1950-1971), v. 3, Colégio São Carlos – escola de 1º e 2º Graus – Caxias do Sul /RS.

REVISTA CENTENÁRIO das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas (1895-1995). São Paulo: Loyola, Edição Histórica, 1995.

SÍNTESE HISTÓRICA DO GINÁSIO SÃO CARLOS (1949) – Caxias do Sul/RS.

APÊNDICE A – Discurso de Inauguração do Ginásio

Ary Zatti Oliva

Meus senhores, minhas senhoras

Já havia tempos que Constantino elevará a cruz às símbolos universal e a doutrina do Meigo de Nazareno conquistara a civilização antiga, quando um movimento migratório sem precedentes da história veio dar outra feição ao mundo dos romanos. – Os povos bárbaros, confiados as margens do Danúbio e do Vístula pelas legiões, romperam o cerco, invadiram a Gália, transpuseram os Alpes e se lançaram vorazes e curiosos, pelas luxuriantes planícies do Pó para subjugar e destruir a cidade Eterna. – E o mundo teria perdido toda a concepção filosófica e humanística dos pensadores helenos; todo o cabedal de leis e ensinamentos jurídicos dos legisladores e exegetas latinos si a Igreja de Jesus Cristo não tivesse recolhido o facho de luz, prestes a se apagar. – E quando o universo mergulhou na noite caliginosa da Idade Média e a ignorância campeavam mais absoluta e nefasta do que nos tempos primitivos, só uma instituição e um caminho: - a Igreja -.as nações em formação sem leis para disciplinalas; os povos, em constante agitação. Sem consciência de si próprios, preparavam, inadvertida e fatalmente um meio de autodestruição que só não chegou a se concretizar porque é Roma Imperial substituirá a Roma Cristianismo, farol orientador e seguro naquele mar escuro e proceloso em que se debatia a humanidade.

Dez séculos de paciente pregação; de missões e de cruzadas constituem o maior acervo de serviços prestados ao mundo. – Numa época em que a força era a condição de êxito e o egoísmo u fator de sobrevivência, em que as riquezas e a violência o sustentáculo do mundo, coube a Igreja educar os homens no principio da fraternidade, da compreensão, da tolerância e do perdão, materializando, nas ações e nos exemplos, os sublimes ensinamentos do Sermão da Montanha. –

E para estruturar as bases de uma nova civilização, para restituir aos homens o que um passado havia feito, pesando e discutido, a Igreja ao dispôs a realizar a grande, a imensa tarefa de educar. – E foram os sacerdotes, os cenobitas os clérigos, que paralelamente à divulgação da palavra de Deus, nas Igrejas, divulgavam as humanidades, nas escolas. –

E os antigos pergaminhos e as planchetas que haviam recolhido o pensamento cristalino de Sócrates, Platão e Aristóteles? As odes de Anacreonte; os cantos de Homero; sem tragédias de Eschilo; as historias de Heródoto, as fabulas de Pitágoras e de Euclides; as orações de Demostenes; os experimentos de Arquimedes, preciosos legados do mundo grego;

- as elegias de Virgílio; o *Corpo Juris Civilis*; os discursos de Cícero; as máximas de Marco Antônio, florões de uma organização politico-administrativo sem precedentes, eram revistos e copiados nas celas dos conventos e estudados e discutidos sob as velhas arcadas dos mosteiros venerandos. –

E as escolas – e uma só não houve que não fosse aberta pela mão generosa da igreja-prepararam o advento das universidades que se fundaram sob o patrocínio e direção dessa mesma Igreja. –

Bendita Igreja fanal da educação;

Igreja que salvou o passado para o presente; que abriu escolas e universidades;

Igreja gloriosa dos augustos doutores e pródiga e inexaurível Mecenas das artes, das letras e das ciências.

Bem-aventurada Igreja que seguindo as velhas tradições reúne centenas de Ordens Religiosas que, hoje como ontem, continuam erguendo Igrejas e abrindo escolas, como que agora inauguramos.

O Ginásio São Carlos, Borromeu que tem como patrono um dos diletos filhos da Igreja e que foi um padrão de cultura e de trabalho, que legou uma obra como esta Ordem que desafia os séculos; o Ginásio São Carlos Borromeu, é bem, nesta ocasião, uma demonstração que a antiga pujança continuará indesviável e inextinguível aquela sede de saber que levou São Carlos Borromeu organizar os aynodos em fundas a Biblioteca Ambrosiana. –

Caxias, com a inauguração do Ginásio São Carlos recebe, das mãos da Igreja, mais um régio benefício. E quando, em regozijo, através das devotadas Irmãs de São Carlos, numa solenidade festiva e expressiva como esta, tribu'a homenagem a um alto dignitário da igreja é como si Ela estendesse esta homenagem de reconhecimento filial.-

D. José Baréa, nosso muito amado Bispo Diocesano:

Quando as Irmãs deste Ginásio me pediram interpretasse o seu pensamento e dissesse a V. Excia. Revma. de sua gratidão, achei oportuno dizer, em páldas e rápidas palavras, o que tem sido a obra da Igreja no que tange ao ensino e á difusão da cultura. – Salientar essa obra gigantesca que foi uma verdadeira redenção da humanidade. –

Julguei oportuno porque não devemos deixar despercebidas estas ocasiões, mormente agora, nos nossos tempos, em que muitos transviados, esquecidos dos benefícios passados, imbuídos de um materialismo o teu ou de um laicismo exagerado, procuram denegrir um mérito inconfundível ou se antepor a marcha vitoriosa da igreja. – Lembram eles ou são eles vitimados por aquele estranho sentimento de regressão a barbaria que, de períodos em períodos, por inspiração satânica, ataca os grupos gracos, como acontecia nos tempos de

Israel quando o povo eleito, não obstante a continua presença do Senhor e as advertências dos profetas, se voltavam estranhamente para os ídolos enganadores e truculentos.

D. José Baréa:

V. Excia. Amigo da instrução: amparando e protegendo este Ginásio; possibilitando a sua realização, fez a obra da Igreja e se tornou credor da admiração e reconhecimento de todos os seus diocesanos. –

Não fora o piedoso interesse; o auxílio prestado, a assistência moral e material dispensada por V. Excia. e, por certo, a irmã deste Ginásio não viveriam este dia de gala e a população feminina desse bairro progressista não teria a escola que ora tem. –

É justa, pois, a homenagem que lhe é prestada, homenagem que além do reconhecimento filial ainda tem o caráter de mais um marco, mais uma conquista, mais um benefícios que a Igreja Católica Apostólica Romana preste aos homens. –

Esta placa comemorativa, além de enaltecer os justos méritos de V. Excia. Revma. assinala, para os que aqui vierem em busca de luzes, que a igreja de Jesus, eterna e vigilante, não descansa, continua e continuará sempre na sua obra excelsa de salvar as almas e aprimorar os intelectos. –

Dará também a certeza ao rebanho católico da Diocese que o seu Pastor é o Bom Pastor, o Pastor que cuida para que nada falte e arma as suas criaturas com o escudo da instrução, proteção eficaz que os lobos das estepes cereiam e respeitam. –

E há de ser grato a V. Excia. verificar a compreensão de seus diocesanos, como há de ser grato a V. Excia. contar com o aplauso e a colaboração da população católica deste bairro, confiada por V. Excia. Revma. à direção ao Pe. Eugênio Giordani, infatigável animador de obras cristãs: - escolas e Igrejas. –

Deus salve a V. Excia. Revma. -